



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado
Área de Concentração: Psicologia Aplicada



Renata Leite Cândido de Aguiar Moreira

**MATERNIDADES: OS REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS
UTILIZADOS PARA DESCRVÊ-LAS**

UBERLÂNDIA
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Renata Leite Cândido de Aguiar Moreira

**MATERNIDADES: OS REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS
UTILIZADOS PARA DESCRVÊ-LAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada
Eixo: Psicologia da Saúde

Orientador: Emerson F. Rasera

**UBERLÂNDIA
2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M838m Moreira, Renata Leite Cândido de Aguiar, 1982-
Maternidades : os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-
las / Renata Leite Cândido de Aguiar Moreira. - 2009.

176 f. : il.

Orientador: Emerson F. Raserá.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Pro-
grama de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia aplicada - Teses. 2. Maternidade - Teses. I. Raserá,
Emerson F. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.99



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA



Renata Leite Cândido de Aguiar Moreira

MATERNIDADES: OS REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS UTILIZADOS PARA DESCRREVÊ-LAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada
Eixo: Psicologia da Saúde

Orientador: Emerson F. Rasera

Banca Examinadora:

Uberlândia, 22 de Maio de 2009.

Prof. Dr. Emerson F. Rasera
Orientador (UFU)

Prof. Dra. Carla Guanaes
Examinadora (USP)

Prof. Dra. Paula Cristina Medeiros Rezende
Examinadora (UFU)

Prof. Dra. Cintia Braghetto Ferreira
Examinadora Suplente (UNICERP)

Dedicatória

Ao meu esposo, Alan;
aos meus pais, Abinel e Deusarina;
ao meu irmão, Alexandre;
protagonistas e co-autores
das histórias de amor mais bonitas
que tenho pra contar...

Agradecimentos

Considero que esta dissertação não é resultado, mas parte de muitas histórias e, creio eu, pode ainda narrar outras. Muitas também foram as pessoas que atuaram como parceiras, interlocutoras e co-autoras no tecer de cada uma dessas histórias. A todas essas, minha sincera gratidão.

No entanto, há entre essas pessoas algumas a quem eu gostaria aqui de expressar o meu carinho e agradecimento, pelas histórias significativas que produzimos juntos:

A Deus, pelo dom da vida; luz e força na minha caminhada.

Ao Alan, meu amigo, companheiro, incentivo, segurança, amor... Torcedor fiel em todas as minhas apostas. Parceiro nas conquistas e adversidades. Agradeço a sua presença, as palavras de estímulo, o acolhimento caloroso das minhas angústias, a confiança inabalável no meu trabalho... Também por ter embarcado comigo nessa aventura.

Aos meus pais, Abinel e Deusarina, meus alicerces... Referências, parceiros, amigos e companheiros em tantas de minhas empreitadas. Dizer obrigado parece pouco diante de tudo o que me ofereceram, de tudo o que me ensinaram e me ensinam na vida. São nossas todas as “minhas” conquistas.

Ao Alexandre, meu irmão, meu grande amigo. Presença garantida nas minhas histórias mais significativas. Sou grata pelo privilégio a mim concedido de crescermos juntos, pela relação de respeito, amizade e afeto que construímos. Muito obrigada.

Ao mestre, amigo, orientador, professor, Dr. Emerson F. Rasesa, pessoa e profissional que tanto admiro; que acolheu meus questionamentos iniciais e participou ativamente na construção de novas perguntas... Sou grata pela relação de afeto, confiança e respeito que constituímos. Que honra ter sido sua orientanda! Obrigada pela abertura ao diálogo, pelo incentivo e por todos os sentidos comigo compartilhados.

Às participantes da pesquisa que fizeram da entrevista um lugar de confiança e compartilharam comigo suas histórias de intimidade. Obrigada por me acolherem em suas casas e, especialmente, pelo desejo de contribuírem para este estudo e para minha formação como pesquisadora.

A todas as pessoas que compuseram o Grupo de Estudos e Pesquisas em Construcionismo Social – o “grupo do Emerson” – pelas valiosas contribuições para esse estudo e para o meu crescimento profissional e pessoal. Caminhar com vocês ampliou as minhas possibilidades de significado. A todos, o meu reconhecimento.

À Carolina, que foi mais do que uma auxiliar de pesquisa e dividiu comigo os longos momentos de transcrição. Agradeço o entusiasmo que compartilhou as suas impressões, por ter me doado parte de seu tempo, por ter sido fonte de apoio, cumplicidade e companhia. Obrigada.

Às queridas professoras Dra. Silvia Maria Cintra da Silva e Dra. Maria Lúcia Castilho Romera, que compuseram a banca na qualificação do projeto de pesquisa e possibilitaram a articulação de novos entendimentos para este estudo. Agradeço a vocês as preciosas contribuições e o carinho com que as fizeram.

Às queridas professoras Dra. Carla Guanaes, Dra. Paula Cristina Medeiros Rezende e Dra. Cintia Bragheto Ferreira, por aceitarem me fazer companhia em um momento tão importante, acolhendo o convite de fazer parte da banca de defesa deste trabalho.

À Lívia, minha companheira fiel. Parceira na graduação, no estágio, nos grupos de estudo, na elaboração do projeto de pesquisa, no mestrado, na clínica... Com quem compartilhei as dores e as delícias deste trabalho. Aprendi muito com você e sou eternamente grata pelo suporte, incentivo e amizade.

À Denise, carinhosamente a Dedê. Que privilégio contar com a poesia da sua presença nas conquistas e nas dificuldades desses últimos anos. Obrigada pela amizade, pelo carinho, pela cumplicidade na leitura e sugestões nos manuscritos, pelos nossos longos contatos telefônicos e eletrônicos e por tudo o que vivemos juntas.

À Viviane Pires, a Vivi, e à Luciane Guedes, a Lu, parceiras na elaboração desse projeto. Que tanto incentivaram o meu ingresso no mestrado. Que acompanharam a angústia da seleção e a alegria da conquista. Agradeço a vocês as histórias sempre intensas de carinho e amizade.

Aos alunos da disciplina Teorias e Técnicas de Grupo, que me permitiram estreitar na docência.

À Marineide, sempre tão prestativa, eficiente, carinhosa. Obrigada pela presença doce e notável desde os tempos da graduação e pela delicadeza em nos informar, nos atender, nos apoiar.

A todos meus amigos e familiares (os Leite, os Cândido, os Aguiar e os Moreira) que tanto me apoiaram e torceram por mim. Os nossos momentos juntos produziram preciosas narrativas de amizade, afeto e beleza.

Minha dissertação tem muito de vocês. Muito obrigada!

*“Mudamos a cada segundo
Somos feitos de versões, versos e aversões.
Depende do humor do mundo”.*
(Eveline P. Morsll)

RESUMO

Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las

Embora os primeiros anos da experiência da maternidade sejam colocados como um período crítico na vida da mulher, pouca assistência ainda é dirigida a ela nessa fase, sendo o bebê ou as questões biológicas o foco da atenção das ações da saúde pública e de grande parte das produções acadêmicas. Compreendendo a maternidade como uma construção que envolve múltiplos fatores e considerando a influência dos diversos discursos sociais na produção de uma concepção de maternidade e na padronização das formas de vivê-la, o presente estudo, inspirado pela perspectiva construcionista, pretendeu contribuir com a promoção de uma reflexão sobre as descrições socialmente disponíveis sobre o ser mãe e ser mulher. Nesse sentido, foi objetivo deste estudo identificar os repertórios interpretativos sobre a maternidade utilizados em entrevistas com mulheres que vivenciavam esta experiência. Participaram deste estudo 12 mulheres, com idade compreendida entre 18 e 36 anos, mães, usuárias de uma unidade de saúde materno-infantil, com filhos entre 4 meses e 14 anos, tendo o filho caçula entre 4 meses e 2 anos de idade. A construção do corpus foi realizada a partir da utilização das entrevistas individuais semi-estruturadas, que além de permitirem uma maior liberdade à entrevistadora em abordar os assuntos de interesse conforme eles surgissem na conversa, permitiram o resgate da história individual de cada participante em relação à maternidade. A análise foi realizada segundo as propostas de análise do discurso influenciadas pela perspectiva construcionista social, especialmente, pela noção de repertórios interpretativos. Após a transcrição de todas as entrevistas realizadas, houve uma leitura curiosa e reflexiva, possibilitando a identificação e análise dos repertórios interpretativos. A análise dos repertórios nos permitiu identificar algumas funções de seu uso, bem como suas implicações morais. Por meio da análise, identificamos que as participantes descreveram a maternidade utilizando-se de quatro repertórios básicos, que denominamos como: “*maternidade romântica*”, que é caracterizado por descrições que colocam a maternidade como um fenômeno natural, pleno e incomunicável; “*maternidade medicalizada*”, no qual a maternidade é apresentada por meio de um vocabulário médico e psicológico; “*maternidade exigente*”, em que as descrições enfatizam as exigências do exercício de ser mãe e “*aprendendo com a maternidade*”, por meio do qual a maternidade é descrita como oportunidade de aprendizado e mudanças. Observamos que ao utilizarem tais repertórios, as participantes procuraram se colocar como boas mães, buscando um lugar confortável e um julgamento favorável na interação. Acreditamos que este estudo, além de nos permitir identificar os repertórios e analisar os elementos relacionados a esses conjuntos, também possibilitou espaço para reflexão sobre os sentidos de maternidade. E, dessa forma, este estudo buscou destacar a importância dos profissionais – médicos, enfermeiros, psicólogos, educadores, pesquisadores – bem como da sociedade, de forma geral, serem sensíveis aos repertórios interpretativos disponíveis socialmente os quais ampliam ou limitam as possibilidades de sentido sobre a maternidade, assim como, muitas vezes, servem para sustentar discursos e práticas opressivas para as pessoas, homens e mulheres, mães e não mães.

Palavras-chave: Maternidade, Repertórios Interpretativos, Saúde da mulher.

ABSTRACT

Motherhoods: the interpretative repertoires used to describe them

Although the first years of motherhood is placed as a critical period in the life of the woman, little assistance is directed her in this phase, being the child or biological questions the focus of the attention of the actions of the public health, as well as of great part of the academic productions. In this study, we understand the motherhood as a construction that involves multiples factors and we also consider the influence that the social speeches supported in the production of a concept of motherhood and the standardization of the ways to live it. The present study, inspired by the constructionist perspective, intended to contribute to the promotion of reflection about the socially descriptions available on being a mother and a woman. In this sense, the aim of this study was to describe the interpretative repertoires about the motherhood used by women who lives motherhood experience. We interviewed twelve mothers, among 18 and 36 years old who take part of a maternal and child Care Center, whose children were between 4 months and 14 years old, that the youngest child was between 4 months and 2 years old. The construction of the corpus was performed from the use of semi-structured individual interviews, which in addition, allowed us a greater freedom for the interviewer to address the issues of interest as they arise in the conversation, and it helped us to rescue personal ways of developing concepts around motherhood. The analyses were performed according to discursive analysis influenced by social constructionist perspective, emphasizing the notion of *interpretative repertoires*. After the transcription of all interviews, there was a curious and reflective reading, enabling the identification and analysis of interpretative repertoires. The analysis of the repertoires had enabled us to identify some functions of its use, and its moral implications. Through analysis, we identified that participants described motherhood using four basics repertoires, which we named as (1) “*romantic motherhood*”, which is characterized by descriptions that put motherhood as a natural, full and incommunicable phenomenon; (2) “*medicated motherhood*”, in which motherhood is presented by a medical and psychological vocabulary; (3) “*exigent motherhood*” in which descriptions emphasize the demands in the exercise of being mother and (4) “*learning with the motherhood*”, through which motherhood is described as an opportunity for learning and changing. We observed that when such repertoires were used, the participants tried to put themselves as good mothers, seeking a comfortable place and a positive assessment in the interaction. We believe that this study had enabled us to identify the repertoire and to analyze the elements in those sets, also had allowed us to create a moment for reflection about the meanings of motherhood. And thus, this study highlighted the importance of professionals – doctors, nurses, psychologists, educators, researchers – and the society in general being sensitive to interpretative repertoires socially available which can expand or limit the possibilities of meaning around motherhood, and often serve to maintain oppressive discourses and practices for people – men and women, mothers and not mothers.

KEY WORDS: motherhood; interpretative repertoires; women’s health.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

1. Apresentação.....	01
2. Introdução.....	08
3. Maternidade: uma construção histórica.....	14
3.1. Maternidade, família e infância: construções articuladas.....	15
3.2. Maternidade entre fronteiras: o discurso religioso e o discurso médico.....	20
3.3. A maternidade no discurso psicológico.....	23
3.4. Maternidade em transição: a emergência da maternidade como escolha.....	26
3.5. Maternidade e profissão: uma relação delicada.....	28
4. O construcionismo social, a análise do discurso e os repertórios interpretativos.....	31
4.1. A pesquisa qualitativa e o construcionismo social na produção do conhecimento.....	31
4.2. O Discurso e a Análise do Discurso.....	35
4.3. Investigando os repertórios interpretativos.....	39
5. A pesquisa: objetivo, participantes, construção e análise do corpus e aspectos éticos.....	43
5.1. Objetivo.....	43

5.2. Participantes.....	43
5.3. Passos na construção do corpus.....	44
5.4. Passos na análise do corpus.....	47
5.5. Aspectos éticos.....	48
6. Análise.....	50
6.1. “Maternidade Romântica”.....	51
A) Ser mãe: experiência plena, instintiva, natural e incomunicável.....	52
B) Maternidade como sonho.....	57
C) Amamentação como momento de encontro e ligação entre mãe e filho.....	61
6.2. “Maternidade Medicalizada”.....	63
A) Os riscos da gravidez e do parto.....	64
B) A normatização do corpo “perfeito e saudável”.....	69
C) Descrições de maternidade psicologizadas.....	72
6.3. “Maternidade Exigente”.....	78
A) Nas exigências da maternidade: renúncia e cuidado.....	79
B) A boa mãe é “mãe mesmo”, “mãe de verdade”, “mãezona”.....	85
C) O ser mãe como exigência.....	89
6.4. “Aprendendo com a maternidade”.....	93
A) Maternidade como processo contínuo de aprendizado.....	94
B) Aprendizado em termos das mudanças em si e nos relacionamentos estabelecidos.....	97
B1) Como pessoa.....	98
B2) Como filha.....	101
B3) Como esposa.....	103

7. Revendo alguns conceitos e outras questões.....	107
7.1. Os repertórios de maternidade: tensões e funções.....	108
7.2. A variabilidade dos repertórios: maternidade e profissão, maternidade e paternidade.....	114
7.3. Repensando a maternidade a partir do conceito de Repertórios Interpretativos....	119
7.4. Mulheres, psicólogas e pesquisadoras: implicações metodológicas da participação na pesquisa.....	122
8. Referências.....	128

APÊNDICES

Apêndice 1. Características socioculturais das participantes

Apêndice 2. Roteiro das entrevistas semi-estruturadas

Apêndice 3. Transcrição de uma entrevista na íntegra

Apêndice 4. Termo de Consentimento Livre e Informado

ANEXOS

ANEXO 1. Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

1. Apresentação

Desde que elegi a maternidade como tema de interesse e de investigação venho me interrogando e, sendo também questionada, sobre as motivações que me levaram a essa escolha. “Não, não sou mãe”. Essa tem sido a minha resposta mais recorrente desde que se iniciaram os meus estudos com essa temática. Parece estranho ou surpreendente aos meus interlocutores, que eu, não sendo mãe, me aventure a investigar a produção de sentidos e significados sobre a maternidade. E é por soar tão diferente aos ouvidos alheios que intensifiquei o diálogo estabelecido comigo mesma, buscando resgatar os eventos, os discursos e os meus motivos na construção dessa opção.

Tentando ser fiel a esse resgate, penso que meus motivos já existiam, ainda que incipientes, muito antes do meu contato com a Psicologia. Parece que sempre me inquietaram descrições sobre o modo como as coisas são ou o modo que elas deveriam ser. As descrições sobre os homens e as mulheres então, eram as que mais provocavam inquietações, vagas formulações e incertezas.

Penso agora que foi justamente esse meu incômodo com as descrições deterministas que me aproximaram com tamanha paixão e entusiasmo da disciplina História da Mulher e Relações de Gênero no meu primeiro período da graduação em Psicologia. Recordo como o conteúdo abordado na disciplina trouxe-me uma sensação de abrir inúmeras portas às minhas perguntas e também de como despertou o meu olhar para o contexto histórico e social na definição e no status das coisas, das descrições.

Como aluna da graduação, aprendia também sobre teorias baseadas na Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia da Personalidade sobre a importância do contexto, das relações estabelecidas nos primeiros anos da vida humana e da participação da mãe para o desenvolvimento da criança.

Ao final do terceiro ano da graduação, iniciei o estágio no Hospital das Clínicas, realizando atendimentos em três clínicas, entre elas, a Ginecologia e Obstetrícia. Acompanhei o período inicial do pós-parto de muitas mulheres, uma vez que ocorria com frequência a solicitação do serviço psicológico para casos que, frequentemente, tinham nos prontuários o diagnóstico de depressão pós-parto. Nas conversas com essas mães, sempre ouvia sobre o medo envolvido no cuidar do bebê, no receio de que “não dariam conta do recado”, de que não saberiam ser mães. E, influenciada por essas falas, eu saía dos atendimentos convencida de que seria realmente muito difícil ser mãe.

Outras impressões também foram marcando-me pelo caminho... Meu encontro com a perspectiva construcionista social também se iniciou nesse período, permitindo-me conhecer leituras novas sobre a ciência e o olhar para as relações. Considerar o ser humano a partir de sua inserção social, compreendê-lo como constituído nas e pelas práticas discursivas, noções que me haviam sido apresentadas nas discussões de autores sócio-históricos como Vygotsky, pareciam ganhar um novo tom e encanto naquele momento.

Aproximei-me, então, da prática construcionista, por meio de um estágio curricular em Psicoterapia de Grupo e, aos poucos, consegui ir formulando questões a partir deste referencial, além de imaginar formas variadas de viver e significar essas vivências. Penso que foi justamente a multiplicidade do construcionismo que ajudou a organizar as inúmeras vozes que acompanhavam o meu caminhar.

Em um ano de estágio atendemos dois grupos compostos exclusivamente por mulheres, fato que se deu pela demanda e condições do serviço na clínica-escola em que atuávamos e que me colocaram mais uma vez diante das minhas inquietações sobre gênero, sobre as definições fixas e também sobre o ser mulher e ser mãe. Era comum ouvirmos nos grupos (assim como é comum também fora deles) frases do tipo: “Quando você for mãe você vai entender”, “Só quem é mãe sabe”, “Ah, mas eu sou mãe, né?”. Todas as dores,

preocupações, angústias e também as conquistas e alegrias pareciam ser justificadas quando acompanhadas dessas pequenas frases. Comentários que pareciam dizer de uma descrição natural, previsível e lógica a todas as mulheres nessa condição.

Estas descrições pareciam-me também universalizantes, deterministas e, muitas vezes, limitadoras. Comecei, então, a cogitar a possibilidade de descrições alternativas e acho que também por isso, consegui ouvir coisas diferentes. Considero interessante pensar que iniciei a pesquisa de campo antes mesmo de começar o estudo de fato. Porque já inserida na problemática e profundamente envolvida com a mesma, acompanhei muito de perto essa vivência inicial da maternidade de duas primas e uma amiga, todas na mesma época. Parecia-me que as minhas amigas mais íntimas estavam se tornando mães, e agora vejo como eu é que estava ainda mais próxima delas nesse momento.

Cada uma delas, à sua maneira, relatou-me as sensações desse momento e alguns desses relatos pareciam-me comuns, próximos, em comunicação. Outros pareciam singulares, destoantes, sós. Acreditei que aí deveria centrar o meu esforço, na diversidade dos relatos, dos sentidos, das produções. Arriscar-me por outros caminhos frente ao desconforto sentido diante de algumas possibilidades. Tentar uma ampliação nos discursos, possibilitar espaço para a reflexão das descrições existentes e para o surgimento de descrições alternativas, enfim, abrir portas para diferentes possibilidades.

Percebi que eu buscava em minha pesquisa uma prática que permitisse tanto um acolhimento quanto uma reflexão sobre as diversas formas de ser mãe, de ser mulher, de ser...

Diante disso, iniciei uma pesquisa bibliográfica sobre o tema e a literatura existente apontava para a necessidade de uma maior compreensão do fenômeno da maternidade, dos fatores sócio-históricos a ele articulados e suas implicações para a saúde e bem-estar das mulheres, especialmente, das que vivenciam o período inicial do pós-parto. Assim, ingressei no mestrado; e nas pesquisas realizadas na literatura fui compreendendo que a relevância

científica deste trabalho também pode ser ressaltada, como apontam alguns autores, pela precariedade de estudos na área que compreendam a maternidade como fenômeno que aborda questões amplas de saúde; pela pouca assistência dada à mulher nessa fase caracterizada como crítica e pela necessidade de estudos que abordem o tema considerando o contexto sócio-histórico. Foi deste modo que surgiu este estudo e, inspirado pela perspectiva construcionista social, ele pretende contribuir para a promoção de práticas de saúde voltadas para a mulher e para a reflexão sobre os discursos sobre a maternidade e o “feminino”.

Entretanto, embora o tema de pesquisa tenha permanecido durante o percurso no mestrado, a forma de organizá-lo e estudá-lo foi sendo moldada aos interesses e às condições da realização da pesquisa. Inicialmente, organizamos o trabalho – eu e meu orientador sempre companheiro - em torno de duas técnicas metodológicas distintas: os grupos focais, em um primeiro momento e, posteriormente, as entrevistas individuais semi-estruturadas. Imagínávamos que os grupos permitiriam uma simulação de contextos comunicativos rotineiros, o que poderia servir para observarmos os sentidos compartilhados pelo grupo, a negociação desses sentidos, bem como as tensões entre os membros em interação.

A opção pelas entrevistas, em um segundo momento, era justificada pelo nosso entendimento de que esse recurso nos permitiria abordar questões não discutidas nos grupos, além de um resgate da história individual de cada participante no que se refere às questões da maternidade.

Porém, todas as tentativas de realização dos grupos mostraram-se ineficazes. Ou não conseguíamos, durante os contatos presenciais e telefônicos, um número suficiente de mulheres disponíveis no mesmo dia e horário para realização dos grupos, ou quando o conseguíamos elas não compareciam, ou ainda como aconteceu duas vezes em que compareceram duas mulheres, vinham em número insuficiente.

Percebemos, assim, a dificuldade do uso dessa técnica com o público que havíamos selecionado e, conversando com algumas mulheres que freqüentavam a instituição, entendemos que uma das dificuldades dessa técnica era a necessidade de fazer as mães saírem de casa ou do trabalho em um horário determinado. Assim, começamos a nos dar conta de que realizar entrevistas nas residências dessas mulheres poderia ser o recurso metodológico mais apropriado diante das condições encontradas para que conseguíssemos atingir os objetivos que tínhamos proposto neste trabalho.

Então, fazendo negociações e opções no próprio caminhar da pesquisa, decidimos abdicar dos grupos. E ao ir negociando também as perguntas que buscávamos responder com este estudo, reestruturamos as questões do roteiro de entrevistas, buscando criar espaço para a expressão de outras vozes envolvidas na história de cada participante que propúnhamos ouvir com essa técnica.

Nesse sentido, queremos explicitar como o delineamento da pesquisa foi sendo realizado em cada passo e em cada aposta, possibilitando também novas perguntas e novas impressões. E entre as propostas constituídas neste caminho uma parecia se fortalecer, a de que este trabalho servisse como momento de acolhimento das mães, permitindo uma reflexão das descrições, dos sentimentos e das expectativas em relação ao ser mãe e ser mulher.

Assim, cada opção realizada neste percurso esteve amparada pela tentativa de atendermos o objetivo de identificar os repertórios interpretativos sobre a maternidade utilizados em entrevistas com mulheres que vivenciavam esta experiência. Também buscamos com a realização desta pesquisa promover uma reflexão sobre o conjunto dos repertórios interpretativos associados à maternidade, os elementos que o constituem, suas formas de uso e suas implicações para o ser e o fazer no cotidiano, levando em consideração as influências sócio-históricas no jogo destas construções discursivas.

E foi buscando essa reflexão sobre os múltiplos fatores envolvidos na construção da maternidade e a influência dos diversos discursos sociais no processo de produção de sentidos que o resgate histórico dos diferentes modos de se descrever a maternidade pareceu-nos significativo para a contextualização deste trabalho.

Dessa forma, o que apresentamos no segundo capítulo é uma introdução às descrições sobre o período inicial da maternidade, ou seja, sobre as imagens existentes na literatura sobre os primeiros anos do pós-parto, nas quais se destaca o caráter ambivalente deste contexto, bem como o escasso investimento tanto dos serviços de saúde como dos estudos acadêmicos nessa fase descrita como crítica para a saúde da mulher.

Em seguida, no terceiro capítulo, buscamos uma contextualização histórica da maternidade, pontuando como os diversos arranjos e discursos produzidos sobre a família e a infância vão paulatinamente circunscrevendo lugares para as mulheres, e dessa forma também, como o discurso religioso e os saberes produzidos pelos especialistas, médicos, psicólogos, psicanalistas vão conferindo uma significação particular à maternidade. Pontuamos também como as transformações sociais, tecnológicas e a inserção da mulher no mercado de trabalho além de afetarem a estruturação da sociedade, também modificaram os entendimentos sobre as formas de ser mãe e ser mulher.

No quarto capítulo, buscamos explorar os fundamentos epistemológicos e metodológicos deste trabalho, trazendo, a partir de uma breve revisão da literatura, as especificidades do construcionismo social na produção do conhecimento; uma curta apresentação da abordagem qualitativa utilizada neste trabalho, bem como a contextualização da análise do discurso a ser empregada nesta pesquisa, a partir da ênfase na noção dos repertórios interpretativos, privilegiada no processo de análise proposto.

No quinto capítulo, apresentamos detalhadamente a pesquisa – desde o seu objetivo, a seleção das participantes, a forma de contato com as mesmas, a descrição do contexto no qual

as participantes foram selecionadas, os passos utilizados para construção e análise do corpus e os aspectos éticos.

No sexto capítulo, o foco de atenção é dirigido à caracterização dos quatro repertórios interpretativos identificados no contexto das entrevistas – “*maternidade romântica*”, “*maternidade medicalizada*”, “*maternidade exigente*” e “*aprendendo com a maternidade*” – bem como aos sentidos produzidos por meio de cada conjunto, às funções e implicações do uso de cada repertório.

E finalmente, no capítulo sete, retomamos questões teóricas e práticas decorrentes da análise realizada, buscando desenvolver algumas considerações sobre o conteúdo das descrições, sobre as contribuições e os desafios de pesquisar a maternidade a partir da perspectiva dos repertórios interpretativos. Buscamos também refletir sobre a participação da mulher e psicóloga como entrevistadora e pesquisadora, bem como sobre a participação das entrevistadas na pesquisa.

Esperamos que essa apresentação, além de explicitar os passos empregados na elaboração e realização da presente pesquisa, esclareça também aos nossos interlocutores o caminho percorrido na definição do tema aqui apresentado, que assim como a construção dos significados e sentidos sobre a maternidade, também é fruto de um processo histórico, interligado aos diversos momentos vivenciados e à multiplicidade de vozes e inquietações existentes no caminho da pesquisadora que neste estudo se estréia e se constitui.

Por fim, desejamos ao leitor, que seja nosso companheiro nessa aventura que, embora possa parecer longa, inicia ainda seus primeiros passos e, quem sabe, as imagens realçadas aqui o permitam vislumbrar também outras paisagens.

2. Introdução

A ênfase dada à maternidade, segundo Oliveira e Pelloso (2004), é uma preocupação cada vez mais constante das áreas que envolvem pesquisadores e profissionais da saúde, em especial da Saúde Pública. Há que se considerar, porém, que a maioria da literatura nesse âmbito, segundo Stefanello (2005), normalmente circunscreve o assunto às questões ligadas à saúde física, bem como polariza a atenção na criança, como é o caso dos trabalhos voltados aos recém nascidos de baixo peso, às campanhas de amamentação e às resoluções do parto.

Estudos psicológicos que investigam os primeiros anos da experiência da maternidade enfatizam especialmente os dois primeiros e normalmente os descrevem como um período de transição, de (re)descobertas, de (re)construções, de vivência de novos posicionamentos e papéis, e por isso, conferem a esse período um caráter crítico e ambivalente. (Felice, 2000; Schwengber & Piccinini, 2005; Stasevskas, 1999).

Entretanto, apesar deste ser considerado um período de grande vulnerabilidade emocional e orgânica para a mulher, Stefanello (2005) aponta que os primeiros anos do pós-parto são, nesse ciclo entre gravidez e pós-parto, o momento em que a mulher fica mais desassistida pelos profissionais da saúde, uma vez que o bebê é o foco primeiro de todas as ações de cuidado, e mesmo as ações que nessa fase são dirigidas à mãe visam indiretamente o bebê.

Acrescida a essa pequena parcela de atenção à mulher nessa fase, as limitações impostas pela maternidade e a cobrança da responsabilidade pelo filho por parte dos familiares e da sociedade são colocados como fatores que possibilitam o surgimento de sentimentos contraditórios na vivência inicial da maternidade. (Stasevskas, 1999).

Em estudos recentes, Felice (2000), Schwengber e Piccinini (2005) e Stefanello (2005) enfatizam que a maternidade inaugura uma nova fase na vida da mulher, uma vez que a

experiência de ter um filho e de ser mãe acarreta consideráveis mudanças em relação à situação anterior, podendo se constituir como um evento propício à origem de problemas emocionais pelo surgimento de uma variedade de sentimentos, reações e expectativas.

A depressão materna comumente associada ao nascimento de um bebê ou à própria experiência da maternidade pela mãe compreende um conjunto de sintomas severos que atinge de 10% a 15% das mulheres, enquanto que a melancolia no pós-parto, denominada “blues da maternidade”, apresenta uma incidência de 50% a 80%. (Felice, 2000; Schwengber & Piccinini, 2005).

Outras abordagens sobre o tema sugerem que os significados atribuídos atualmente à maternidade, bem como os sentidos que cada mulher confere ao fenômeno são contingenciados pelos discursos sócio-históricos que constroem significados específicos sobre o que é ou deveria ser a maternidade, os quais estabelecem formas determinadas de exercê-la que influenciam no fazer cotidiano dessas mães. (Scavone, 2004; Stasevskas, 1999; Stefanello, 2005).

As autoras Szapiro e Féres-Carneiro (2002) também evidenciam a frequência com que os estudos que abordam a problemática da maternidade tendem a biologizar o assunto, tratando-a como uma questão de reprodução humana. Colocam ainda que a maternidade constitui-se como evento cultural e, dessa forma, ressaltam a necessidade de estudos que retomem a maternidade em sua irredutibilidade simbólica, a qual se ajusta a determinados contextos sócio-históricos.

Dessa forma, ao abordar a maternidade, segundo Schwengber e Piccinini (2003, citados por Schwengber & Piccinini, 2005) e Stefanello (2005) é preciso lidar com questões mais amplas de saúde, de forma a incorporar o contexto social, político, familiar e cultural e não somente a dimensão individual daqueles que necessitam de assistência.

Buscando também esse entendimento mais amplo sobre a maternidade, Fidalgo (2003) aponta a escassa referência na literatura sobre estudos com as descrições das mães e de seus entendimentos sobre a maternidade, destacando a quantidade de referências sobre conselhos de peritos, explicações médicas, psicológicas e psicanalíticas, discursos prescritivos de ordem moral e recomendações sobre a forma como as mulheres devem ser mães, mas não as vozes das mães.

E as definições em alguns desses estudos consultados (Badinter, 1985; Fidalgo, 2003; Scavone, 2004; Stasevskas, 1999; Stefanello, 2005) enfatizam como as construções a respeito da maternidade vão sendo modificadas historicamente, uma vez que este é um fenômeno não apenas biológico, como também culturalmente contextualizado, perpassado por questões políticas, econômicas, sociais, psicológicas e históricas, as quais, por sua vez, interferem nos significados e sentidos atribuídos à maternidade.

Algumas autoras (Badinter, 1985; Fidalgo, 2003; Rocha-Coutinho, 2001; Scavone, 2004; Stasevskas, 1999) ressaltam que não há como se pensar a maternidade sem se pensar o lugar da mulher na sociedade, evidenciando como os discursos apoiados nas construções de gênero vão associando historicamente os encargos maternos aos processos biológicos da reprodução, e como as constantes mudanças na imagem da mulher levam também a um jogo de construção e desconstrução da maternidade.

E é refletindo sobre o lugar ocupado pela mulher, pelos discursos de gênero e pelas questões biológicas na construção da maternidade, que Badinter (1985) coloca como este fenômeno, bem como o amor materno, concebidos em termos de instinto, nos levam a crer facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher e assim, revigoram a noção de que toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Nesse mesmo exercício de pensar a maternidade como construção ideológica, social e histórica, Fidalgo (2003) coloca como os cuidados exigidos pelos recém-nascidos

podem ser vivenciados com sentimentos de frustração, culpa e angústia pelas mães, uma vez que fatigantes e repetitivos, inúmeras vezes, são silenciados nesse discurso idealizado da maternidade.

E embora importantes transformações venham ocorrendo nos últimos tempos, é preciso não supervalorizar essas mudanças, já que simultaneamente a essa inserção da mulher no mercado de trabalho, mais socialmente participante é esperado da mãe, a responsabilidade e o cuidado com o filho, com a dedicação e disponibilidade de épocas anteriores. Nesse contexto, as questões do mundo privado deixam de ser sua única preocupação, mas continuam cabendo à mulher a responsabilidade maior, havendo assim uma sobrecarga de trabalho e de funções a serem exercidas. (Baptista, 1995; Grant, 2001; Rocha-Coutinho, 2001; Stasevskas, 1999).

Resgatando os discursos que vão historicamente construindo significados para a maternidade, bem como para o ser mãe e o ser mulher, Dias e Lopes (2003) e Stasevskas (1999) colocam como as alterações da imagem da criança, as diferenças biológicas entre os sexos, as questões orgânicas envolvidas na reprodução e as alterações na família possibilitaram que historicamente fossem sendo construídos discursos médicos, religiosos, econômicos, científicos que, sobretudo, designaram e ainda designam lugares, funções e papéis para as mulheres em relação à maternidade. Dessa forma, segundo Stefanello (2005), as construções de gênero constituídas historicamente ainda orientam as relações sociais, estabelecem componentes normativos para a prática da maternidade e remetem a limitações, desempenhos e padrões comportamentais iguais para todas as mulheres.

Tais questões de gênero, como faladas e assumidas hoje, de acordo com Nogueira (2001), foram constituídas pelos discursos das ciências e, consideradas como discursos, são constituídas como um processo, não como uma resposta fixa, podendo ser teorizadas de várias maneiras. Nesse aspecto, o gênero não é uma questão de identidades individuais, unitárias e

consistentes de homem e mulher, pelo contrário, desenvolve-se mediante peças de discurso, organizadas num sistema de significados disponíveis aos indivíduos, de forma a darem sentido às suas posições, historicamente identificadas como femininas ou masculinas.

Denunciando esse movimento de padronização da maternidade promovido pelos discursos sociais, Fidalgo (2003) ressalta a quantidade de produção literária dirigida à mulher-mãe, com o objetivo de fornecer métodos e técnicas de como criar o filho, de como ter um bebê, como ser, além de mãe, uma boa mãe; assuntos esses também tratados pelas pessoas próximas da mulher. Nesse contexto, assumir esse novo papel construído pelos ideais sociais, pode acabar se constituindo em foco de tensões e culpas para essa mãe.

Por outro lado, abdicar da maternidade pode significar muitas vezes uma perda crucial, ou o abrir mão de uma parte importante, se não essencial, da própria identidade, uma vez que os discursos construídos socialmente sobre maternidade ainda trazem a idéia de que a mulher só será completa, realizada, feliz e autêntica se for mãe; como se a mulher precisasse ser mãe para ser mais mulher. Assim, os discursos sobre a maternidade assumem um conteúdo antropológico, sociológico, histórico e ideológico tão forte que fica quase impedida qualquer reflexão a respeito; assumem um caráter quase inquestionável. (Stasevskas, 1999).

E dessa forma, como afirmam Dias e Lopes (2003), tende-se a pensar na maternidade e no papel materno como algo instintivo, como uma tendência inata das mulheres. Contudo, as atitudes maternas, bem como o papel de mãe, têm se modificado com o decorrer de nossa história, o que pode nos levar a pensar a maternidade como construção sócio-histórica que se ajusta a um determinado contexto cultural.

E ao considerarmos a maternidade como uma construção social, legitimada pelos diversos discursos sociais, algumas perguntas podem ser levantadas: Que práticas sociais estes discursos sobre a maternidade sustentam? Que descrições identitárias estão sendo

possibilitadas, sustentadas ou impedidas por tais discursos? Que descrições parecem dificultar a vivência inicial da maternidade? Que descrições parecem facilitar essa mesma vivência?

3. Maternidade: uma construção histórica

A historiografia sobre o tema vem produzindo pesquisas significativas no campo dos estudos de gênero desde meados da década de 1980, tanto no meio acadêmico americano quanto europeu. No Brasil, esta é ainda uma área temática que começa a dar seus primeiros passos, envolvendo pesquisadores não só da história, como também da área de saúde, da sociologia e da antropologia (Martins, 2005).

A maternidade configura-se como uma questão central na constituição e na sustentação das ideologias de gênero e será aqui conceitualmente entendida como uma construção social enraizada material e simbolicamente variando segundo diferentes contextos históricos, sociais, econômicos e políticos. Parte-se, pois, da idéia de que, historicamente, o valor dado à maternidade, ao relacionamento mãe-criança e ao amor materno nem sempre foi o mesmo, sendo que as variações que as concepções e práticas relacionadas à maternagem apresentam são produzidas por uma série de discursos sociais, dentre os quais os discursos e práticas científicas assumem um importante papel.

Diversas revisões históricas acerca da instituição familiar (Ariès, 1981; Badinter, 1985; Costa, 1989) sugerem que a exaltação ao amor materno é fato relativamente recente na história da civilização ocidental, constituindo-se esse tipo de vínculo, tradicionalmente descrito como “instintivo” e “natural”, em um mito construído pelos discursos filosófico, médico e político a partir do século XVIII.

Badinter (1985), que vem questionar o caráter inato conferido ao amor materno e colocá-lo como um valor social, não nega a existência deste amor nos anos anteriores ao século XVIII, mas evidencia que este não se constituía como valor familiar e social na importância, conotação e posição que assumiria mais tarde.

Veremos, a seguir, como o surgimento de um sentimento de infância, as alterações na família, as necessidades do mercado e a crescente valorização do discurso médico foram historicamente permeando construções sobre a maternidade, o amor materno e a mulher-mãe.

3.1. Maternidade, família e infância: construções articuladas

Em seus estudos sobre o amor materno e a maternidade na Europa, especialmente na França até meados do século XVIII, Badinter (1985) identifica a desvalorização dada à maternidade em toda a Idade Média e mesmo na Antigüidade como relacionada à ênfase no poder paterno que acompanhava a autoridade marital. O homem era, então, percebido como superior à mulher e à criança, diferença essa concebida como inerente à natureza humana, que o dotaria, pois, de uma autoridade natural sobre a esposa e os filhos.

Um breve olhar para a história permite situar a emergência e consolidação de uma nova concepção de infância e também de uma nova forma de organização familiar - a família nuclear burguesa - e a correlata definição social das mulheres como esposas e mães.

E é regatando esse olhar que Ariès (1981), pesquisador francês, aponta que o conceito ou a idéia que se tem da infância foi sendo historicamente construído e que a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim como um adulto em miniatura. Nesse sentido, a história da infância surge como possibilidade para reflexões sobre a forma como entendemos e nos relacionamos atualmente com a criança, bem como para as implicações do desenvolvimento deste conceito para o surgimento de um novo ideário de família e de maternidade.

Segundo Ariès (1981), na Idade Média, as crianças permaneciam vinculadas às suas famílias por pouco tempo, até entre os sete e dez anos, quando eram entregues a outras famílias para receberem instrução na condição de aprendizes. A aprendizagem não se exercia

na condição formal da escola, mas confundia-se com o exercício das tarefas domésticas cotidianas, sendo o convívio com os adultos parte deste processo.

Assim, a criança pequena não era tida em conta, o que, de acordo com Ariès (1981), justificava-se, em parte, pela fragilidade física que tornava sua sobrevivência pouco provável nas condições da época. Badinter (1985) aponta que do fim do século XVI ao início do século XVIII, o envio de crianças para a casa de uma ama conquistou a família burguesa, constituindo-se como moda e, estendendo-se mais tarde, para todas as camadas da sociedade urbana.

Estes também foram séculos de altos índices de mortalidade e de práticas de infanticídio. Segundo Donzelot (1986), os elevados números de mortalidade eram atribuídos ao costume das mulheres aderirem ao recurso das nutrizas do campo para cuidar das crianças. Como as nutrizas tinham muitas dificuldades para receberem o pagamento, elas se ocupavam de várias crianças ao mesmo tempo para compensar este risco e, nestas condições, a mortalidade das crianças era enorme.

Ainda nesta época, freqüentemente, ocorria das crianças serem jogadas fora e substituídas por outras sem sentimentos, na intenção de conseguir um espécime melhor, mais saudável, mais forte que correspondesse às expectativas dos pais e de uma sociedade que estava organizada em torno dessa perspectiva utilitária da infância. O sentimento de amor materno não existia como uma referência à afetividade. A família era social e não sentimental. (Ariès, 1981).

Nesse contexto, as mudanças com relação ao cuidado com a criança só vêm ocorrer mais tarde, no século XVII, com a interferência dos poderes públicos e com a preocupação da Igreja em não aceitar passivamente o infanticídio, antes secretamente tolerado. Preservar e cuidar das crianças seria um trabalho realizado exclusivamente pelas mulheres, no caso, as

amas e parteiras, que agiriam como protetoras dos bebês, criando uma nova concepção sobre a manutenção da vida infantil.

Desta forma, de acordo com Ariès (1981), o sentimento de família, como o conhecemos, data de fins do século XVII e início do século XVIII, e o aparecimento do sentimento de infância se relaciona às transformações pelas quais a família medieval teria passado até adquirir as características identificadas na modernidade. Entre elas, a modificação dos hábitos educacionais, passando-se da aprendizagem cotidiana exercida no ambiente doméstico à escolarização maciça da infância e a modificação da condição de transmissão de bens, passando-se a reconhecer a igualdade entre os filhos no direito à herança.

É, portanto, no espaço da família burguesa que surge um sentimento novo entre os membros da família, particularmente entre mãe e filho: "o sentimento de família, 'essa cultura', centralizava-se nas mulheres e crianças, com um interesse renovado pela educação das crianças e uma notável elevação do estatuto da mulher". (Ariès, 1981, p. 25).

Entretanto, segundo Donzelot (1986), embora o sentimento moderno da família surja nas camadas burguesas e nobres, este é, posteriormente, estendido para todas as classes sociais, inclusive o proletariado do fim do século XIX.

E, segundo este mesmo autor, é a partir de meados do século XIX que floresce uma abundante literatura sobre a importância da conservação das crianças para o fortalecimento das famílias. Todos – médicos, administradores e também militares – colocam em questão os costumes educativos de seu século visando afirmar o sentimento de família, produzindo a normatização social e familiar.

Assim, é neste período, não por acaso, que emerge o apego pelas crianças:

E a mãe encontrava sua alegria no meio de seus filhos, que não mais pertenciam a um meio intermediário entre o ser e o não ser: 'a companhia de

meus filhos é minha única delícia'. Observamos aqui ao vivo a relação entre os progressos do sentimento da infância e os progressos da higiene, entre a preocupação com a criança e a preocupação com a saúde, outra forma dos laços que uniam as atitudes diante da vida às atitudes diante da morte (Ariès, 1981, p. 268).

A educação das crianças - neste momento, já formalizada na instituição escolar - passa a ser o investimento prioritário da família, demonstrando a necessidade de qualificá-las para disputarem um lugar na sociedade.

Desta forma, se antes a criança era considerada o adulto em miniatura, participando sem reservas da vida social e produtiva assim que se mostrasse vencedora dos altos índices de mortalidade infantil, a partir da segunda metade do século XVIII principalmente, ela vai ser objeto de políticas públicas que visam preservá-la e prepará-la para as atividades adultas. Decorrente das novas necessidades de produção econômica, a criança passa a ser o centro a partir do qual toda uma série de instituições vai se constituir e reconstituir: a família, a escola e os saberes científicos se põem à luz na modernidade simultaneamente à emergência dessa nova categoria social que é a infância.

Nesse sentido, o surgimento da infância como preocupação social é concomitante à reorganização da família moderna: sua estrutura deixa de ser patriarcal e passa a ser constituída a partir da centralidade da criança que deve receber a atenção e cuidados dos pais (Ariès, 1981; Costa, 1989). O foco ideológico desloca-se, desta maneira, progressivamente da autoridade paterna ao amor materno, pois a nova ordem econômica que passa a vigorar com a ascensão da burguesia como classe social impunha como imperativo, entre outros, a sobrevivência da criança.

Dessa forma, em defesa da criança, dois diferentes discursos contribuem para modificar a atitude da mulher perante os filhos: (1) um discurso econômico, apoiado em estudos demográficos, que demonstrava a importância do numerário populacional para um país e alertava quanto aos perigos e prejuízos decorrentes de um suposto declínio populacional em toda a Europa e (2) uma nova filosofia – o liberalismo – que se aliava ao discurso econômico, favorecendo ideais de liberdade, igualdade e felicidade individual (Badinter, 1985).

Portanto, as elaborações sociais e culturais sobre o significado da maternidade estão historicamente associadas à emergência do sentimento de infância e da nova configuração da família, estes fortemente marcados pelo sistema social capitalista, que transforma não apenas as regras comerciais, mas também as relações entre os indivíduos.

Todos esses aspectos criaram uma tendência, no final do século XVIII, de situar a mulher, devido à sua natureza, no espaço privado e esta tendência se manteve em tempos posteriores. A fraqueza física, intelectual e o componente emocional eram apontados como elementos genuinamente femininos, perfeitos para a criação dos filhos.

É, então, entre os séculos XVIII e XIX que, segundo Badinter (1985), situa-se a emergência da representação de maternidade tal como a conhecemos, baseada na idéia do amor natural, instintivo, das mulheres por seus filhos. E é no surgimento de tal discurso que as mulheres passam a ser consagradas como eixo da família, responsáveis pelo cuidado e educação dos filhos. A devoção e presença vigilantes da mãe surgem como valores essenciais, sem os quais os cuidados necessários à preservação da criança não poderiam mais se dar.

Segundo Giddens (1993), a difusão desses ideais de amor tem um impacto duplo sobre a situação das mulheres: ajudou a colocá-las “em seu lugar” ao serem associados à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior; entretanto, o desenvolvimento de tais idéias foi também uma expressão do poder das mulheres, uma

asserção contraditória da autonomia diante da privação. Assim, se por um lado este discurso ampliava as responsabilidades maternas, por outro, permitia às mulheres alcançar um status social privilegiado, ou seja, uma crescente valorização da mulher-mãe, dotada de poder e respeitabilidade, uma vez que elas tornavam-se, além de responsáveis, necessárias à sociedade, com a conseqüente valorização de sua posição social.

Ainda que esta transição para o novo papel transcorresse de forma lenta, as mulheres do final do século XVIII, e, sobretudo, as do século XIX, inseridas nas mais variadas classes sócio-econômicas, assumiram o papel da 'boa mãe'. Desenha-se uma nova imagem de sua relação com a maternidade e é neste período que o bebê e a criança tornam-se objetos privilegiados da atenção materna. É também momento que a presença do médico se intensifica no interior da família, tornando-se este o cúmplice e conselheiro das mães e passando a difundir as normas higiênicas que irão regulamentar o cuidado com a saúde das crianças (Costa, 1989).

Nesse sentido, também o discurso médico colaborou na promoção de novas formas de relação familiar, favorecendo características específicas para o papel materno. No início, os médicos higienistas e, posteriormente, pedagogos, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas que, por meio de seus conhecimentos especializados e suas intervenções, contribuíram para a construção de normativas destinadas a regular a vida familiar e individual, as quais passaram a ser seguidas não mais a partir da imposição ou do receio da punição, mas pelo desejo cultivado e orientado de uma vida normal e saudável.

3.2. Maternidade entre fronteiras: o discurso religioso e o discurso médico

No Brasil, assim como na Europa, o desenvolvimento da organização e dos sentimentos presentes na família moderna, incluindo aqueles relacionados à maternidade e aos

cuidados maternos, foi marcado pelas intensas modificações ocorridas pela ascensão burguesa no final do século XVIII, embora no contexto brasileiro tais transformações tenham sido revestidas de características específicas à condição do país colonial. (Martins, 2005).

Nesse movimento, houve uma transposição dos costumes europeus para o Brasil. No país colônia, Estado, Igreja e Ciência, definiam os papéis sociais com objetivo de estabelecer uma ordem na sociedade colonial. Assim, a religião, os higienistas e o Estado auxiliaram a família brasileira a assimilar novos valores e assumir novos papéis.

Apesar de haver no país, no início do século XIX, tentativas de se cuidar da infância, destacava-se por aqui também a alta incidência de mortalidade infantil devido aos maus tratos. Era muito freqüente ainda o fato de crianças serem abandonadas pelas mães que viviam em condições financeiras difíceis acontecendo, inclusive, abortos e infanticídio. A morte de crianças, neste período, se tornou um problema, pois o Brasil deveria se desenvolver e, para isso, precisava aumentar a população e assim, o Estado, a Igreja e a Medicina passaram a estimular o cuidado com a infância e a criticar severamente abortos e abandono dos filhos (Del Priore, 2000).

Foi tentando seguir esse projeto que a Igreja fixou-se como responsável na difusão da importância do matrimônio, e a serviço do Estado, impôs as normas de conduta que estabeleciam a divisão de incumbências no casamento, dentro do sistema patriarcal desenvolvido na colônia. E além de colocar a supremacia do homem sobre a mulher, controlou de perto a catequese feminina – trazendo também o culto à Virgem Maria – e estimulou a reprodução tão logo a mulher se casasse, contribuindo para um modelo de maternidade ideal para a sociedade da época.

Desta forma, a vida feminina se restringia ao bom desempenho doméstico e à assistência moral à família. O homem, por sua vez, tinha seu papel centrado na provisão da mulher e dos filhos, concentrando o poder de decisão na família. Os encargos do matrimônio,

no que se refere à manutenção do casal e proteção dos bens, cabiam, portanto, ao homem. A essa proteção cabia à mulher responder com obediência.

De acordo com Del Priore (1993, p. 31) “apenas como mãe, a mulher revelaria um corpo e uma alma saudáveis, sendo sua missão atender ao projeto fisiológico-moral dos médicos e à perspectiva sacramental da Igreja”.

Assim, a Medicina também endossava essa concepção que via na maternidade o desígnio natural da mulher. Datam do final do século XIX, os primeiros programas específicos destinados aos cuidados materno-infantis. Neste período, a relação mãe-filho contou com o investimento enfático da Medicina, que estabelecia a relação entre aleitamento e mortalidade infantil e, através de argumentos científicos de base biológica, tentavam demonstrar que a mulher deveria se situar no lar e se dedicar prioritariamente à maternidade (Martins, 2005).

Porém, é importante ressaltar que essa nova condição só foi possível por meio da aliança da família com o poder médico. Dessa forma, tanto no Brasil como na Europa, para a construção desse ideal de mãe foi fundamental o discurso higienista, no ataque tanto ao aleitamento mercenário – aqui realizado pelas escravas – como responsável pela mortalidade infantil, quanto à suposta deformação moral das crianças pelo cuidado e convivência com amas e lacaios negros.

A recusa ao aleitamento materno, comportamento usual na sociedade da época, era colocado também como uma infração às leis da natureza, o que permitiu não somente a culpabilização das infratoras, mas a instalação de um sentimento de anomalia. Neste processo, os médicos passaram a definir regras para a moderna criação “científica” das crianças, além de promoverem iniciativas privadas e públicas para protegê-las. As mulheres passaram a ser enaltecidas como agentes protagonistas do projeto higiênico, principais colaboradoras na promoção de uma população saudável.

Outro aspecto que se destacou nessa influência do discurso médico na reorganização da família e da maternidade foi a crescente produção do conhecimento sobre o corpo feminino, que resultou na constituição de duas especialidades médicas, a obstetrícia e a ginecologia. O determinismo naturalista e a normatização médica construíram, como seus métodos e teorias, um modelo de mulher fundado na anatomia e na fisiologia, com importantes desdobramentos morais e políticos para as mulheres, encerrando-as nos estreitos limites da esfera doméstica e da maternidade (Martins, 2005).

Portanto, a infância, as relações familiares, as formas de aliança, os papéis sexuais, tudo passou a ser pensado e normatizado pela ciência médica. E desta forma, por todo o século XIX, deu-se a adaptação do modelo de família burguesa européia à sociedade colonial brasileira e também aqui, os cuidados maternos passaram a ser valorizados sob esse novo olhar sobre a criança possibilitando a manifestação do “amor materno”, que se tornou não somente “desejável”, como “natural”.

A Psicologia, em plena ascensão na época, também é inserida neste contexto como um elemento importante na constituição da normatização familiar e na construção de sentidos específicos em relação à maternidade, influência esta que discutiremos no tópico seguinte.

3.3. A maternidade no discurso psicológico

Discutimos anteriormente como as transformações ocorridas entre os séculos XVII e XIX, especialmente as modificações na família, a constituição de uma concepção sobre a infância, a construção de um saber médico especializado, bem como as alterações econômicas, políticas e sociais foram historicamente circunscrevendo os lugares e papéis desempenhados pelas mulheres em sua relação com a maternidade. Vimos como esse

contexto possibilitou a emergência do amor materno e atribuiu às mulheres a responsabilidade exclusiva pelo espaço privado, cabendo a esta o cuidado e educação dos filhos.

Neste processo, precisamente no século XX, segundo Chodorow (1990), o papel da mulher no cuidado com os filhos tornou-se ainda mais enfatizado embora menor se tornasse a noção de maternidade como destino exclusivo. Ainda que as taxas de natalidade caíssem, a escolarização das crianças se tornasse mais precoce e as mulheres fossem reconhecidas como mais presentes no mercado de trabalho, mais crescia a ideologia da “mãe moral”. Esta supunha que as mulheres “deviam agir ao mesmo tempo como educadoras e modelos morais para seus filhos, assim como alimentadoras e guias morais para seus maridos na sua volta ao mundo de trabalho imoral e competitivo” (Chodorow, 1990, p. 19).

Este desenvolvimento ideológico conseguiu atingir tal dimensão porque, paulatinamente, o cuidado com os indivíduos e com a população tornou-se objeto da atenção de um leque cada vez maior de especialistas: além do médico, pedagogos, psicólogos e outros profissionais passaram a estabelecer as diretrizes para uma vida “normal”. Por conseguinte, a família tornou-se cada vez mais dependente da palavra dos especialistas, que passaram, assim, a definir tanto as necessidades quanto as formas de satisfação consideradas “adequadas” e “saudáveis” para todos e também para cada um individualmente.

A Psicologia, que se encontrava em pleno desenvolvimento entre os séculos XIX e XX, serviu, assim como o discurso médico, como fonte de argumentos para a idealização do papel materno, na medida em que privilegiou a relação mãe-bebê como decisiva no desenvolvimento da criança. De acordo com Ferreira, Vargas e Rocha (1998), a ênfase na relação mãe-bebê no século XX é marcada profundamente pelas teorias psicanalíticas e surgem, então, os estudos sobre a relação íntima e afetiva estabelecida entre o bebê e a figura materna, a qual Bolwby (1995) coloca como sendo a relação que toda mulher seria capaz de estabelecer com seu filho.

Os estudos da Psicologia do Desenvolvimento focalizando os aspectos da maternidade produziram, na maioria das vezes, segundo Fidalgo (2003), teorias sobre os cuidados maternos; estudos empíricos sobre as atitudes das mães face aos cuidados com os filhos, bem como a forma como eles interagem; manuais dedicados às mulheres sobre os cuidados com a infância; estudos concentrados na transição para a maternidade e em idades precoces das crianças; e também textos feministas que teorizaram a maternidade como uma dimensão crucial da vida das mulheres, afetando a sua posição na estrutura social e o desenvolvimento das identidades de gênero.

Entretanto, é com a popularização dos estudos freudianos e de seus sucessores Melanie Klein e Winnicott, que a Psicologia passa a ser promovida como fórum privilegiado para descrição das relações primárias (Fidalgo, 2003).

Winnicott (1982, 1988, 1990) se dedica a investigar a influência do ambiente no desenvolvimento infantil e propõe o conceito de “mãe dedicada comum”, em outros termos, da “mãe suficientemente boa”, definida como aquela capaz de “promover a integração das características próprias de cada criança, diferenciando cada bebê de outro, a partir do apoio encontrado no ego materno que age como facilitador da organização do próprio ego do bebê” (Winnicott, 1988, p.494). E é especialmente a partir do uso banalizado dos conceitos propostos por este autor que o discurso psicanalítico e psicológico assume força retórica na promoção da padronização das relações e comportamentos (Ponte, 1999).

Conseqüentemente, também no discurso psicológico a construção da maternidade vai sendo realizada a partir dos discursos sobre a criança, ressaltando muitas vezes, a importância da relação mãe-filho e a amamentação como essenciais para o bom desenvolvimento da criança.

Badinter (1985), refletindo sobre os efeitos das descrições psicológicas sobre a maternidade, afirma que a transmissão desses discursos se dá de forma tão difusa que estes

permanecem enraizados na cultura ocidental. E, embora a progressiva individuação e psicologização das relações fossem inicialmente apontadas como tendo maior relevo nas camadas urbanas da população, inseridas no universo dos valores da classe média, a crescente participação dos profissionais de Psicologia nas camadas populares – com as modificações ocorridas no campo da saúde, com a proposição de novas intervenções e maior inserção dos psicólogos nos programas de saúde pública – também favoreceram a difusão desses discursos nas camadas mais populares (Moura & Araújo, 2004).

3.4. Maternidade em transição: a emergência da maternidade como escolha

A transição de um modelo tradicional de maternidade, em que a mulher era definida essencial e exclusivamente como mãe, para um modelo moderno de maternidade, em que a mulher, entre outras possibilidades, é também definida como mãe, emerge com a consolidação da sociedade industrial, com o crescente acesso da mulher à educação e seu ingresso no mercado de trabalho.

Segundo Ariès (1981), até o século XVIII, as mulheres estiveram excluídas do processo de educação formal e, assim, toda a educação dada até então à mulher tinha o propósito de convencê-la do seu dever de participar da sociedade como alguém submissa ao pai, ou ao marido, obedecendo-os e respeitando-os. E nas palavras do autor, “além da aprendizagem doméstica as meninas não recebiam, por assim dizer, nenhuma educação. Nas famílias em que os meninos iam ao colégio, elas não aprendiam nada” (Ariès, 1981, p. 190).

Porém, como afirmam Rodrigues e Marques (2007), com as exigências do projeto modernizador, o ingresso das mulheres no espaço público intensifica-se e a idéia de civilização e educação passa a ser expandida por todo mundo sob a forma de progresso técnico e científico.

Surgem, assim, as primeiras pequenas escolas e colégios para meninas, permitindo que o acesso da mulher à educação configure-se num dos principais protestos do movimento feminista da época. Tais realizações são colocadas, neste período marcado pelo interesse no progresso, como conquistas da civilização, cabendo assim aos homens ampliá-las em nome de seus próprios interesses.

Com esse olhar para a mulher como meio possível para o progresso, a educação feminina, segundo Saffioti (1976, citado por Inácio Filho & Silva, 2004, p. 5), passa a ser “pensada como uma necessidade para se estabelecer a justiça social [...] visando atingir um estágio superior de organização social”.

Com advento da Revolução Industrial e a consolidação do sistema capitalista, no século XIX, inúmeras mudanças ocorreram na produção e organização do trabalho feminino. Com as conquistas tecnológicas e o aumento da maquinaria, boa parte da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas. (Probst, 2005).

Além desses fatores, o contexto das duas Guerras Mundiais também favoreceu o acesso da mulher ao mercado de trabalho, uma vez que quando os homens iam para as frentes de batalha, as mulheres passavam a assumir os negócios da família e a posição dos homens no mercado de trabalho. Com o final da guerra, muitas mulheres viram-se obrigadas a deixar a casa e os filhos para levar adiante os projetos e o trabalho que eram realizados pelos seus maridos.

Entretanto, em meio a essa crescente ocupação do espaço público favorecida pelo acesso à educação formal e à formação profissional, as mulheres precisavam, ao mesmo tempo, manter a antiga responsabilidade na criação dos filhos. Nesse contexto, a opção pela maternidade passa a assumir uma dimensão reflexiva e a ser analisada pesando as condições econômicas, sociais e culturais das mulheres e do casal (Scavone, 2001).

A atenção médica, que até a década de 1960 privilegiava o ciclo gravídico-puerperal justificando a sua preocupação com a alta mortalidade infantil, começa a promover ações de

controle de natalidade, enfatizando o perigo de uma explosão demográfica. Com o surgimento das novas tecnologias contraceptivas e a disseminação de idéias referentes ao planejamento familiar, abriu-se espaço para uma maior possibilidade na escolha da maternidade e o dilema recaiu então sobre ser ou não ser mãe.

Nesse sentido, como nos lembra Scavone (2001), a maternidade como escolha é um fenômeno recente e contemporâneo que historicamente foi se consolidando no decorrer do século XX, no qual as transformações econômicas, familiares, os avanços tecnológicos e os movimentos feministas constituíram-se como elementos importantes para esse processo e para a relação que então se estabeleceu com o ser mãe e o ser mulher.

3.5. Maternidade e profissão: uma relação delicada

Apresentamos no tópico anterior a discussão de como o acesso à educação formal e à formação profissional – que permitiu às mulheres uma maior inserção no espaço público – ao coincidir com os avanços tecnológicos e a disseminação das técnicas contraceptivas possibilitam às mulheres a decisão sobre o momento de ter, ou mesmo de não ter filhos.

Pretendemos refletir neste momento como à crescente inserção da mulher no mundo profissional dois aspectos da vida da mulher – maternidade e profissão – parecem ganhar destaque nos estudos da literatura (Baptista, 1995; Grant, 2001; Silvestre, 2001; Oliveira & Marcondes, 2004) e também, segundo estas autoras, nas conversas informais de homens e mulheres.

De acordo com Silvestre (2001), trabalho e família são tidos atualmente como valores importantes para as mulheres na sociedade contemporânea, as quais têm sido convidadas a ocupar lugares por apelos diferenciados; por um lado, recebem a herança de um lugar onde a referência é a mulher voltada exclusivamente para a família e, por outro, presenciam a

constante valorização do lugar profissional, da construção de sua identidade por meio do trabalho remunerado.

A compreensão desses apelos como solicitações distintas e muitas vezes opostas à mulher parece ser compartilhada nestes estudos (Baptista, 1995; Grant, 2001; Silvestre, 2001; Oliveira & Marcondes, 2004), assim como o entendimento de que a atual abertura para a inscrição da mulher como profissional traz a dificuldade na conjugação dos papéis exercidos no espaço público e privado.

Baptista (1995), também se propondo a discutir a relação entre maternidade e profissão, completa que trabalhar e ter filhos tem dois lados, polaridade que impõe à mulher atual a necessidade de conjugar o ser mãe e o ser profissional e tudo o que isso implica.

Segundo esta autora, com a valorização do investimento profissional o ser “do lar” adquire nos tempos atuais um cunho negativo, vergonhoso. Entretanto, para que a mulher possa sair dos limites de casa para “trabalhar fora” e dedicar-se e investir em sua carreira profissional parece ser esperado e até mesmo exigido que ela viva o sucesso no âmbito do lar. Assim, cabe a ela dar conta do sucesso no lar e no trabalho.

Grant (2001), referindo-se a essas exigências, afirma que trabalhar e ser uma profissional bem-sucedida passa a ser assumido como forma de somar responsabilidades, e, mais do que isto, freqüentemente coloca a necessidade de suportar certa medida de conflitos e culpa, uma vez que a concepção de êxito, no caso das mulheres, perpassa por uma distribuição de atenção entre a vida profissional, o marido, os filhos, o lazer, os cuidados estéticos, entre outros, que, segundo esta autora, exigem “uma super mulher”.

Nesse sentido, o que parece um ganho absoluto traz consigo um ônus que poucas vezes é tomado em consideração como algo significativo. É inegável que a entrada da mulher no mercado de trabalho representou histórica e socialmente um ganho inestimável, mas, como resultado, o acúmulo de tarefas e a sobrecarga de funções parecem ser muitas vezes

assumidos como o preço a ser pago pela mulher, o que parece intensificar a tensão existente entre maternidade e profissão (Baptista, 1995).

Outro fator considerado por Silvestre (2001) refere-se à influência exercida pelo movimento feminista que ao colocar a família como espaço de opressão e o mercado de trabalho como projeto de libertação, além de promover a desvalorização do espaço doméstico e valorização do espaço público, colocou as mulheres diante de um impasse, estigmatizando a maternidade e deixando fora deste projeto aquelas que, por se inserirem nas camadas mais baixas da sociedade, não entendessem o trabalho fora de casa como fonte de realização pessoal, mas sim como necessidade premente de complementação de renda ou até mesmo de garantia do sustento.

Assim, apesar das mudanças que permitiram às mulheres obter reconhecimento social e autonomia, os trabalhos sobre maternidade e profissão (Baptista, 1995; Grant, 2001, Oliveira & Marcondes, 2004) parecem trazer a percepção de que a desigualdade de gênero ainda é forte em todas as esferas da sociedade. Investir no lugar profissional sem prejudicar o cuidado demandado com a família gera uma jornada dupla de trabalho, uma vez que parecem ser raros os homens que se colocam efetivamente disponíveis para compartilhar as tarefas do casal, sendo mais freqüente que o sacrifício seja assumido como “favor”, o que coloca a mulher como a responsável em atender as exigências da vida privada.

Nesse sentido, compreendemos que a conciliação destas duas demandas é uma questão para reflexão feminina, permeada por ambigüidades, e que parece apontar para muito mais do que dois lados. É ressaltando essa multiplicidade de vozes e contextos históricos articulados na construção dos sentidos sobre a maternidade, que buscamos promover neste trabalho o convite à reflexão sobre os sentidos de ser mãe e ser mulher.

4. O construcionismo social, a análise do discurso e os repertórios interpretativos

Há diversas maneiras de produzir conhecimento e, na perspectiva construcionista social que fundamenta epistemologicamente este trabalho, esta produção é algo que as pessoas fazem juntas, por meio de suas práticas sociais. Nesse sentido, a pesquisa é compreendida como um empreendimento coletivo, cultural, por meio do qual as pessoas constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (Spink, 1999).

E é enfatizando essa multiplicidade de produções que abordamos a maternidade a partir de uma abordagem qualitativa, de forma a privilegiar a diversidade nas descrições e no processo de produção de sentidos. Metodologicamente, utilizamos a perspectiva da Análise do Discurso, ressaltando como o discurso é construído para realizar ações sociais e como as pessoas constroem versões do mundo, a curto e a longo prazo, como parte das práticas ideológicas.

4.1. A pesquisa qualitativa e o construcionismo social na produção do conhecimento

Há mais de três décadas, segundo Denzin e Lincoln (2006), uma revolução metodológica silenciosa vem ocorrendo nas ciências sociais criando contexto para o surgimento da pesquisa qualitativa como alternativa para a produção do conhecimento.

Buscando uma definição da pesquisa qualitativa, estes autores ressaltam que ela é, em si mesma, um campo de investigação, atravessando disciplinas, campos e temas e, desta forma, possui inerentemente uma multiplicidade de métodos. Esta apresenta, assim, uma definição genérica, como atividade situada que localiza o observador no mundo, constituída

por um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem ampla, dinâmica, contextual e interpretativa, em que seus pesquisadores estudam as coisas tentando compreender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Nesse sentido, os pesquisadores influenciados por uma abordagem qualitativa estudam pessoas que fazem coisas juntas nos lugares em que essas atividades acontecem.

Nesse sentido, é ressaltada a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, as limitações situacionais que influenciam a investigação e a busca de soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado.

Smith (1995) ressalta a contribuição que a análise em tal abordagem oferece na possibilidade de tentar capturar a riqueza dos temas emergentes na fala do participante ao contrário de reduzir as respostas em categorias quantitativas. Coloca ainda a particularidade da entrevista semi-estruturada na investigação qualitativa, afirmando que esta é especialmente adequada quando o objetivo se encontra particularmente relacionado à complexidade e ao processo; o que não quer dizer que a abordagem qualitativa tenha acesso exclusivo a esses domínios, mas que ela tem uma maior contribuição a fazer.

Também valorizando os aportes da pesquisa qualitativa, Gergen e Gergen (2006) afirmam que a investigação nessa abordagem proporciona algumas das mais ricas e compensadoras explorações disponíveis na ciência social contemporânea; destacam ainda que o intenso diálogo sobre a natureza da linguagem e da relação desta com o mundo que ela alega descrever possibilitou como contribuição a oportunidade de entender os relatos da experiência como o resultado de uma determinada história textual/cultural na qual as pessoas aprendem a contar histórias sobre suas vidas para si mesmas e para os outros.

Assim, nessa perspectiva, como afirmam Denzin e Lincoln (2006, p. 37) “as interpretações são construídas. Não existe uma única verdade interpretativa. O que existe são múltiplas comunidades interpretativas, cada qual com seus próprios critérios para avaliar uma interpretação”.

É seguindo esse pressuposto de construção das interpretações e da possibilidade de múltiplas descrições de um fenômeno, que o Construcionismo Social se apresenta como uma perspectiva na produção do conhecimento.

O Construcionismo Social caracteriza-se como uma posição crítica face ao conhecimento, surgindo assim, como uma proposta alternativa às formas empiricistas de investigação e funcionamento da ciência. Ele abrange um conjunto variado de contribuições teóricas nas ciências humanas que enfatizam o processo de construção da realidade a partir dos sistemas de significação definidos sócio-historicamente (Gergen, 1985, 1996; Grandesso, 2000; Guanaes & Japur, 2003; Rasesa & Japur, 2007; Spink, 1999).

Segundo Gergen (1996), autor influente nesta perspectiva, os pressupostos teóricos que embasam o construcionismo social podem ser resumidamente referidos da seguinte forma: posição crítica diante do conhecimento concebido como verdade absoluta; os termos e as formas utilizados para a compreensão do mundo são artefatos sócio-históricos, construídos nas relações das pessoas e delimitados histórica e culturalmente; o significado da linguagem deriva de seu uso social, de seu modo de funcionamento dentro dos relacionamentos que são estabelecidos; as descrições de mundo são sustentadas pelas vicissitudes dos processos sociais de negociação e troca e não por sua validade objetiva.

Nesse sentido, o construcionismo situa-se como uma perspectiva que privilegia os processos relacionais e a centralidade da linguagem, ressaltando o papel dos sistemas de significação definidos sócio-historicamente no processo de construção da realidade. Produzir sentidos do mundo e das coisas é uma ação desenvolvida pelo homem em suas relações, as

quais são permeadas por discursos construídos por uma diversidade de vozes. Assim, é o que as pessoas fazem juntas que viabiliza a existência de determinadas linhas de ação e interpretação. (Rasera & Japur, 2001, 2005; Spink, 2004).

Ainda sobre a especificidade da produção de sentidos na perspectiva construcionista, Potter (1996, p.98) afirma que “o mundo (...) forma-se de uma maneira ou de outra à medida que as pessoas o discutem, o escrevem e o contestam”. Portanto, a produção de sentidos, ou seja, as descrições da realidade, do mundo, das coisas e de si, são enfatizadas nesta perspectiva como produções sociais relacionadas a um contexto específico, no qual as pessoas constroem os termos pelos quais passam a compreender e lidar com os fenômenos que as rodeiam (Spink, 2004).

E é essa postura do construcionismo em recusar discursos universalizantes e generalizáveis que Nogueira (2001) aponta como possibilidade para a construção de significados e sentidos alternativos, uma vez que nessa perspectiva há a consideração do conhecimento como produzido dentro de, por meio de e para certas relações sociais. E como fomos argumentando até aqui e como bem coloca Shotter (1989), estes significados não são retirados da experiência dos indivíduos nem de seus genes, mas de sua história cultural e social. E é precisamente a colocação da atividade discursiva num contexto temporal mais amplo que permite que se procure as condições que facilitaram a emergência de determinado discurso, indo assim mais além do contexto concreto onde se produz a interação.

Tal visão assume uma importância especial nessa pesquisa, que busca participar da produção do conhecimento para uma mudança nas práticas e discursos existentes, bem como para a produção de novas narrativas científicas, que possibilitem um direcionamento das análises para a desconstrução e a reconstrução dos códigos de gênero.

4.2. O Discurso e a Análise do Discurso

A noção de Discurso assim como a de Análise do Discurso tem tido um papel crescente nas ciências sociais contemporâneas. Por um lado, isto tem sido atribuído à insatisfação com as abordagens positivistas e tradicionais nas ciências sociais e, por outro, ao fenômeno do “giro lingüístico” ocorrido nestas ciências. Tal “giro” não se constituiu como um fato preciso e sim um fenômeno que foi se formando progressivamente e que marcou o crescente interesse no estudo das formas do uso da linguagem, das conversações e textos. Ainda, outro aspecto reconhecido como importante para o aumento progressivo do papel do Discurso e Análise do Discurso é o intenso interesse por perspectivas teóricas críticas tais como o pós-estruturalismo, a crítica social e o pós-modernismo. (Gill, 2003; Ibáñez, 2004; Iñiguez, 2004; Nogueira, 2002; Potter & Wetherell, 1987, 1995).

A Análise do Discurso teve os seus fundamentos na filosofia, na sociologia, na lingüística e na teoria da literatura, bem como nos trabalhos de diferentes autores que chamaram a atenção para a importância do significado e das descrições fornecidas pelos indivíduos relativamente aos seus comportamentos (Nogueira, 2002).

Porém, segundo esta autora, é preciso esclarecer que não há uma análise de discurso que seja única. Nesse movimento crescente de interesse no discurso emergem tradições teóricas diversas e estas vão empregar o termo Análise do Discurso com diferentes enfoques no estudo dos textos e conversações. Assim, implícita está também a diversidade de posicionamentos teóricos sustentados por pressupostos epistemológicos distintos.

Entretanto, estas diferentes correntes de análise de discurso partilham entre si a rejeição da noção da linguagem como meio neutro de reflexão ou de descrição do mundo e afirmam a importância central do discurso na construção da vida social. A linguagem, portanto, deixa de ser apenas um veículo para a expressão de nossas idéias, mas adquire um

caráter constitutivo, um status performático e pragmático. Nessa configuração, dizer é, também e sempre, fazer (Potter & Wetherell, 1987, 1995).

Nessa perspectiva discursiva, a linguagem assume papel fundamental, como constitutiva e como ação. Esta, de acordo com Ibáñez (2004, p. 39), “não só nos diz como é o mundo, ela também o institui; e não se limita a refletir as coisas do mundo, também atua sobre elas, participando de sua constituição”.

E é orientada pelos pressupostos construcionistas, ressaltando o poder da linguagem na construção da realidade e considerando o contexto social no qual um discurso é constituído, que utilizo nesta pesquisa a noção de Iñiguez e Antaki (1994, citados por Iñiguez, 2004, p. 125) que afirmam que

um discurso é um conjunto de práticas lingüísticas que mantêm e promovem certas relações sociais. A análise consiste em estudar como essas práticas atuam no presente, mantendo e promovendo essas relações: é trazer à luz o poder da linguagem como uma prática constituinte e reguladora.

Nesse sentido, o discurso pode ser compreendido atuando como texto, como prática discursiva e como exemplo de prática social, e a análise do discurso pode assim ser pensada a partir de quatro temas principais: uma preocupação com o discurso em si mesmo; uma visão da linguagem como construtiva; uma ênfase no discurso como forma de ação; e uma convicção na organização retórica do discurso. Ressalta-se aqui mais uma vez o potencial de ação e construção da linguagem, uma vez que as pessoas utilizam determinados discursos para fazer coisas – para acusar, para se defender, para pedir desculpas, para se apresentar de uma maneira aceitável, valorizada etc.

Autores envolvidos nesse processo de investigação do discurso e que se aproximam epistemologicamente do presente estudo (Gill, 2003; Potter & Wetherell, 1987) afirmam a inexistência de uma receita com passos definidos para a realização da análise do discurso, mas ressaltam algumas fases importantes para esse processo, que destaco a seguir:

1. *A elaboração de perguntas diferentes*: a opção pela análise do discurso implica em uma mudança epistemológica em relação à forma tradicional de investigação e, portanto, os textos não são estudados como meios para a descoberta de uma realidade, mas despertam interesses por si mesmos e, por isso, há a necessidade de perguntas diferentes, questões que investiguem as funções nos recursos lingüísticos utilizados.

2. *Gravação em Áudio e Transcrição*: quando o material a ser analisado não é um texto impresso, mas focado na conversação, é preciso que se faça um registro tão detalhado quanto possível dos dados a serem analisados. Portanto, a transcrição deve registrar a fala literalmente, com todas as características possíveis desta. Potter e Wetherell (1987) destacam a transcrição como uma atividade construtiva e convencional, uma vez que o investigador precisa fazer decisões sobre o que exatamente é dito, e em seguida representar essas palavras em um sistema ortográfico convencional.

3. *Leitura cética*: após ter sido realizada a transcrição, inicia-se uma leitura cuidadosa em busca dos detalhes, das contradições, das nuances e, para isso exige-se a suspensão da crença do leitor naquilo que é tido como algo dado. É preciso, deste modo, estar atento às “passagens do discurso, embora fragmentadas e contraditórias, e com o que é realmente dito ou escrito, não com alguma idéia geral que parece ser pretendida” (Potter & Wetherell, 1987). Nessa leitura, está implícita uma análise em que o leitor questiona os próprios pressupostos e as formas como habitualmente dá sentido às coisas.

4. *Codificação*: depois que o material já passou por muitas leituras e releituras, e que ao pesquisador foi possível um mergulho e envolvimento com o material estudado, é

momento para a identificação de categorias, ou seja, o realçar temas de interesse de forma mais abrangente possível, de tal forma que todas as instâncias limítrofes possam ser incluídas, em vez de serem deixadas de fora. Assim, não há interesse aqui pela frequência, como nas análises de conteúdo, mas sim em uma categorização que sirva eventualmente como base para uma análise detalhada, ou seja, uma preparação analítica preliminar para um estudo posterior ainda mais intensivo, a análise propriamente dita.

5. *Análise*: essa fase pode ser dividida em dois estágios relacionados. Primeiramente, há uma procura por um padrão nos dados, que se mostra tanto na variabilidade – na diferença entre as narrações – quanto da consistência. Posteriormente, há a preocupação com a função, com a criação de hipóteses sobre as funções do discurso. Assim, a tarefa do pesquisador/analista é considerar as formas como as coisas são ditas, a maneira como a linguagem é empregada, para que e em que momento, assim como também ser sensível ao silêncio, àquilo que não é dito.

Enfim, há inúmeros procedimentos e estágios que podem ser utilizados para a organização do processo de análise, assim como este pode legitimamente ser realizado em diferentes níveis, dependendo do interesse e opção do investigador. Iñiguez (2004) ressalta que estas distinções nos níveis de análise ocorrem por uma opção da investigação por noções particulares dentro da ampla teoria de análise do discurso, que pode privilegiar: os atos da fala, a pragmática, a retórica, os repertórios interpretativos. Optamos neste estudo em realizar uma análise do discurso privilegiando em nosso processo a noção de Potter e Wetherell (1987) de repertórios interpretativos, que detalharemos a seguir.

Assim, antes de prosseguirmos e considerando o que foi exposto, deixamos claro que a análise do discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado. E, deste modo, pode ser também entendida como uma construção, produto de um tempo e de uma cultura determinada, não

podendo ser jamais vista como uma descrição única e definitiva da condição humana (Iñiguez, 2004).

4.3. Investigando os repertórios interpretativos

O processo de produção de sentido na perspectiva construcionista é uma prática social, dialógica e implica uma compreensão da linguagem como ação. Assim, o estudo deste processo envolve uma investigação das práticas discursivas que atravessam o cotidiano, que podem ser entendidas como as formas pelas quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações sociais. Essas práticas discursivas, por sua vez, são mediadas e se desenvolvem pelo uso de repertórios interpretativos (Spink, Medrado & Mello, 2002).

Repertório interpretativo é um conceito introduzido por Potter e Wetherell (1987) e pode ser compreendido como o conjunto de

elementos essenciais que os falantes utilizam para construir versões das ações, processos cognitivos e outros fenômenos. Qualquer repertório determinado está constituído por uma gama restrita de termos usados de uma forma estilística e com uma gramática específica. Normalmente esses termos produzem uma ou mais metáforas-chave, e a presença de um repertório muitas vezes está assinalada por certos tons ou figuras do discurso (Potter & Wetherell, 1987, p. 149)

Assim, os repertórios interpretativos são os conjuntos de termos, descrições, lugares comuns e figuras de linguagem, agrupados em torno de metáforas ou imagens, usados na linguagem cotidiana. São as unidades de construção dos discursos e demarcam o rol de possibilidades das construções discursivas. São originados na comunidade lingüística em que

somos socializados e são transmitidos em nossas relações. Pode-se dizer, portanto, que são recursos discursivos gerais, ferramentas, “blocos de construções” que utilizamos conforme os recursos sociais e culturais disponíveis para construirmos as versões dos acontecimentos, ações, justificações de certas práticas, etc.

Nesse sentido, um tema de conversação varia em função das demandas locais da situação da interação. Nesse contexto, a linguagem adota múltiplas funções e coloca-se como situada, pois aquilo que as pessoas fazem com a fala depende do contexto em que essa fala é produzida e das pessoas nela envolvidas.

Deste modo, os repertórios não pertencem aos indivíduos, pois são, pelo contrário, uma espécie de recurso social, disponível para todos os que partilham uma linguagem e uma cultura e permitem que os indivíduos justifiquem suas versões particulares, se desculpem ou validem os seus comportamentos, evitem a crítica ou, ao invés, mantenham uma posição confortável numa interação. Nesta perspectiva, os indivíduos são participantes ativos da vida social, ocupados em construir descrições para os mais variados fins, sem que se busque um conteúdo psicológico interno nos indivíduos que dirija os seus comportamentos (Potter & Wetherell, 1987).

Esta perspectiva analítica possibilita estudar questões do tipo: Quem é esta pessoa? O que é que esta parte do discurso procura alcançar? Que repertórios são usados para isso? Nesse sentido, no processo de análise dos repertórios, não é suficiente que simplesmente identifiquemos as diferentes formas de linguagem envolvidas, precisamos também conhecer em que situações são utilizadas e que funções e efeitos exercem na fala e na relação. (Potter & Wetherell, 1987; Spink, Medrado & Mello, 2002).

Realizar o processo de análise segundo o conceito de repertórios interpretativos oferece-nos algumas vantagens, coincidentes com as três características específicas destes recursos listadas por Potter e Wetherell (1987):

1) Os repertórios não são construídos como entidades intrinsecamente conectadas a grupos sociais. Deste modo, ao invés de adotarmos o pressuposto improvável de que todas as pessoas são membros de um mesmo grupo social e, portanto, sujeitos a um único modelo de respostas às situações cotidianas, é mais coerente admitirmos que os repertórios estão disponíveis às pessoas e são empregados em diferentes situações, a partir das muitas diferentes filiações.

É evidente que em nossa sociedade, fundamentada em uma distribuição hierárquica e desigual, alguns repertórios vão possuir, por certo, uma força retórica maior que outros. Entretanto, isso não significa dizer que outras formas não estejam aí disponíveis e que não possam vir a se tornar também hegemônicas ou mesmo questionar a cristalização de sentidos que a hegemonia busca obscurecer.

2) No conceito de repertórios interpretativos, do mesmo modo que os grupos não são identificados como caracterizados por um único tipo de discurso, os sujeitos também não o são. A noção dos repertórios defende que estes são usados para realizar diferentes tipos de descrição de atividades, não ocorrendo na análise, desta maneira, uma tentativa de encontrar consenso no uso dos repertórios por parte de uma pessoa, pressupondo que ela usaria sempre um mesmo tipo de repertório; até porque, nessa perspectiva, como diriam Potter e Wetherell (1987, p. 156), “o que é previsto é exatamente a variabilidade ao invés do consenso”.

A previsão pela variabilidade em detrimento da busca pelo consenso implica o reconhecimento de que a fala constrói diferentes versões do mundo e é orientada por diferentes funções. Por isso, é de se esperar que exista variabilidade no repertório utilizado pela mesma pessoa e que exista variabilidade entre os repertórios utilizados por diferentes pessoas.

3) O foco dos repertórios interpretativos é na linguagem em uso, no modo como as descrições são construídas e nas suas diferentes funções. Os significados não são produzidos

no interior dos indivíduos, mas são produzidos no discurso à medida que as pessoas constroem novos textos e descrições. Deste modo, a ênfase recai menos sobre as regras e mais sobre o uso da linguagem.

5. A pesquisa: objetivo, participantes, construção e análise do corpus e aspectos éticos

5.1. Objetivo

O objetivo desta pesquisa é identificar os repertórios interpretativos sobre maternidade utilizados em entrevistas com mulheres que vivenciam esta experiência.

5.2. Participantes

Participaram deste estudo 12 mulheres da cidade de Araguari (MG), mães, usuárias do Centro de Atendimento e Acompanhamento Materno Infantil (CEAAMI), com idade compreendida entre 18 e 36 anos, com filhos entre 4 meses e 14 anos, tendo o último filho a idade compreendida entre 4 meses e 2 anos.

A escolha por mulheres que estivessem vivenciando os anos iniciais do pós-parto esteve sustentada pelas descrições desse período na literatura (Felice, 2000; Stasevskas, 1999) como sendo um momento crítico e cheio de tensões para a mulher, bem como pelas escassas investigações acadêmicas e ações no âmbito da saúde pública voltadas à mulher nessa fase. Conversar sobre os sentidos de maternidade nesse momento de mudanças parece assumir, assim, uma relevância para o cotidiano dessas mulheres.

As participantes foram selecionadas a partir dos cadastros da unidade de saúde – CEAAMI – nos quais era consultado o número de telefone das usuárias que freqüentaram o serviço nos últimos meses. Destacamos que antes de iniciarmos este processo, obtivemos autorização da coordenadora da instituição – CEAAMI – bem como do Secretário da Saúde,

os quais assinaram um termo de ciência e autorização da utilização do cadastro de usuárias para a seleção das participantes. Este termo de autorização era um pré-requisito para que o projeto de pesquisa fosse aprovado pelo Comitê de Ética e, portanto, foi anexado e enviado para o mesmo, juntamente com outros documentos solicitados.

As participantes selecionadas haviam freqüentado nos últimos meses a unidade de saúde municipal – o Centro de Atendimento e Acompanhamento Materno Infantil. O CEAAMI é uma unidade municipal de saúde voltada para a atenção primária e está em funcionamento desde janeiro de 2004, recebendo pessoas da classe popular e média. Atende diariamente as mães em suas consultas ginecológicas, as quais devem ocorrer até o quadragésimo quinto dia após a data do parto e também as crianças na aplicação de vacinas e consultas pediátricas.

Algumas características socioculturais das participantes, como idade, grau de escolaridade, número de filhos, ocupação atual, estado civil, bem como a quantidade de filhos e a idade destes foram dispostas em tabelas (Apêndice 1). Consideramos importante destacar que tais informações não foram utilizadas de forma direta na análise aqui realizada. Entretanto, entendemos que as mesmas nos auxiliam a contextualizar o trabalho dentro de algumas características do complexo universo da maternidade.

5.3. Passos na construção do corpus

Segundo Potter (1996), as entrevistas podem ser utilizadas como recursos metodológicos para a investigação das práticas discursivas, ou seja, sobre as formas como as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas interações. Neste trabalho, o objetivo das entrevistas foi o de investigar os repertórios interpretativos, ou seja, os termos, metáforas e imagens verbais utilizados pelas participantes em suas explicações sobre a maternidade.

Também buscamos identificar as funções de seu uso e os elementos relacionados a cada conjunto. Desse modo, o material de análise foi produzido por meio da realização de entrevistas semi-estruturadas, as quais foram realizadas pela pesquisadora e gravadas em aparelho mp3.

O contato inicial com as participantes foi realizado pelo telefone, obtido nos registros das planilhas de consultas, os quais contavam com nome completo das mães, telefone, endereço e idade da criança. Nesse primeiro contato, a pesquisadora se apresentava às mães, esclarecia os objetivos da pesquisa, convidava as usuárias a participar do estudo e então confirmava a disponibilidade e interesse de participar do mesmo. Com a demonstração de interesse da mãe em participar da pesquisa era então agendado um encontro posterior na residência da participante.

No dia agendado, a pesquisadora informava sobre as condições éticas de desenvolvimento do trabalho, esclarecia o termo de consentimento (Apêndice 4) e após a autorização por escrito, a entrevista (roteiro em Apêndice 2) passava a ser gravada em áudio, em um aparelho mp3.

A opção, nesse estudo, pelo recurso das entrevistas esteve relacionada à característica desta técnica em proporcionar o contexto para a produção de conteúdos fornecidos diretamente pelos sujeitos envolvidos no processo; além de possibilitarem o resgate da história individual de cada participante em relação ao tema abordado. O seu emprego na forma semi-estruturada, elaborada segundo um roteiro, sem que esse tenha que ser seguido à risca, possibilita um diálogo entre pesquisador e participante e possibilita a este último a oportunidade de se pronunciar em relação à temática em questão (Minayo, 1994).

Na medida em que a conversa ia se desenvolvendo, as perguntas de apoio do roteiro eram realizadas e outras perguntas eram formuladas, buscando atender o objetivo principal da entrevista, o de compreender os sentidos construídos pelas participantes para descrever a

maternidade. Buscando dar visibilidade às conversas realizadas, disponibilizamos na íntegra a transcrições de uma das entrevistas, disposta no final deste trabalho (Apêndice 3). Ressaltamos que preservamos os nomes das participantes, de seus filhos e companheiros, sendo utilizados nomes fictícios para identificá-los.

A decisão de entrevistarmos todas as participantes em suas residências esteve pautada pela consideração de que este seria um contexto mais cômodo às participantes – por não precisarem se deslocar com as crianças e por adequarem o horário da entrevista de acordo com a sua disponibilidade, além de que, acreditávamos que este seria também um contexto mais familiar e mais aberto para as peculiaridades da vida de cada entrevistada.

As entrevistas tiveram uma duração média de uma hora a uma hora e meia. Entretanto, duas entrevistas desviaram desse padrão. Uma durou 40 minutos, uma vez que a entrevistada havia marcado um compromisso logo em seguida e não quis se estender. Outra entrevista precisou ser realizada em dois dias, uma vez que totalizou quase 5 horas de gravação. Nessa situação, a entrevistada mostrava-se falante, disposta a cooperar e por termos que interromper a entrevista para que ela fizesse o almoço, ficou combinado que continuaríamos a conversa no dia seguinte.

Durante a realização deste trabalho, foi também confeccionado um diário de campo, no qual a pesquisadora anotava suas impressões, dificuldades, idéias e os relatos que surgiam antes, durante ou após a realização das entrevistas. Apesar de não terem sido analisadas sistematicamente, essas anotações contribuíram para uma compreensão inicial e exploratória sobre a entrevista, os conteúdos trazidos pelas participantes, a postura da entrevistadora, bem como a identificação de algumas tendências e desafios, promovendo uma posição ativa e reflexiva da pesquisadora durante todo o processo de construção do corpus.

5.4. Passos na análise do corpus

A análise do corpus produzido por meio das entrevistas semi-estruturadas junto às participantes foi realizada segundo as propostas de análise do discurso influenciadas pela perspectiva construcionista social (Gill, 2003; Potter, 1996; Potter & Wetherell, 1987; Rasera, 2004; Spink, 2004; Wetherell, 1998). Assim, os passos da análise consistiram de:

a) transcrição de todas as entrevistas realizadas: a transcrição caracteriza um momento de ampla produção de sentidos em relação ao material produzido. É nesta hora que os sons captados pelo gravador são traduzidos em palavras e marcadores lingüísticos. Utilizamos nesta etapa, o modelo de transcrição adotado por Schiffrin (1987) em que as iniciais dos nomes de cada participante são postas no início de cada enunciado e a utilização dos marcadores pode ser resumida da seguinte forma:

* ponto final [.]: indica entonação descendente seguida de pausa, sugerindo o fim de uma declaração;

* ponto de interrogação [?]: indica entonação ascendente seguida de pausa, sugerindo o fim de uma interrogação;

* vírgula [,]: indica entonação contínua que pode ter leves alterações (menor que "." ou "?") e ser seguida de pausa (menor que "." ou "?");

* ponto de exclamação [!]: indica um tom animado;

* pontos finais seguidos [...]: indicam pausa ou ruptura no ritmo sem queda na entonação;

* um ponto de interrogação entre parênteses [(?)]: significa trecho inaudível ou transcrição duvidosa;

* três pontos entre parênteses [(...)]: significa trecho de transcrição omitido.

Nesse sentido, o texto organizado a partir desta forma de transcrição constituiu o material a ser analisado nas etapas subseqüentes do processo de análise.

b) leitura flutuante, curiosa e reflexiva das transcrições: a leitura cuidadosa e, por várias vezes, repetida do material transcrito permitiu que surgissem as primeiras impressões a respeito das transcrições, uma reflexão inicial em busca dos detalhes, das contradições e nuances dos sentidos.

c) codificação: após intensivas leituras sobre o material procuramos identificar imagens, adjetivos, expressões e metáforas produzidas pelas entrevistadas para descreverem a maternidade. Para isso, retornamos várias vezes às transcrições, buscando identificar os elementos segundo os quais estas imagens foram produzidas. Em seguida, buscamos agrupar as imagens e expressões que apresentavam similaridades e que foram frequentemente utilizadas pelas participantes para justificar suas versões.

d) análise: nesse estágio, nomeamos os repertórios interpretativos identificados no corpus, buscando a caracterização desses conjuntos e as funções do uso de cada descrição nas situações específicas. Consideramos, portanto, as formas como as coisas foram ditas, a maneira como a linguagem foi empregada, para que e em que momento.

5.5. Aspectos éticos

As entrevistas individuais foram realizadas pela pesquisadora e gravadas em aparelho mp3. Todo o trabalho seguiu as normas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e os arquivos de áudio, depois de transcritos, foram destruídos, garantindo que as participantes não sejam identificadas. Após análise do corpus, o material transcrito foi convertido em um banco de dados para possíveis análises futuras, considerando que a pesquisa na perspectiva qualitativa possibilita múltiplas interpretações e novas análises sobre

um mesmo material. As participantes foram esclarecidas sobre a composição de um banco de dados com o material produzido nas entrevistas, bem como da destruição das fitas.

O projeto de pesquisa aqui apresentado foi submetido à avaliação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, sob o parecer nº 256/07 conforme comprovado no fim deste trabalho (ANEXO 1).

6. Análise

Antes de adentrarmos nesse campo, gostaríamos de situar que esta análise – como parte do processo reflexivo e interpretativo em que se insere a pesquisadora no desenvolvimento deste estudo – não teve a pretensão de esgotar todas as possibilidades de sentido nas descrições das participantes, mesmo porque isso seria uma tarefa impossível segundo a epistemologia que sustenta este trabalho.

Dessa forma, convidamos o leitor a visitar os sentidos por nós aqui interpretados, a compreender os lugares criados nesta produção para a maternidade, para a pesquisadora e para as participantes.

Considerando o nosso objetivo em compreender os sentidos de maternidade construídos por mulheres que vivenciam esta experiência, buscamos inicialmente nomear e descrever os repertórios interpretativos utilizados pelas participantes no contexto da entrevista. Buscamos, também, fazer uma reflexão buscando a caracterização desses conjuntos e das funções de seu uso nas situações específicas. Outro aspecto enfatizado nessa reflexão se refere aos lugares construídos para a mãe, a mulher e a criança em cada descrição. Nesse sentido, procuramos nos atentar tanto em relação às maternidades construídas, mantidas, ou impedidas, quanto às funções de tais construções nos diferentes momentos do contexto conversacional.

Tendo este foco, a análise das entrevistas transcritas proporcionou a identificação de 4 repertórios interpretativos dominantes em relação à maternidade, utilizados pelas participantes para produzir sentidos sobre tal fenômeno. Eles foram nomeados como *maternidade romântica*, *maternidade medicalizada*, *maternidade exigente e aprendendo com a maternidade*, os quais discutimos a seguir.

6.1. Maternidade romântica

“eu queria criar uma palavra nova pra definir completamente, ilimitadamente tudo o que eu sinto pela minha filha, o que eu sinto pelo meu filho” (Andréia)

Analisando as descrições a respeito da maternidade, identificamos um conjunto de termos e imagens comuns que denominamos “*maternidade romântica*”, assim nomeado porque entendemos que este repertório é utilizado para descrever a maternidade em termos de amor, sentimento, instinto, beleza, essência e transcendência.

O repertório “*maternidade romântica*” é caracterizado por descrições que enfatizam a maternidade como vivência incomunicável, como ocorrência mágica, como condição natural e instintiva, divina, plena, idealizada, como sonho a ser realizado. Além dessas descrições, este repertório também é marcado pela associação com a amamentação e tipicamente é utilizado em momentos da entrevista em que as participantes tentam definir a maternidade e descrever a história da maternidade na família.

Essa descrição está também associada ao sentido de plenitude, relacionada a uma descrição totalizante da mulher; sendo a maternidade constituída neste repertório como o papel por excelência da mulher. Nesse sentido, a maternidade é construída como fenômeno distinto, singular, perfeito, divino. Expressões como “tudo lindo”, “não tem como explicar”, “só quando é mãe pra saber o que é ser mãe”, “melhor coisa que existe”, “não acaba nunca”, “é viver”, “é amor”, “é Deus” são utilizadas por elas com a finalidade de ilustrar estas descrições.

A análise do repertório “*maternidade romântica*” foi organizada em três tópicos, como tentativa de possibilitar uma apresentação mais didática das imagens aqui exploradas, ficando, então, estruturada da seguinte forma: A) Ser mãe: experiência plena, instintiva, natural e incomunicável; B) Maternidade como sonho e C) Amamentação como momento de encontro e ligação entre mãe e filho.

A) Ser mãe: experiência plena, instintiva, natural e incomunicável

O repertório “*maternidade romântica*” pressupõe o estabelecimento de um vínculo emocional durável com o outro, pautado pelas qualidades intrínsecas deste relacionamento; apresentada neste repertório como uma relação de envolvimento com o filho que torna a vida da mãe “completa”.

Trecho 1:

Renata: O que mais você pensa quando você pensa em ser mãe?

*L: Ah... é, é isso. **Ser mãe é, é, é realmente amá muito.** Acho que não tem mais o que pensar além do amor, sabe? **É viver, é dar tudo o que eles quê, sabe, é dar o de melhor.** (Olha então pra filha) **Né, princesa?** (Laura)*

Trecho 2:

Renata: Andréia, nós vamos conversar um pouquinho então, sobre ser mãe. Que coisas que você gostaria de me falar sobre esse assunto?

*A: Ah, eu acho que eu vô te falar **o que cê já deve tá escutando sempre.** É muito bom. (...) **Eu acho que a gente só sabe realmente o que é amar quando se tem um filho.** (...) **Não tem como você descrevê.** (...) **Então não tem como dizer o que é ser, você precisa ser.** (Andréia)*

Parece difícil, nesse repertório, explicar o que é ser mãe porque é preciso sentir para compreender. Ter um filho possibilita a descoberta de sentimentos indescritíveis. A utilização deste repertório tem como função qualificar o amor materno. Não há amor maior, não há sentimento que se compare. E tal como a maternidade, o amor materno é instituído, nesse repertório, como sentimento natural e instintivo.

As imagens sobre esse amor “natural” surgem especialmente nas histórias sobre a descoberta da gravidez e do parto, e tentam descrever a existência desse sentimento desde o primeiro momento, como é colocado na fala de Adriana: “*toda mãe quando pensa em ter um filho, já começa a amar antes de conseguir ter um filho. (...) Já começa a amar desde a primeira semana que tá na barriga, e, e mãe é vida, é tudo*”.

Com tal vocabulário, esse repertório além de pressupor uma noção de maternidade e de amor materno idealizados, constrói também o bebê ideal. A criança é descrita como uma “princesa”, como o objeto de amor tão sonhado que ao ser conquistado completa a mãe e a faz compreender o que é amor. E, sustentada por essa idealização, a relação com o outro – o filho – é constituída com um sentido de plenitude, de encontro, em que tanto o que é recebido quanto o que é ofertado a esse outro é o que há de melhor em si. É nessa relação e por meio dessa que se descobre a felicidade, o amor, a realização pessoal.

Porém, ao propor que *“não tem como dizer o que é ser (mãe), você precisa ser”*, descrevendo a maternidade como incomunicável, este repertório traz também a idéia de que a maternidade tem um sentido único, sentido este descrito como decorrente da essência da maternidade. Como se ao ter um filho, todas as mulheres compreendessem e partilhassem os mesmos significados e sentidos em relação ao ser mãe, como se contassem com uma linguagem única para descrever a maternidade. Deste modo, a constituição da mãe neste repertório é pautada pelas noções de generalização, universalização e naturalização da mãe, ou seja, a “maternidade romântica” constrói a mãe por natureza, a mãe por essência.

Se por um lado, ser mãe é desempenhar uma condição natural; por outro, a criança nesse repertório possui um papel indeterminado. Para além das ações da mãe e do bebê, a mãe existe pela sua condição natural, pela sua composição interior que a faz mulher e mãe. A mãe por natureza é a mãe constituída pelos seus sentimentos instintivos, sentimentos inerentes à condição de ser mãe e ser mulher. Desse modo, como pontuado anteriormente neste trabalho, a maternidade concebida em termos de instinto e natureza, ressalta a concepção de que ser mãe seja parte da natureza da mulher e, portanto, fortalece a noção de que toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição; idéia que pode ser vislumbrada na fala de Amanda que *“quando tem filho, quando a pessoa é mãe, quando a mulher é mãe ela já sabe”*.

Nessa lógica da maternidade como elemento da natureza feminina, ser mãe é configurado como condição para a constituição da identidade social feminina, em que ser mulher é ser mãe, e, portanto, só se é de fato mulher quando se é mãe. Assim, a maternidade passa a existir como possibilidade de se descobrir e se reconhecer como mulher, como pode ser realçado na fala de Adriana que ao relatar sobre a emoção do parto coloca: “*Descobri que eu, que eu tava totalmente realizada, que eu já tinha me tornado uma mulher*”. O uso do repertório “maternidade romântica” no trecho seguinte além de nos auxiliar a compreender e a ilustrar essa idéia, relaciona-se também à questão do amor:

Trecho 3:

Renata: Bom, então nós vamos conversar um pouquinho agora, Laura, sobre ser mãe. Que coisas que você gostaria de me falar sobre isso?

L: (...) A gente vira mulher quando tem filho realmente, né? Eu acho que é isso. É amá mais do que a si mesmo. É tudo. (Laura)

O filho preenche um lugar que a mãe sequer reconhecia até que a relação com ele fosse iniciada. Parece haver neste repertório a idéia de uma mulher que anteriormente era fragmentada e que, em certo sentido, ao ser mãe se torna completa.

Além dessa metáfora da mãe como mulher plena, no repertório “*maternidade romântica*” a mãe só existe enquanto mãe, uma vez que a maternidade é uma descrição que a engloba e a preenche totalmente, não havendo espaço e legitimação de outros papéis que não o de mãe. Assim, ser mãe é tudo. A utilização de tal repertório parece estar relacionada à maneira como essas participantes dão sentido à maternidade, como uma tentativa de descrever a totalidade existente na condição de mãe, o que me recorda a conversa com Adriana que quando perguntada sobre a sua profissão me respondeu imediatamente: “*mãe*”. Na “*maternidade romântica*”, ser mãe é a descrição de si privilegiada, e é assumida como a melhor definição de si como mulher, como identidade extraordinária.

O termo “mãe” parece trazer implicitamente uma amplitude de símbolos como amor, carinho, doação; porém, esses termos não conseguem ser reconhecidos como sinônimos de “mãe” porque precisariam ser incluídos, integrados, todos eles, em uma mesma categoria. Ao utilizar tal repertório, parece não haver nessas descrições outro conceito – que não o de mãe – que comporte a intensidade e o caráter de plenitude conferido à maternidade, como é colocado na fala de Andréia: *“parece que ainda não existe a palavra completa, sabe, o conceito correto, falar é assim”*. Nessa dificuldade de encontrar uma categoria que possa corresponder ao significado que o termo “mãe” traz, este é aproximado da divindade e de descrições metafísicas e assim o ser mãe na “maternidade romântica” constitui-se como um conjunto específico de ideais que sugerem uma transcendência; noção que é expressa no trecho abaixo:

Trecho 4:

A: Você pensa em carinho, é pouco. Parece que a palavra não consegue abranger tudo, sabe? Parece que é uma coisa muito simples. Parece que sentir amor pela minha filha é tão pouco; não passa nem perto do que a gente realmente sente. É como se você quisesse criar uma palavra nova pra o que você tá sentindo. Eu acho que toda mãe deve sentir isso “eu queria criar uma palavra nova pra definir completamente, ilimitadamente tudo o que eu sinto pela minha filha, o que eu sinto pelo meu filho”. Então eles falam muito isso “ah, você não conseguiu entender porque você não é mãe”. (...) Então é por isso que eu escutei demais isso e hoje eu sei que realmente é assim. Que se alguém chegasse em mim eu ia responder a mesma coisa. Acho que eu ia responder pra ela que é verdade, não tem jeito, é velha, clássica, antigo, mas é, é clássica, mas é. (...) Não é somente amor, não é somente cuidado, é como se fosse uma mistura disso, sabe? Como se eu pudesse criar não uma nova palavra, mas um novo sentimento, que não é só esse negócio, só o amor, carinho, sabe? Mas parece que ser mãe é uma mistura disso tudo. É uma coisa que, como é que eu? É um código que não existe. (...) Eu acho uma palavra que mais traduz isso é Deus, sabe? É Deus. Acho que é Deus, somente Deus conseguirá traduzir o que eu sinto, sabe? Eu acho que o homem não consegue explicar, sabe? Eu acho que seria a palavra mais próxima disso, eu acho que é Deus, sabe? (Andréia)

Falar da maternidade, nesse sentido, é descrever um fenômeno misterioso, marcado pelo encanto e pelo aspecto divino, e assim, correr sempre o risco de não expressá-lo fielmente em sua magnitude, especialmente a mulheres que não vivenciam tal experiência, lugar no qual sou colocada em muitos momentos no contexto das entrevistas. A maioria das

participantes me perguntou se eu tinha filhos e pareciam de antemão antecipar a minha resposta negativa, como se o meu desejo de compreender e questionar um pouco mais sobre a maternidade só coubesse a mulheres que não têm filhos. E completavam “*ah... você vai ver quando for mãe, tem que ser mãe pra saber*” ou ainda “*eu te garanto que você não imagina como seria, como você seria como mãe*”. Como se houvesse um código secreto conhecido por todas aquelas mulheres que se engajam nessa condição da maternidade. Como se a maternidade se tratasse de algo inimaginável, só passível de compreensão pela vivência. E deste modo, a gravidez neste repertório é constituída como uma dádiva, uma benção, algo que distingue quem tem e quem não tem, quem é e quem não é mãe.

As metáforas e imagens neste repertório de que a tradução do significado da mãe só é adquirida por quem passa pela experiência da maternidade e a suposição de que essa descoberta aconteça uniformemente a todas as mulheres também estão relacionadas a uma descrição da maternidade marcada por um conjunto de expectativas, de coisas a serem ditas e de princípios implícitos sobre o ser mãe, como reconhecemos na fala de Andréia, no trecho 2 acima: “*Ah, eu acho que eu vô te falar o que cê já deve tá escutando sempre. É muito bom*”. Parece haver a alusão a um acordo implícito sobre o que as mães falam sobre ser mãe, e principalmente, o que dizem ou devem dizer as boas mães. Portanto, a “*maternidade romântica*” é tacitamente marcada pela expectativa de que falar da maternidade é expor os seus encantos e atrativos, é falar da mãe como símbolo de amor eterno e incondicional, de doçura, de carinho, de bondade, de pureza, de proteção e de uma relação com os filhos baseada no afeto, generosidade e felicidade indescritíveis.

Desta maneira, podemos dizer que o uso desse repertório tem a finalidade de descrever a maternidade como um fenômeno majestoso, pleno, divino. E utilizando tal repertório, as participantes tentam passar a idéia de que são boas mães e colocam-se como pessoas completas, realizadas e agradecidas pelos privilégios a elas concedidos pela maternidade.

Contudo, essas descrições marcadas pela ênfase na mãe como modelo de generosidade e afetividade servem como incentivo à construção de uma imagem hegemônica da maternidade e, embora haja outras formas de maternidade socialmente disponíveis, a força retórica desta descrição promove a cristalização de sentidos, dificultando o questionamento desta imagem dominante, e assim, dificulta também a compreensão e legitimação de formas distintas de ser mãe ou de ser mulher.

B) Maternidade como sonho

Ser mãe no repertório “*maternidade romântica*” constitui-se como um sonho, ora da própria mulher, de ser mãe, de ter “uma continuidade”, ora como concretização do casamento na constituição da família. Qualquer que seja aqui o caso, dentro ou fora de um relacionamento, como desejo remoto da mulher ou motivado pelo casamento, a maternidade configura-se nesse repertório como declaração de que a partir dali, da realização do sonho de ter um filho, “todos foram felizes para sempre”.

O sonho da mulher em ter filhos parece relacionado à intensa valorização do papel materno na constituição da identidade social feminina, em que ser mãe é adquirir um status superior; é ser, finalmente e verdadeiramente amada, é vivenciar uma relação de encontro com o outro, completando-o e sendo com ele também completa; condições só alcançadas nessa relação.

Trecho 5:

A: ...*Eu lembro de uma situação que a gente passou. A minha irmã ela teve o Gabriel. (...) Aí quando a Fernanda (irmã) engravidou eu fiquei muito mal. Ficou parecendo assim, que eu tava muito velha e minha irmã mais nova já tava, já tinha conseguido engravidar e eu não tinha. (...) E eu tava com vinte e quatro anos e ainda não tinha conseguido chegar a esse patamar de ser mãe, de amar uma pessoa, de fixar um relacionamento e criar uma filha ou um filho. (...).*

Renata: *E o que que é esse patamar?*

A: *De ter uma filha, de ter uma continuidade, sabe? E de ter uma pessoa que te ama. Eu acho que as crianças, eu sei que eu tô sendo muito romântica, muito idealista, mas*

eu acho que o filho ele te ama de uma forma que ninguém te ama, ele te olha de uma forma que ninguém te olha. Às vezes, igual eu te falei na hora da amamentação, o jeito que a Andressa me olhava é um jeito que ninguém nunca mais vai me olhar. Mas eu falo comparando que eu acho que o jeito que Deus te olha, acho assim, sabe? Que você pra ela é tudo, sabe? Pra você, pra ela você é tudo, sabe? (Andréia)

Ser mãe é nesse sentido, alcançar um “patamar” privilegiado, é estabelecer com outro uma relação de amor profunda, inigualável, quase que divina. A gravidez passa a ser descrita neste repertório como mérito pessoal, como conquista individual – “tinha conseguido engravidar” – que possibilita atingir esse status diferencial que é o de ser mãe.

A utilização deste repertório no trecho anterior também traz a idéia de que é a mãe a pessoa mais importante na vida do filho; mais do que importante, ela é tudo pra ele. Pela descrição dominante neste repertório a plenitude só parece possível nessa relação entre mãe e filho, sentimento este que se deseja e no qual se busca chegar. Assim, o uso deste repertório relaciona-se também ao sentimento de angústia, culpa. Não conseguir engravidar e ocupar esse lugar diferencial é sentir-se muito mal pelo receio de que esse lugar de prestígio não seja alcançado, é temer perder a oportunidade de ser vista e amada como nunca anteriormente se foi e como em nenhum outro lugar – que não o de mãe – o será.

Ao colocar a maternidade como um sonho este repertório nos convida a um entendimento da maternidade como condição sublime e como realização sequer imaginada por quem não a vivencia deste modo; não há espaço e reconhecimento na “*maternidade romântica*” para descrições de mulheres que não querem ser mães. E assim, este repertório está relacionado à noção de que só não se é mãe se houver impossibilidade e, nesse sentido, não ser mãe é descrito como não concretizar o sonho; é ser vista como frustrada, infeliz, “pra baixo”. É não ser capaz de conhecer esse código misterioso e secreto que envolve o ser mãe e reconhecer-se, portanto, como incompleta.

Trecho 6:

Renata: Quando você fala assim que ela (a prima) é frustrada... Por que que você acha? Qual que é o motivo de frustração dela em não poder ter filho?

*L: Acho que é porque o sonho dela é esse, né, de ter uma criança. Ela já tem tudo concretizado, ela é casada, ela tem casa própria, já tem uma estrutura pra ter um filho. E a irmã dela bem mais nova já tem uma criança, tanto é que ela cuida dele como se fosse filho também. Eu acho que é mais por isso. **Só de você saber que não pode ser mãe cê já fica frustrada. Já num, já fica triste né, já num consegue mais pensar em outra coisa além de ter um filho. Eu acho que é por isso que ela é... tão pra baixo.** (Laura)*

Com a utilização deste repertório no trecho anterior a maternidade é apresentada como sonho que só não se realiza porque a mulher não pode, e não porque ela não quer. Parece haver também neste repertório a idéia de que não ser mãe implica não realizar um potencial e instaurar uma significativa e incômoda diferença. Deste modo, não ser mãe é descrito como querer ter um filho, mas não ser capaz de tê-lo. A limitação que parece relacionada a problemas de fertilidade é organizada como incapacidade de se sentir completamente realizada; ela é casada, tem casa própria, tem uma estrutura financeira, mas não conseguiu ter o filho.

E uma vez que a maternidade é encarada como destino e completude, a descrição desta mulher neste repertório conta com certa compaixão e piedade, pelo entendimento de que falta a ela algo fundamental que a impede de atingir sua completude e a faz sofrer. Portanto, as imagens e descrições da maternidade a partir do repertório da “*maternidade romântica*” além de produzirem uma estigmatização da mulher infértil, não legitimam a escolha por não ser mãe.

Consideramos importante ressaltar que além da maternidade ser construída como valor social, descrever o ser mãe a partir do repertório da “*maternidade romântica*” destaca o envolvimento das relações sociais de gênero que ao definirem tradicionalmente a valorização da maternidade, acabam também por conferir um caráter de inadequação à não maternidade. Desta forma, essas descrições da infertilidade como desvio dos valores socialmente construídos sobre o ser mulher e o ser mãe nos permitem também compreender como esses

valores são compartilhados pelas entrevistadas, imersas e envolvidas nesse contexto sócio-cultural.

Nessa descrição da maternidade como sonho, outras imagens de mãe parecem destoar da constituída neste repertório, e essas mães são então apresentadas como desviantes e incompreendidas.

Trecho 7:

And: Sabe, então acho que não tem como descrevê realmente. É só depois que você é. Não tem condições de... “como é que alguém consegue fazê mal?”, porque a partir do momento que você ganha até a hora que cê deixa esse mundo cê se preocupa, cê quer o melhor, não quer que nada de ruim aconteça, sabe, então é complicado, é difícil descrevê. (Andréia)

Trecho 8:

K: (...) ...é, dar, assim essa palavra dar é muito pesado, mas eu falo assim de deixar outra pessoa cuidar, sabe, ter o cuidado da mãe mesmo, então eu acho que, eu no lugar dela eu não teria não (coragem de), por mais que eu não tivesse condições... (Karla)

Na descrição romântica da maternidade em que ser mãe é a melhor coisa que existe, parece não haver espaço para descrições de desprazer, tornando-se absurda neste repertório a idéia de maus tratos em relação à criança, de mães que doem seus filhos a outras pessoas, assim como não se entende não querer ser mãe. Soa inaceitável que uma mãe dê um filho, sendo mais compreensível pensar que ela permita que outra pessoa seja responsável pelos cuidados. Não há espaço legítimo, portanto, para mães que não se realizaram com a maternidade, que não gostaram de ser mães, que não vislumbraram benefícios ou ainda, para mulheres que não cultivaram esse sonho de ser mãe. Assim, além de tais impedimentos, a noção de plenitude e o caráter totalizante descrito na “maternidade romântica” inibem também a legitimação de outros papéis.

C) Amamentação como momento de encontro e ligação entre mãe e filho

O repertório da “*maternidade romântica*” também é recorrentemente utilizado durante as entrevistas quando as participantes, ao tentarem descrever o ser mãe, trazem a questão da amamentação. A amamentação é descrita nesse repertório como prova de amor e carinho da mãe pelo seu filho, como momento privilegiado para troca de afeto e afeição na relação entre os dois, enfatizando a noção de uma conexão e de um relacionamento mais caloroso quando este acontece. Esses sentidos são anunciados por expressões como “mãe que amamenta sente mais carinho”, “você sente mais o calor deles”, “é a coisa mais bonita numa mãe”, “tão bonito dar de mamar”.

Assim, as participantes ao utilizarem este repertório tentam descrever a amamentação como um momento de intimidade, de encontro entre mãe e filho e como um acontecimento de extrema beleza na vida da mulher. E assim como ocorre nas descrições sobre a maternidade, as imagens e metáforas empregadas para definir a amamentação constroem, sob esta ótica romântica, a figura da mãe ideal, homogênea e uniforme como pode ser ilustrada na fala de Cecília: “*Amamentação pra mim é... esquece tudo e acho assim que, pra toda mãe*”. Deste modo, a amamentação se constitui como evento indescritível e incomparável. É por meio dessa relação que mãe e filho podem se (re) conhecer. O fragmento abaixo nos auxilia a ilustrar estas descrições:

Trecho 9:

Renata: Aham. Você tava contando do seu parto, né? O que que te marcou nesse momento?

C: Ai, foi porque ele, no primeiro dia ele já mamou em mim, sabe?(...)

Renata: E como foi amamentar para você?

C: Ah, é um afeto, é bonito demais. E agora então a gente... Só meu peito acalma ele. Ele olha pra mim já vem direto no meu peito. É sei lá, um sentimento de carinho, de... como é que fala? De conexão entre nós dois daquelas que... Ah, não sei, é um afeto tão grande, eu não sei explicá. Às vezes eu tô na cama assim e ele vem rolando assim e já vem direto no meu peito desse jeito assim e mama e olha pra mim e ri, sabe? Ah, é bonito demais! (Cecília, 432)

Muito além do alimentar o filho, amamentar é estabelecer uma relação profunda de afeto com ele, é aconchegá-lo no peito e acalmá-lo. Essa descrição da amamentação, presente neste repertório, constitui a mãe como expressão de doçura, acolhimento, devoção, ternura e pureza; e, portanto, amamentar configura-se como condição peculiar para nutrir esse vínculo afetivo entre mãe e filho. Nesse sentido, assim como não ser mãe nesse repertório é ser descrita como sendo menos mulher; não amamentar, resultado de uma impossibilidade, constitui a mãe como inferior àquelas que o fazem, como incapaz. A mãe que não amamenta é apresentada e se apresenta na “maternidade romântica” como uma mãe infeliz, angustiada e culpada por não ter realizado essa condição tão nobre da mãe: oferecer seu seio como prova de amor.

Assim, a discussão que paulatinamente fomos construindo neste tópico em relação à exaltação da mãe e da amamentação nos ajuda a reconhecer que o uso do repertório “*maternidade romântica*” gera benefícios, bem como sugere alguns desafios ao ser mulher e ser mãe.

Em nossa compreensão, descrever a maternidade por meio de metáforas de amor e devoção traz: a valorização e cultivo de relações entre mãe e filho baseadas pelo afeto, pelo desejo de vinculação e dedicação; media ações e práticas de cuidado e afabilidade em relação à criança, a qual necessita de alguém que zele por ela na questão da sobrevivência, do desenvolvimento e do relacionamento com os demais; oferece à mulher a possibilidade de se descrever a partir de um lugar social valorizado e de se realizar pessoalmente, além de contribuir como atrativo para a construção do desejo de se engajar nessa condição e ter filhos.

Em contrapartida, a maternidade idealizada deslegitima como mulher a que não tem filhos, como mãe a que não amamenta, impedindo que outras descrições sobre “mãe” e sobre “não ser mãe” sejam criadas. Assim, esse repertório está associado a sentimentos de culpa, angústia e estigmatização em relação às mulheres que não vivenciam a maternidade como

desejada nesse conjunto de expectativas que compõe o repertório da “*maternidade romântica*”. Podem ainda, as mulheres, serem percebidas e perceberem-se como desviantes de sua “natureza” ao não ser mãe, ou não desejar ser mãe, ao não amamentar, ou não ter anseio pela amamentação e ao não se enquadrar no papel de mãe amorosa e devotada constituído nesse repertório. Nesse sentido, esse modo de descrever a maternidade impede que descrições de desapego, raiva ou frustração em relação à maternidade ou à criança possam ser expressos, uma vez que estes são silenciados nesse repertório da mãe ideal e naturalmente devotada ao seu filho. Além disso, a descrição da mãe plena desvaloriza e deslegitima a ocupação de outros papéis e lugares, como o da mãe profissional ou da mulher que não é mãe.

6.2. Maternidade Medicalizada

“Eu pensei assim ‘nossa, meu filho nasceu saudável, perfeito’, né, (...) até então quando cê tá grávida você tem aquele medo, aquela preocupação ‘nossa, será que meu filho vai nascer com alguma deficiência ou...’, né?” (Karla)

Outro repertório identificado nas conversas com as participantes é “*maternidade medicalizada*”, tipicamente utilizado pelas entrevistadas quando elas focalizam na conversa o contexto da gravidez, do parto, do pós-parto e dos primeiros anos da criança.

Neste repertório, a maternidade é descrita como fenômeno do campo da saúde, organizado e regulado pelo conhecimento médico, psicológico, pedagógico, entre outros saberes, bem como pela tecnologia. Essa descrição da maternidade surge associada aos sentidos de risco, cuidado, saúde, doença e normalidade, expressos por meio de termos como “dor”, “parto”, “trauma”, “perfeito”, “hospital”, “médico”, “depressão”, “hemorragia”, “cesariana”.

Desse modo, essa descrição da maternidade como fenômeno do processo saúde-doença gera a valorização de ações e práticas voltadas para o cuidado com a criança, o

desenvolvimento de um exercício da maternidade atencioso, pautado por ações a fim de prevenir e evitar possíveis riscos, possibilitando desse modo, melhores condições de sobrevivência e desenvolvimento à criança. Oferece ainda a possibilidade de compromisso com a formação do um ser humano “saudável”, do adulto “equilibrado”, contribuindo, de forma geral, para uma melhor qualidade nas relações e na sociedade.

Com a finalidade de organizarmos o conteúdo aqui descrito, estruturamos a análise em torno de três tópicos: A) Os riscos da gravidez e do parto; B) A normatização do corpo “perfeito e saudável” e C) Descrições de maternidade psicologizadas.

A) Os riscos da gravidez e do parto

A descrição da maternidade com a utilização de um vocabulário técnico focada nas questões de saúde e doença parece estar relacionada à tentativa das participantes legitimar o sofrimento “da mãe”, bem como legitimar suas versões sobre os riscos envolvidos, como ilustramos com os trechos a seguir:

Trecho 1:

Renata: E tudo transcorreu bem? Como que foi?

Ra: Não, os dois meses primeiros meses foi só hemorragia, eu tinha que ficar só de cama. Passei os dois primeiros meses só de cama. Aí a nenê nasceu, só com nove meses. Mas sabe que que eu fiz? Eu escutei assim praticamente dois meses que eu era preguiçosa, que eu era cozida, mas eu passei de cama. Porque eu pensei assim se eu tive problema no começo da gravidez... Com certeza se eu fizé alguma coisa agora ela vai nascer antes do tempo também. (...) Tive problema no meu parto porque o médico tinha, ele tinha visto que não ia ser um parto normal, não tinha lógica. (...) Eu falei pra ele (...) “eu preferiria muito mais que fosse um parto normal pra poder já saí daqui andando numa boa do que saí daqui tudo costurada, mas eu sei que não tem jeito” (Raquel)

Trecho 2:

C: ...Toda vida eu fui depressiva e o medo do parto, eu tinha muito medo do parto. Eu tinha medo que, ela foi parto normal e ele foi cesária. Foi parto normal e cesárea porque eu fui até as últimas pra parto normal, minha pressão subiu e eu não tinha o líquido amniótico. É amniótico?

Renata: Aham.

C: E nasceu até com uma infecção, eu e o Lucas. Eu fiquei quarenta dias com uma infecção, tomando remédio sem pará e ele, e dando febre e ele também, entendeu? Então, é... eu tive até trauma, eu fiquei com trauma de gravidez. E sempre usei os método certinho, igual eu, fazê tabelinha. Porque eu não me adapto a remédio nenhum e... engravidei, nem esperava isso. Quinze anos de tabelinha, praticamente quinze anos de tabelinha e eu nunca engravidei, sabe? Parece ((?)), e depois da menstruação eu apareci grávida, então aí de novo aquela bagunça tudo de novo. (Cecília)

Nos fragmentos anteriores, o repertório “*maternidade medicalizada*” é utilizado com a função de apresentar uma descrição das dificuldades vivenciadas na gravidez e no parto, bem como dos riscos a que mãe e bebê estavam expostos, como a possibilidade de um parto prematuro, a realização de uma cesariana com o aumento da pressão sanguínea, ou ainda a morte. Desse modo, além de produzir uma versão sobre os riscos, o uso deste repertório também parece estar relacionado a uma justificativa e legitimação do sofrimento vivido: passar dois meses de cama, mesmo sendo incompreendida e tachada de preguiçosa pelos outros, ou ainda, tentar o máximo que podia a ocorrência do parto normal, evento que é constituído neste repertório como a condição ideal e assim, descrito como o parto almejado.

Consideramos importante contextualizar minimamente os trechos anteriores para compreendermos o momento da entrevista em que as participantes utilizam este repertório e que função este uso tem. Em nossa conversa Raquel, no trecho 1, vinha anteriormente descrevendo a surpresa com a notícia da gravidez, a ausência do apoio familiar e o caráter conturbado desse momento inicial, especialmente pelo descrédito dos familiares em relação à sua capacidade de cuidar da criança.

Pergunto a ela se “*tudo transcorreu bem*” e essa pergunta parece convidar sentidos e lugares específicos para mim e para Raquel na interação. Perguntar neste contexto se “*tudo transcorreu bem*” associa-se às imagens presentes no repertório “*maternidade medicalizada*”, uma vez que o termo “bem” parece sugerir um tipo de descrição, e assim, produz um lugar específico para mim na interação, o de profissional da saúde. Assim, ao ser posicionada como

profissional da saúde, cria-se espaço na conversa para um conjunto de expectativas e descrições possíveis para o “transcorrer bem”, entendido nesse contexto como estado “normal” e saudável e, desta forma, determinadas condições de responder são produzidas segundo este mesmo repertório.

Em relação ao trecho 2, Cecília vinha me contando o que pensava sobre ser mãe e o quanto a maternidade tinha adquirido para ela um sentido traumático, devido às dificuldades enfrentadas na gestação, parto e pós-parto. É nesse contexto que ela começa a descrever-se como depressiva e, assim, utilizando o repertório da “*maternidade medicalizada*”, a constituir a maternidade como um processo de saúde e doença, regido por determinados conhecimentos profissionais.

Logo no início de nossa conversa, assim que lemos o termo de consentimento, Cecília exclama “*ah, que bom! Tô precisando tanto de uma psicóloga*”. Assim, esse momento inicial de nossa conversa sobre a maternidade ajuda a construir para mim esse posicionamento, psicóloga e profissional da saúde, e ganho na interação o lugar de alguém que possui um conhecimento específico, que conhece esse vocabulário técnico utilizado –“depressiva”, “trauma”, “amniótico” – bem como o significado que ele possui. Ser posicionada como esta profissional faz com que surjam na interação determinados modos de descrever a maternidade, ou seja, nesse contexto cria-se a expectativa de que a apresentação da maternidade passa por essa descrição permeada por imagens de saúde, doença, risco, cuidado, entre outras.

Considerando, portanto, a utilização do repertório “*maternidade medicalizada*” nesses contextos, compreendemos que o seu uso tem a função de auxiliar as participantes a se colocarem como pessoas esclarecidas, conscientes e conhecedoras tanto dos riscos como das possibilidades em relação à gestação e à maternidade, além de se apresentarem como pessoas

cooperativas, dispostas a fazer tudo o que estivesse ao alcance para redução dos riscos que se apresentavam.

Além destas questões, utilizar o repertório da *“maternidade medicalizada”* e admitir a existência de limitações à realização do parto normal as afasta da imagem de pessoas teimosas, inflexíveis ou ignorantes e as aproxima da imagem de pessoas realistas, que possuem a dimensão exata dos prós e contras em relação a cada tipo de parto.

A descrição sobre o medo do parto, ressaltada no trecho 2, constitui-se como imagem comum na fala das participantes, e é enfatizada neste repertório sobretudo quando as entrevistadas se referem aos medos ou recordam os dias que antecederam o nascimento da criança, sendo expresso por declarações como *“acho que meu maior medo era esse, do parto”*, *“eu não queria ter filho, ficava com medo por causa do parto”*, *“tinha muito medo de morrer na hora do parto assim”*. Deste modo, as descrições sobre o parto são predominantemente marcadas por um sentido negativo, expresso por imagens de dor, agonia, sofrimento e risco de morte, além das referências aos procedimentos técnicos desagradáveis.

E embora o parto normal seja frequentemente associado, neste repertório, a essas idéias negativas de dor e sofrimento, tipicamente ele é constituído no contexto das entrevistas como o tipo de parto mais vantajoso e esperado pela mulher até o último momento, o que as participantes colocam pelas expressões: *“eu queria fazer parto normal, mas não tive dilatação”*, *“fui até as últimas pra parto normal”*.

Assim, esse repertório constrói o ideal do parto normal e este parece assumir para as participantes um caráter normatizador, justificado pela idéia de que este tipo de parto constitui um procedimento sem intervenção cirúrgica e por isso, de recuperação mais rápida que o parto cesáreo; bem como pela concepção de que o parto normal constitui-se como um tipo de procedimento mais adequado à saúde da mulher; constituindo-se, assim, num cuidado com a mãe; sentidos estes que são apresentados por expressões como *“cesariana é mais perigoso”*,

“normal é melhor”, “parto normal mil vezes eu daria, até menino de dez quilos”. Esse caráter prescritivo do parto normal, presente neste repertório, é promovido por esse vocabulário profissional – médico, psicológico, biológico – e proporciona uma descrição em que as participantes quase que se culpam quando não o realizam.

O parto cesáreo, por outro lado, constitui-se neste repertório como uma alternativa devido às situações de dificuldade ou risco gestacional – “foi cesariana, não deu normal” – situações expressas principalmente pela escassa dilatação, pelo aumento da pressão arterial, pela posição ocupada pela criança – “ficou sentada os nove meses, não virou” – enfim, por circunstâncias descritas no discurso médico como arriscadas e, assim, impeditivas ao parto normal.

Entretanto, o uso deste repertório no trecho 2, além de enfatizar as limitações ao parto normal, parece exercer uma função retórica, uma vez que a forma como os acontecimentos vão sendo descritos – “eu fiquei quarenta dias com infecção... (...) eu tive até trauma, eu fiquei com trauma de gravidez. (...) eu apareci grávida, então aí de novo aquela bagunça tudo de novo” - parece estar relacionada a uma tentativa da participante em garantir um contexto acolhedor e confortável para a manifestação do conflito com a gravidez inesperada. Dessa forma, o modo como a fala é organizada nessa conversação possibilita à participante revelar as suas dificuldades, traumas, medos, bem como o desconforto em relação à gravidez, constituindo-se assim como recurso discursivo que a auxilia a justificar suas ações e as tornam compreensíveis na interação, de tal maneira que ela se afasta da imagem de uma mãe má ou de uma mulher insensível e se aproxima da imagem de uma mulher sofredora e com um conflito justificável.

B) A normatização do corpo “perfeito e saudável”

Analisando o uso do repertório “*maternidade medicalizada*” em outros momentos das entrevistas, compreendemos que ele é também utilizado com a função de apresentar e descrever uma versão do corpo físico saudável, perfeito, ideal. E deste modo, este repertório é marcado por uma ênfase nas questões de saúde, revelando também a preocupação com a questão da normalidade. A utilização deste repertório nos trechos seguintes nos ajuda a ilustrar essa idéia e os momentos em que são usados:

Trecho 3:

Renata: Aham. Você tá me contando que o primeiro momento que você as viu foi muito marcante, né? Que você ficava imaginando como elas seriam... E o que que você descobriu sobre você nesse momento?

*Ra: Ai, assim, a capacidade que a gente tem, sabe? **Principalmente fazê.** Porque assim, **igual eu já estudei anatomia, então eu sempre vi que, na minha opinião, assim, eu penso igual o meu professor de anatomia, a coisa mais certa que existe na face da terra é o corpo humano.** Não tem outra coisa mais certa. Deus ainda não fez. Infelizmente assim, na minha opinião, não fez, e acho que o homem vai tentá fazê e não vai conseguir. (Raquel)*

Trecho 4:

Renata: Aham. Eu gostaria agora, Karla, que você me contasse um momento marcante seu com ele, com seu filho.

*K: Acho que foi no nascimento, que eu acho que, nossa! Eu vou lembrar disso pro resto da minha vida, no primeiro, a primeira vez que eu vi ele, que ele olhou pra mim assim que eu acho que ele nem me enxergou, mas foi, foi mesmo, na hora do nascimento. (...) É isso, eu acho que a hora, mais assim a hora que eu vi ele a primeira vez foi a que mais me marcou, porque depois eu vi o choro dele eu pensei assim “**nossa, meu filho nasceu saudável, perfeito**”, né? Porque até então cê tem, até então quando cê tá grávida você tem aquele medo, aquela preocupação “**nossa, será que meu filho vai nascer com alguma deficiência ou...**”, né? Então na hora que eu vi ele, que ele tava perfeito com todos os membros dele, foi, nossa senhora, pra mim foi tudo. E até na sala assim eles me costurando e eu chorando, sabe? De alegria, sabe? **Que eu dei, como se diz, ele veio perfeito, né, saudável, não precisou, assim, não precisou ficar no, em incubadora, precisar de fazer algum tratamento, assim, nada, nasceu perfeitinho.** (Karla)*

Trecho 5:

Ra: ...Eu pensei demais. Você vê o dedinho tudo feitinho, mãozinha. Esse talvez assim no meu, porque assim, eu cheguei a ouvir assim que as meninas ia ser tudo, como que

eu falo? Síndrome de Down, porque eu dormia demais. E eu pensava só comigo assim se eu ficá quieta no meu canto elas vão nascê saudável e tudo calminha. (Raquel)

Trecho 6:

Renata: Como que foi os primeiros dias como mãe?

*C: Olha, traumatizada com a cesariana. Parto normal mil vezes eu daria, até menino de dez quilos. Que nossa! Cesariana eu sofri demais porque eu engordei trinta e cinco quilos, fiquei muito obesa, né? E tô ainda, né? Que eu só perdi 17 quilos até agora, tem mais 20 quilos mais ou menos pra perder, pra voltá ao que eu era. E eu com infecção demais, me dando febre e chorando, né, chorando pra ele para... porque chorando e não sabia o que que eu tinha porque tava dando tonteira, tonteira, tonteira e um mal estar, um mal estar. E eu tomava Tylenol não adiantava, tomava remédio. Aí minha irmã, minha vizinha vinha e **eu não tava com rejeição dele não**. É que eu tava, eu realmente estava passando mal e não sabia que que eu tinha. Só que era sério porque infeccionô todos meus pontos. (Cecília)*

O repertório “*maternidade medicalizada*” é utilizado nestes contextos ora referindo-se ao corpo da mãe (trechos 3 e 6), ora referindo-se ao corpo do filho (trechos 4 e 5). Nesta descrição, o corpo humano é apresentado como modelo de perfeição, valorizado pelos seus aspectos anatômicos, como destacamos no trecho 3. E nestes termos – que o corpo constitui-se como uma produção perfeita e incomparável ou como “*a coisa mais certa que existe na face da terra*” – ao gerar um filho a mãe tem a preocupação de que alguma coisa saia errada, surgindo a preocupação com a normalidade da criança, expressa pela apreensão de que o filho nasça perfeito e saudável. Nessas imagens, parece haver também a tentativa de se evitar qualquer tipo de risco ou imperfeição, uma vez que estes destoam do modelo e são sentidos com desconforto social.

A expectativa em relação à condição física do bebê, assumida com preocupação, medo e angústia, nos ajuda também a compreender os lugares que são criados nessa dinâmica para a mãe e para a criança. No repertório “*maternidade medicalizada*” a mãe constitui-se como figura ativa, como quem cuida e é responsável por reduzir todos os riscos a que o bebê está exposto. A criança, por outro lado, é posicionada de forma passiva, descrita como

personagem frágil, que tem sua sobrevivência, desenvolvimento e normalidade dependentes da mãe.

Assim, nessas imagens do repertório “*maternidade medicalizada*” o nascimento do bebê constitui-se como uma oportunidade para certificar-se de que o bebê é saudável, perfeito e, mais do que isso, como oportunidade também de comprovação da competência da mãe em produzir um filho “normal”; o que pode ser ilustrado na fala de Raquel no trecho 3 anterior: “*Ai, assim, a capacidade que a gente tem, sabe? Principalmente fazê*”. Raquel ao utilizar este repertório está falando não apenas dela, mas da mãe de forma geral, o que é expresso pelo termo “a gente”. Há a idéia neste repertório de que a mãe, no nascimento do filho, descobre-se capaz de fazer, de gerar e de ter uma criança normal e perfeita. O nascimento surge assim como o momento de ter certeza de que tudo deu certo, de que o bebê está bem, e de que a mãe “fez” um filho saudável, o que é apresentado como fonte de satisfação e bem estar.

O uso deste repertório está também associado à idéia de interação entre o físico e o psicológico, o que pode ser ilustrado pela fala de Raquel no trecho 5, “*se eu ficá quieta no meu canto elas vão nascê saudável e tudo calminha*”. Nestes termos, parece haver uma relação entre saúde e calma, ou ainda, entre saúde física e psicológica, além da idéia de que o sucesso nessa interação é dependente da mãe, ou seja, do que ela faz ou deixa de fazer. Assim, mais do que o cuidado pela saúde física, a mãe é responsável em garantir o desenvolvimento psicológico de seu bebê, reduzindo nesse sentido todos os riscos a que ele possa estar exposto.

Outra imagem relacionada ao repertório “*maternidade medicalizada*” é a do peso corporal saudável, freqüentemente relacionada às descrições sobre o corpo da mãe, como ilustrado no trecho 6 com a questão da obesidade. A preocupação com a questão do peso corporal parece relacionada a uma descrição sobre as perdas e prejuízos decorrentes da gravidez e é apresentada neste repertório especialmente quando as participantes tentam descrever os cuidados que têm com elas mesmas como mães, o que colocam por meio de

expressões como: *“depois que eu fui mãe, é assim, eu tenho, eu tenho agora preocupação com o corpo, sabe?”*; *“quando você é mãe, nó! Seu corpo fica...”*; *“eu engordei demais quando eu engravidei”*; *“eu faço regime pra ver se eu volto no meu peso normal”*.

Assim, nesse repertório, a gravidez tipicamente é descrita em imagens que remetem ao aumento excessivo do peso corporal, por meio de palavras como “gordura” e “obesa”, que expressam o sentido de desvio do corpo saudável e esbelto, e assim também, como sentido de problema e ameaça à própria saúde.

A associação entre corpo saudável e esbelto foi sócio-historicamente sendo construída em nossa cultura e fixou uma série de cuidados com o corpo e com o controle de peso (Burns e Gavey, 2004), associação que surge neste repertório trazendo como implicações a preocupação com a questão do sobrepeso e também descrições de si como pessoas desviantes e como responsáveis em cuidar, controlar e resgatar o peso “normal”. E assim, esta associação traz a idéia de que uma pessoa que esteja com sobrepeso é uma pessoa que não se cuida ou não se preocupa com a sua saúde e estética, como pode ser ilustrado pela fala de Karla que pontua: *“é com o corpo que eu tô tendo cuidado mesmo. (...) Porque assim a minha mãe já é gordinha e ela, ela não cuidou sabe?”*.

C) Descrições de maternidade psicologizadas

Fazendo parte dessas descrições de risco, surgem ainda as descrições de maternidade psicologizadas, nas quais as participantes destacam a importância da atenção da mãe nos primeiros anos da criança para que este se desenvolva “normal e saudável”.

No trecho 6 anterior, o uso deste repertório – *“...eu não tava com rejeição dele não...”* - parece ainda associado a um discurso médico e psicológico da depressão, especialmente da depressão pós-parto. Consideramos necessário resgatar um pouco o contexto desse trecho

para a compreensão da idéia agora apresentada, bem como dos posicionamentos que vão sendo constituídos nessa interação.

Em nossa conversa, Cecília vinha se descrevendo como uma pessoa depressiva, contando que anteriormente havia recebido o diagnóstico de depressão pós-parto pela ocasião do nascimento da primeira filha. E neste momento da conversa – do recorte no trecho 6 - ao relatar as dificuldades e os riscos no pós-parto, antecipa que eu, como sua interlocutora, possa interpretar a sua descrição como uma possível rejeição do filho, logo adiantando “*e eu não tava com rejeição dele não*”. Assim, sou posicionada na conversa como a psicóloga, a qual pode significar a descrição de choro, mal-estar e tontura como sintomas de depressão pós-parto, e assim também como sinal de dificuldade de adaptação à maternidade. Esse trecho nos auxilia, desse modo, a enfatizar o caráter situado das produções de sentido, a dar visibilidade ao modo como nossas descrições são marcadas pelo contexto em que elas ocorrem, bem como pela interpretação que fazemos o tempo todo destes contextos.

Outro momento em que essas descrições psicologizadas surgem na fala das participantes é quando elas falam sobre a questão do papel da mãe em formar moral e psiquicamente o filho como pessoa normal e saudável; o que ilustramos com o seguinte fragmento:

Trecho 7:

Renata: Eu queria que você me contasse um pouquinho mais. Que medo que é esse? Quando você fala assim pra mim: “Eu tenho medo de perder essa ligação, esse amor”.

*And: Medo de decepcioná. **Eu tenho medo de decepcioná ela.** Acho que é medo. Medo dela precisá de mim e eu não tá lá. **E às vezes essa falta, essa ausência causá algum trauma, alguma coisa que possa fragilizá ela quando ela ficá mais adulta, sabe. Porque eu faço pedagogia, então a gente estuda que na criança de um a sete anos de idade é a formação dela que vai precisá, pra se torná um adulto mais consciente, um adulto mais forte, responsável. Então eu penso assim, se eu vacilá em algum dado, em alguma coisa, eu posso prejudicá a vida adulta da minha filha. E, às vezes, até uma pessoa que fez algum mal, é que teve pais ruins, é, um trauma na infância. Então eu tenho medo disso, de decepcioná ela, de não tá ali quando ela precisar de mim.** (Andréia)*

O uso do repertório “*maternidade medicalizada*” no trecho anterior parece relacionado a um conjunto de saberes que colocam a infância como o período fundamental para formação do psiquismo do adulto, relação que é expressa por meio de termos como “ausência”, “fragilizar”, “pais ruins”, “trauma na infância”.

Compreendemos que este repertório focado nos processos de saúde e doença e regulado por campos científicos específicos – Medicina, Psicologia, Psicanálise, Pedagogia, entre outros – ao instituir o que é considerado saudável e o que é considerado patológico, acaba contribuindo para uma normatização da infância, da família, das relações sociais e da maternidade.

Assim, de acordo com este repertório, qualquer omissão, ausência ou falha dos pais em relação à criança pode servir como fator potencial para ocorrência de um problema futuro ou “trauma”; como é expressado por Andréia: “*se eu vacilá em algum dado, em alguma coisa, eu posso prejudicá a vida adulta da minha filha*”. Cria-se com esse repertório a expectativa de que a família, especialmente a mãe, não pode errar em nada, já que qualquer deslize seu pode acarretar em um grave problema mais tarde, o que surge quando Andréia se coloca a dizer: “*às vezes até uma pessoa que fez algum mal, é que teve pais ruins, é, um trauma na infância*”.

Nesse sentido, esse repertório traz como implicação uma descrição marcada pela preocupação, prevenção, atenção, monitoramento, cuidado e vigilância constante por parte da mãe e está também relacionado a sentimentos de ansiedade, apreensão, dúvida, medo, uma vez que ela – a mãe – está constantemente exposta ao risco de errar, mesmo que sem intenção, e assim, ao perigo de prejudicar de algum modo a formação psíquica de seu filho.

A utilização deste repertório no trecho anterior promove lugares para a mãe e a criança, em que a criança é posicionada como passiva, como alguém que deve ser cuidada, preservada e atendida em suas necessidades; e a mãe, por outro lado, é colocada em um lugar

muito ativo, quase que exclusivamente responsável pela formação e desenvolvimento saudável da criança.

A ênfase, no repertório “*maternidade medicalizada*”, neste conjunto específico de saberes gera uma descrição de saúde e doença consoante com os paradigmas da moderna ciência ocidental, que passa a definir e tratar a doença como um transtorno funcional, orgânico e individual, cabendo a esses saberes particulares restaurar nos indivíduos sua ‘normalidade’ funcional, produtiva e reprodutiva.

Assim, essa descrição, além de sustentar a valorização desses saberes, pode gerar ainda uma relação de dependência da mãe com estes profissionais, como apontam os trechos abaixo:

Trecho 8:

C: ...Igual ele assim, eu ando com ele na, na, tudo é o médico, sabe? Eu não, tem gente que fala: “não, dá esse chá”. Eu tenho que perguntá pro médico. “Não, dá essa bolacha”, eu não dô bolacha não, porque eu tenho medo de engasgá. Eu não dô as coisas assim pra ele. (Cecília).

Trecho 9:

Você vê um bebezinho que sai da maternidade, um nenenzinho, que te libera do hospital e com infecção... sabe? E ter que tomá injeção. Ele tomô 10 dias uma injeção. Aí eu fiquei quieta chorando, né? Porque... “por que essa infecção? Por que que ele tá assim?” Quer dizer, a gente não é médico, a gente não entende. (Cecília)

Trecho 10:

Renata: Você tá me contando do seu jeito de ser mãe, né? E eu queria saber se há diferenças no seu jeito, no da sua mãe e no da sua avó de ser mãe.

C: Não, meu jeito é diferente da minha mãe. Porque a minha mãe também é mãe que, como se diz, totalmente diferente. É... minha mãe faz tudo é em casa, é tudo caseiro, é tudo do jeito dela. Não esquenta com médico, é do jeito deles, é moeda no umbigo, é culto, é aquilo outro. E eu não, eu é “Ah, que não vai pôr não sei o que...”, é... “tem que dá banho no menino não sei do que no menino, tem que fazer isso com o menino” e eu não faço. Entendeu? Como se diz, eu sou mais moderna. (Cecília)

Esse repertório traz a idéia de que não há pessoa mais confiável para orientar a mãe em relação ao cuidado com a criança do que o profissional específico da área na qual a mãe sente necessidade de orientação. Não há alguém que entenda melhor que ele, que estudou e,

por isso, tem condição de ampará-la no cuidado com o filho com a segurança que ela precisa. E é seguindo de acordo com esta perspectiva que a mãe descreve-se como alguém que não possuindo esse saber especializado, não entende, e não entendendo precisa perguntar para quem o sabe, o médico.

Assim, o uso do repertório “*maternidade medicalizada*” tem a função de colocá-la como alguém que não se arrisca no cuidado com o filho e como alguém que acompanha as evoluções da ciência, como uma tentativa de se colocar como uma mulher moderna, que não se prende às tradições e superstições. Porém, ao mesmo tempo em que a utilização desse repertório demonstra uma valorização do saber médico-científico, há também uma deslegitimação e desvalorização do saber comum, considerado como “coisa de gente antiga”, bem como uma desvalorização do próprio saber, descrito como desprovido de importância científica e assim, legitimado como um saber de quem não entende e para o qual só resta ficar “quieta chorando”.

Portanto, colocar-se a partir deste repertório, como uma mulher moderna não impossibilita que se descreva como uma mulher dependente do saber médico; ao contrário, ser moderna comporta a descrição de ser dependente desse conhecimento socialmente valorizado, o que nos traz a compreensão de como esse repertório coloca a mãe numa posição de passividade na relação com o profissional. Nesse sentido, a valorização do saber médico presente neste repertório, além de produzir uma desvalorização do saber comum e de seu próprio saber, contribui para uma incapacidade de reconhecer em si recursos com os quais pode contar em uma situação arriscada, o que acaba sustentando a dependência e não desenvolvendo a criação de narrativas de enfrentamento e de recursos próprios.

Compreendemos, portanto, que descrever a maternidade por meio do repertório “*maternidade medicalizada*” possibilita uma série de ganhos, assim como também aponta múltiplos desafios para o ser mãe e ser mulher.

Falar da maternidade a partir deste repertório permite que sentimentos reconhecidos como negativos, como as descrições de sofrimento e prejuízo, possam ser expressos e legitimados. Assim, além de possibilitar espaço para expressão das perdas, essa descrição possibilita a valorização da mãe pelo desempenho de ações de prevenção e cuidado com o filho.

Porém, essa descrição da “*maternidade medicalizada*” traz também inúmeros desafios, entre os quais destacamos: a intensa medicalização do corpo, especialmente do corpo feminino, com a institucionalização de uma série de regras e proibições à gravidez, parto e pós-parto; e a imposição de um modelo de corpo sadio e esbelto, o que em nossa sociedade adquire ainda uma força maior no “universo feminino”, sustentando práticas agressivas de redução de peso, às quais por sua vez podem acarretar uma série de enfermidades e transtornos, especialmente prejudiciais nesse período da vida da mulher-mãe. Essa descrição traz ainda como implicações problemáticas: a excessiva responsabilização da mãe pela condição física e psíquica da criança, sendo a mãe colocada como a principal responsável pela normalidade e adequação física e psicológica da criança, descrição que gera uma vivência da maternidade marcada pela preocupação, angústia, ansiedade, medo e insegurança constantes; bem como à instauração de uma intensa normatização das relações, da infância e da maternidade, como se o deslize em qualquer que seja a norma imposta ofereça o perigo de uma grave conseqüência.

Além dos desafios apresentados, a valorização do saber profissional no repertório “maternidade medicalizada” produz uma relação de dependência desse saber, uma desvalorização do saber comum e uma deslegitimação da mãe como possuidora de recursos próprios para superação de situações arriscadas e críticas.

6.3. Maternidade exigente

*“Ser mãe é bom, mas tem que ter muito cuidado, né?
Cê tem que proteger... Cê tem que cuidar... Cê tem que amar.
Cê tem que acordar várias vezes de noite, num pode estressar. (...) Tem
vez que você acorda quer sair correndo, num quer levantar, mas você
tem... Tem que proteger” (Janaina)*

Vimos até aqui discutindo como cada repertório interpretativo cria um conjunto de expectativas e prescrições, as quais são socialmente compartilhadas. Nesse sentido, a criação de demandas é um fenômeno comum a todos os repertórios, uma vez que todas as descrições de maternidade suscitam determinadas exigências.

Por que então chamamos o presente repertório de *“maternidade exigente”*? A opção por essa denominação foi encorajada pela função e tom específicos identificados na fala das participantes. Falar de maternidade a partir deste repertório tem a função de descrever a responsabilidade socialmente atribuída à figura da mãe, e este geralmente é utilizado nos momentos da entrevista em que as participantes tentam descrever o valor e a dificuldade do exercício da maternidade.

Assim, nomeamos este repertório como *“maternidade exigente”* porque entendemos que este é utilizado para descrever a maternidade em termos das prescrições, regras e exigências que cabem à mãe. É nesta descrição que as prescrições são discursivamente justificadas como obrigações da mãe. Desse modo, o repertório *“maternidade exigente”* é caracterizado por um vocabulário que descreve os deveres, as tarefas, as ações e modos de ser impostos à mãe.

Expressões como “tem que largar tudo”, “tem que ficar junto”, “é difícil”, “tem que estar bem preparada”, “tem que ter paciência”, “tem que ficar vinte e quatro horas olhando”, “é saber brigar na hora certa”, “é educar” são utilizadas pelas participantes para realçar essa idéia.

Este repertório é também tipicamente marcado pela estrutura: “*ser mãe é..., mas tem que...*”, a qual parece relacionada a uma idéia de contraposição. Também identificamos uma associação entre maternidade e renúncia, maternidade e cuidado, além de uma distinção entre a boa e a má mãe. Compreendendo estas associações como características do repertório “*maternidade exigente*” dividimos a análise deste repertório em torno de três tópicos, a saber: A) Nas exigências da maternidade: renúncia e cuidado; B) A boa mãe é “mãe mesmo”, “mãe de verdade”, “mãezona” e C) O ser mãe como exigência.

A) Nas exigências da maternidade: renúncia e cuidado

O repertório “*maternidade exigente*” estabelece uma série de prescrições para o exercício da maternidade, as quais destacamos nos seguintes trechos:

Trecho 1:

Renata: Pra gente conversar um pouquinho sobre a maternidade eu gostaria de saber, que coisas você pensa sobre ser mãe?

M: Não, porque ser mãe é muito bom, mas igual... Assim, a gente tem que largar tudo, né? Pra sê mãe. As duas vezes. Quando eu ganhei o Michel eu larguei de trabalhar pra cuidá dele, agora o da Júlia também eu larguei pra podê cuidá dela. E tem que ficá junto o tempo todo. (Márcia)

Trecho 2:

Renata: Bem, você me falou que depois que ela nasceu que você viu o que é ser mãe. O que é ser mãe?

J: Ser mãe é bom, mas tem que ter muito cuidado, né? Cê tem que proteger... Cê tem que cuidar... Cê tem que amar. Cê tem que acordar várias vezes de noite num pode estressar. Que ela, ela (a filha) precisa assim... Ela chora tem que dá mamá... tem que acordar. Tem vez que você acorda quer sair correndo, num quer levantar, mas você tem... Tem que proteger. (Janaina)

Os fragmentos anteriores nos auxiliam a ilustrar uma expressão característica do repertório “*maternidade exigente*”, a “*ser mãe é..., mas tem que...*”, especialmente empregada quando as participantes tentam descrever a partir deste repertório o que é ou como é ser mãe.

A descrição da mãe no repertório “*maternidade exigente*” tipicamente segue a estruturação apresentada nos trechos 1 e 2, em que o início da fala é marcado pela expressão “*ser mãe é bom, mas tem que...*”. No trecho 1, a forma como a fala vai sendo organizada, “*não, porque ser mãe é muito bom, mas igual...*” nos convida a refletir sobre a função retórica que tal organização assume na interação. Ao utilizar essa expressão, Márcia parece antecipar que a descrição das dificuldades seja compreendida como reclamação ou ainda, como desprazer em relação à própria maternidade. Assim, o uso desta expressão tem, nesse momento da conversação, a função de posicioná-la como uma mãe satisfeita, mas ciente das perdas, dos deveres e das dificuldades envolvidas no exercício da maternidade.

Parece ser preciso dizer que é bom primeiro, o que parece criar espaço para descrições opostas. Assim, nesse jeito de descrever a mãe, o termo “mas”, como conjunção adversativa, parece contrapor duas idéias. Parece apresentar uma relação de conflito entre prazer e desprazer, entre os encantos e as dificuldades da maternidade.

Falar da maternidade nesses termos – “*ser mãe é bom, mas tem que...*” – tem a função de protegê-la da acusação de ser uma mãe ruim ou que desgoste da condição de mãe e permite que ela expresse as dificuldades, a responsabilidade e o compromisso envolvido no exercício da maternidade. O uso desta expressão neste repertório parece, portanto, ter a função de convidar o interlocutor a uma postura compreensiva em relação ao que está sendo dito, bem como a um lugar confortável na interação para a participante.

Outra expressão marcante nesse repertório é a “tem que... tem que”, utilizada nas situações em que as participantes tentam descrever as obrigações e os deveres que cabem à mãe. Nesses termos, exercer a maternidade é cumprir com os requisitos a ela impostos e deste modo, a mãe “*tem que largar tudo*”, “*tem que proteger*”, “*tem que amar*”, ou seja, esta expressão – “tem que” – tem uma função prescritiva e normatizadora sobre os requisitos que a mãe, especialmente a boa mãe, deve desempenhar em seu exercício.

Consideramos que os termos “a gente” e “você” ilustrados no trecho 1 e 2 merecem também ser discutidos neste repertório pelas funções que assumem no contexto conversacional. Essas expressões – “a gente” e “você” – são utilizadas nesse repertório com funções semelhantes, empregados em momentos da conversa em que as participantes tentam descrever a figura da mãe de forma geral quando são, as participantes também, incluídas na descrição.

No trecho 1, o termo “a gente” em “*a gente tem que largar tudo*” inclui a participante na obrigação de que a mãe tem de largar tudo. “A gente” é empregado, assim, de acordo com a argumentação “nós que somos mães”. Assim, cabe à mãe de forma geral, a todas e não apenas a ela – a participante – abdicar de tudo em favor do filho ou da maternidade. Assim, a utilização da expressão “a gente” tem a função de protegê-la na interação de uma possível acusação de que tenha sido incapaz de conciliar maternidade e profissão, bem como tem a finalidade de possibilitar à participante um lugar confortável na interação e um julgamento compreensível da entrevistadora em relação às suas ações.

No trecho 2, o termo “você” (“*cê*”) é utilizado para expressar as obrigações da mãe. “Você” – como mãe, na condição de mãe – tem que proteger, tem que cuidar, tem que cumprir com os requisitos que da mãe são esperados. Este termo é utilizado neste contexto com a função de colocar a participante como boa mãe, como alguém que se inclui, como alguém que assume os requisitos que dela como mãe são esperados.

Assim, a relação entre maternidade e renúncia parece expressar uma das exigências que a maternidade impõe neste repertório: a mulher “*tem que largar tudo pra ser mãe*”; ou seja, a mulher deve ser capaz de renunciar ao seu trabalho, seu tempo, seu sono, em favor do cuidado e atenção com o filho. É nesse sentido, que Karla ao relatar sobre as alterações que a maternidade trouxe para a sua vida coloca “*eu não penso mais em mim da forma que eu pensava antes porque agora eu tenho que pensar nele*”.

Nesse sentido, “ter que largar tudo”, “largar de trabalhar”, “ficar junto o tempo todo” são exigências que demandam renúncia, especialmente do papel profissional da mulher, como destacamos na fala de Márcia “*eu larguei de trabalhar pra cuidá dele*”, ilustrada no trecho 1 anterior.

O repertório da “*maternidade exigente*” cria, desse modo, a expectativa de que ao ser mãe a mulher “tem que” (deve), especialmente nos primeiros anos de vida da criança, dedicar-se exclusivamente aos cuidados com o filho, ainda que tal dedicação signifique abdicar outros lugares desempenhados, como o profissional.

As descrições sobre o papel profissional, enfatizadas particularmente neste repertório, parecem estar associadas a uma idéia da maternidade como interrupção, adiamento e abdicção do investimento profissional que até então se fazia, como destacamos nos trechos seguintes.

Trecho 3:

Eu trabalhava de costura quando eu engravidei dele. Ai, a gravidez foi tudo normal. Ele nasceu, aí eu tive que parar de trabalhar. Não voltei mais pro serviço. Aí quando ele tava com três anos minha sogra falou: “Não, se quisé voltá você pode ir que eu fico com ele”. Aí eu voltei a trabalhar, fui trabalhar na escolinha, fui dá aula. Aí fiquei lá e engravidei dela, trabalhei até no ultimo dia, fui lá dei a luz e pronto. Não voltei mais pro trabalho. (Márcia)

Trecho 4:

*Renata: Aham. E que coisas que você imaginava pra você assim quando era criança?
K: Igual assim eu sou, eu fazia faculdade, né? Eu pensava em, em, assim em me formar primeiro, sabe, ter uma estabilidade financeira boa. (...) Acabar de fazer o meu curso, pra depois eu pensar (enfaticamente) assim se, ainda ser um sonho é, filho, aí tive que largar tudo, tive que trancar a faculdade, tive que, né, agora, pra depois, pra, pra cuidar dele melhor, né? Eu volto, eu volto pra faculdade em agosto porque ele já vai tá maior, vai tá entendendo um pouquinho das coisas, mas eu, eu pensava assim primeiro em me estabilizar financeiramente, profissionalmente também, sabe, pra depois arrumar filho, não pensava assim tão cedo não ter filho. (Karla)*

O repertório “*maternidade exigente*” utilizado nos fragmentos anteriores nos convida a refletir sobre a crescente valorização social do papel profissional da mulher, bem como sobre

o modo como essas participantes constroem significados para a maternidade e para a profissão na interação com a pesquisadora.

A profissão, ou ainda, o ingresso da mulher no mercado de trabalho têm, ao longo de nossa história, se constituído em valores sociais e sido identificados como sinônimos de estabilidade financeira e independência (Baptista, 1995), valores que são, no contexto das entrevistas, compartilhados pelas participantes, imersas e envolvidas nesse contexto sócio-cultural.

Por outro lado, no repertório “*maternidade exigente*” a mãe é apresentada como a principal – quando não a única – responsável ao atendimento das necessidades da criança, o que demanda que a mãe interrompa, adie ou renuncie ao exercício profissional quando esta não conta com ou não reconhece outra pessoa que possa substituí-la no cuidado com o filho.

Assim, o repertório “*maternidade exigente*” está associado à idéia de que é a mãe a pessoa que tem, deve, pode, precisa e a quem compete cuidar da criança. E é seguindo essa lógica de que é a mãe a pessoa responsável pelo desempenho das ações de cuidado com a criança, que esse repertório possibilita muitas vezes o seguinte impasse: como voltar ao trabalho se ela tem agora o filho que precisa e depende dela? Como conciliar a maternidade e a profissão sem que este arranjo diminua o seu valor como mãe?

Desta forma, essas descrições da mãe no repertório “*maternidade exigente*” que determinam que a mãe “tem que” desempenhar tantos atributos quanto forem necessários para o bom exercício da maternidade – “*tem que ter muito cuidado*”, “*tem que proteger*”, “*tem que cuidar*”, “*tem que amar*” – colocam o trabalho ou o estudo como empecilhos para o dever que a mãe tem com o filho. Assim, renunciar ao trabalho ou ao estudo é justificado como forma de “*cuidar melhor dele (do filho)*”, justificativa ilustrada na fala de Karla.

Essa expectativa da mãe como a responsável em garantir que o filho tenha o melhor cuidado – o que se espera que aconteça à criança que conta com o privilégio da presença da

mãe em tempo integral – parece relacionada às descrições que surgem no contexto das entrevistas quando as participantes relatam a volta ao trabalho, ou ainda, parecem tentar justificar o lugar profissional que ocupam; descrições estas que tipicamente enfatizam a necessidade, ou seja, o imperativo financeiro para esse investimento nas atividades profissionais.

Dessa forma, nesse repertório, o “trabalhar fora” é descrito como fonte de angústia, culpa, insegurança, cobrança; é sofrer com o desconforto de imaginar que algo ruim possa acontecer ao filho em sua ausência, como ressalta Ana Luiza *“Eh, cê fica lá, cê fica, como se diz? ‘Nossa, será que ele tá bem?’ ‘Será que que tá acontecendo?’ Será que ele tá sentindo falta?”*

Ser financeiramente independente, exercer uma profissão e trabalhar fora tem sido socialmente colocado como conquistas “femininas” valorizadas, porém o cuidado com o filho parece ainda ocupar nesse repertório o lugar de ocupação principal a que deve se dedicar a mãe. Nesse sentido, o uso de expressões que descrevem interrupção, adiamento ou renúncia profissional – *“tive que parar de trabalhar”, “tive que largar tudo, tive que trancar a faculdade”* – tem a função de posicioná-las na interação como boas mães, como mães que assumem com responsabilidade o dever que com a maternidade lhes é atribuído, como mulheres capazes de renunciar em favor de seus filhos; o que as distancia da imagem de pessoas egoístas, individualistas, ou ainda, de mães desinteressadas ou desamorosas.

Em contrapartida, as imagens nesse repertório colaboram desse modo por deslegitimar como mãe a profissional que não se angustia, não se declara culpada ou infeliz por não passar todo o seu tempo com o filho; que trabalha por necessidades outras que não a financeira, condições que levam a questionamentos de seu papel como mãe, ou ainda, a desmerecê-la como boa mãe.

B) A boa mãe é “mãe mesmo”, “mãe de verdade”, “mãezona”

Ser mãe segundo o repertório “*maternidade exigente*” vai além do fato de gerar e conceber um filho. Para ser reconhecida e legitimada como mãe esta tem que desempenhar em seu exercício as prescrições estabelecidas, o que a possibilita ser descrita neste repertório como “mãe de verdade”.

Nesse sentido, tal repertório ao criar esse conjunto de expectativas e exigências para o exercício da maternidade traz implícita uma diferenciação entre a boa e a má mãe ou, segundo as palavras das participantes, entre a “*mãe de verdade*”, a “*mãezona*”, a “*mãe mãe mesmo*”, termos estes que qualificam a boa mãe – aquela que no exercício da maternidade atende as exigências que a ela são impostas – e a mãe que não cumpre com esses deveres, e que por isso não pode ser considerada como mãe ou “*mãe de verdade*”.

Trecho 5:

Renata: A história da sua mãe, das suas tias, da sua avó... Como que é? Todas são mães? Como que é a história?

*A: Na minha família, da minha, do lado da minha mãe, todas são. Mas assim, a que é mais, que eu falo, **mãezona**, é a minha mesmo. (...)*

*Renata: E se fosse pra você me contar assim quais são as características de uma **mãezona**, o que você me falaria? O que que é uma **mãezona**?*

*A: Uma **mãezona**? Uma **mãezona** é... é saber brigar na hora certa, é saber tá do lado sempre, cuidar, e isso, sabe? Dar apoio quando a gente precisa, mas também saber puxar a orelha na hora que precisa. (Adriana)*

O fragmento anterior nos auxilia a ilustrar como a mãe, especialmente a boa mãe, é constituída neste repertório como alguém que faz, que executa, que possui ou desempenha os atributos dispensados à maternidade e assim, é posicionada como figura ativa nesse processo de orientar, educar e desenvolver seus filhos. Por outro lado, a criança é posicionada como passiva e dependente, como aquela a quem se deve dispensar o máximo de atenção e cuidado.

Qualificar a mãe como boa nesse repertório significa dizer que esta atende as funções que são dela esperadas: está sempre do lado, se faz presente, orienta, educa, cuida. Ou seja, a

boa mãe neste repertório é aquela que dedica o seu tempo para o cuidado com o filho, realizando os cuidados diários, tem paciência, mas impõe limites nos momentos apropriados, gosta de criança, demonstra ser capaz de renunciar a tudo em favor do filho, apóia e também corrige.

Desse modo, ser mãe no repertório “*maternidade exigente*” é descrito em termos de como ser uma boa mãe, ou ainda, em termos dos atributos que a boa mãe deve possuir. Nessa descrição, só a boa mãe é “mãe de verdade”, ou seja, é mãe. Essa distinção entre a boa e a má mãe neste repertório parece relacionada a uma descrição não essencialista da maternidade, ou seja, não há uma essência ou natureza que a faça mãe. Legitimá-la como mãe – “mãe de verdade” – ou desmerecê-la dessa condição parece depender, nesta descrição, muito mais de sua capacidade e disposição em atender ou não as exigências estabelecidas.

Embora não essencialista, essa descrição parece prescrever um caráter único, ou seja, surge relacionada à idéia de que exista um jeito adequado de ser mãe, o que muitas vezes pode também ser compreendido como o jeito único. E assim, ser uma boa mãe no repertório “*maternidade exigente*” é assumido como um compromisso de agir sempre do modo exigido – o adequado – o que leva a uma preocupação constante sobre si mesma, sobre o filho e sobre tudo que o cerca.

Trecho 6:

O máximo que ela (a filha) vai é numa praça, na avó dela, vai na outra avó, mas ela não vai muito longe. O máximo que ela até hoje conseguiu foi de um sábado pro domingo ela ficá na madrinha dela, mas mesmo assim eu fico hiper ansiosa. Quero sabê se ela tá comendo, se ela tomou banho, se ela tá dormindo, se a madrinha não esqueceu de trocar a fralda, porque ela troca a fralda pra dormir. E ela tem uma alergia e aí eu fico preocupada com essas questões, cê entendeu? E aí eu pergunto “será que é saudável ficar assim nessa bolha com ela? Será que é saudável ficar?”
(Andréia)

A mãe no repertório “*maternidade exigente*” deve tentar sempre garantir que tudo transcorra bem com o filho e se colocar na posição de cuidar e atentar-se constantemente a

tudo o que diz respeito a este. As exigências deste repertório colocam a mãe em um lugar de dúvida constante, expressa pela preocupação com todos os detalhes, pelo sentimento de ansiedade e pelo receio de que a sua ausência possa prejudicar o filho de qualquer modo, como se somente ela – a mãe – tivesse capacidade para cuidar como se deve, capacidade que não a livra da dúvida de estar ou não efetivamente realizando tal feito.

A descrição da mãe em dúvida constante parece associada neste repertório à idéia de que a preocupação é uma característica da boa mãe, da mãe permanentemente engajada em acertar como mãe, como educadora, como alguém compromissada em oferecer sempre o melhor para o filho. Por outro lado, distanciar-se deste jeito considerado como apropriado e único de ser mãe é associado neste repertório como uma falha, como ausência, como algo que a desqualifica e a deslegitima como mãe.

Desse modo, embora esta descrição da maternidade esteja relacionada ao sentimento de ansiedade e ao desafio de experimentar constantemente a dúvida em todas as questões relacionadas à maternidade; descrever a mãe a partir do repertório da “*maternidade exigente*” tem a função de colocar a participante como uma mãe presente, atenta, preocupada, que faz tudo ao seu alcance – e até o que está fora dele – para proporcionar o que há de melhor ao filho.

Trecho 7:

A: É o que eu te falo, é ter atenção. É igual eu falo, às vezes é melhor pecar por excesso do que por falta, sabe? Eu sei que o excesso também pode dificultar, pode gerar alguma coisa, só que eu acho que a minha falta de atenção, a minha falta de cuidado pode gerar alguma coisa pior, então eu acho que poderia gerar entre, como diz, entre o sujo e o mal lavado, (...), então tem que escolher o menor, o mais... Dos males o menor. (Andréia)

Parece mais aceitável no repertório “*maternidade exigente*” que a mãe falhe por excesso de cuidado e preocupação do que por sua insuficiência. Embora o exagero na preocupação da mãe também seja passível de ser convertido em danos, assumir o repertório

“*maternidade exigente*” parece ter a função de protegê-la ante a acusação de ser excessivamente preocupada ou, como colocam as participantes, “*neurótica*”, “*exagerada*” e “*criadora de bolha*”.

Nesse sentido, o exagero na preocupação parece, nesta descrição, relacionado a imagens de excesso de amor e de zelo da mãe para com seu filho; enquanto que qualquer falta tende a ser descrita através de imagens de omissão, ausência, deficiência e insuficiência não só no cuidado, mas também no amor materno. Desse modo, a construção nesse repertório de sentidos específicos tanto para o excesso quanto para a falta de cuidado contribui para fortalecer as narrativas de preocupação e ansiedade em relação à exatidão de zelo, como ilustramos na fala de Andréia: “*não me preocupo demais, eu só não quero que falte, eu não quero...*”

O excesso na preocupação embora admitido como um desvio do limiar de zelo que a mãe “normalmente” tem parece ser uma “falha” mais tolerável do que a falta e, conforme ilustrado no trecho anterior, “*dos males o menor*”, justificado como um mal cometido por um amor descomedido como ilustra a fala de Cecília: “*ah, eu chego a ser neurótica (...) Eu fico naquela preocupação, mas meu problema é esse: amor demais*”. Assim, é buscando ser uma boa mãe e amando demais que a mãe cuida muito, de todos os detalhes e às vezes tende ao excesso.

Além dessa questão da mensuração do amor, a falta parece oferecer um risco maior de problemas imediatos e futuros, uma vez que qualquer deslize de atenção e zelo pode acarretar em danos para a saúde e desenvolvimento da criança, bem como comprometer a avaliação que a mãe e os outros fazem dela. Faltar de alguma forma é correr assim um risco de proporções imprevisíveis e também por isso, indesejáveis, o que parece ser ilustrado na fala de Andréia que coloca: “*Então eu prefiro pecar e ser chamada de exagerada, ter me chamado disso, do que eu correr qualquer risco de perder a minha filha*”.

Enfim, assim como o termo mãe parece implicitamente expressar nesse repertório o sentido de boa, ou seja, espera-se da mãe – ou pelo menos da “mãe de verdade” – que ela seja boa mãe; outros sentidos parecem também, de maneira implícita, estar associados à idéia do que seja uma boa mãe. A boa mãe é zelosa, atenciosa, preocupada, presente; ela instrui e educa, ela apóia e corrige e ela também erra, mas quando isso acontece é mais por excesso de amor e cuidado do que por deficiência destes.

Esta categorização da boa mãe parece também relacionada à criação de dois lugares distintos, o da mãe potente e o da mãe impotente. Ocupar ou não estes lugares parece dependente nesta descrição dos critérios presentes neste repertório, os quais legitimam como completa a mãe que atende a todos os requisitos a ela impostos, ou seja, a mãe potente; bem como servem para deslegitimá-la e afirmá-la como incompleta quando esta é impedida qualquer que seja o motivo de cumprir com algum desses requisitos, o que compreendemos ser neste repertório o lugar de mãe impotente.

Deste modo, nesta descrição de maternidade é preciso dedicar-se integralmente ao desempenho das tarefas e deveres estabelecidos como responsabilidade principal – ou exclusivamente sua – para ser legitimada como mãe completa. Ou ainda, é preciso ser a mãe que cuida, que dá banho, que alimenta e que atende a todas as necessidades do filho para ocupação desse lugar de mãe potente. Quando algum desses atributos não é por ela atendido, ela tem seu lugar de mãe desmerecido e coloca-se como alguém incapaz, incompleta ou ainda, como uma mãe impotente, por não exercer totalmente o que a ela se impõe e é imposto: atender as exigências do cuidado com o filho no momento em que estas surgem.

C) O ser mãe como exigência

Nessa descrição de maternidade em que a ênfase recai sobre as obrigações da mãe, o ser mãe também parece ser assumido como exigência. É, especialmente, quando as

participantes relatam os motivos que as levaram a engravidar que surge essa descrição do ser mãe como uma reivindicação exigida pelo companheiro, pelo tempo de relacionamento ou por si mesma.

Em um desses relatos, Adriana conta que não pensava em ser mãe, justificando que a decisão de engravidar foi adotada ao considerar: “*Aí eu comecei a imaginá ‘não, eu tenho que ser mãe, né? Tenho que... Já tô com 26 anos, tem que sê mãe’, né?*”. O repertório “*maternidade exigente*” utilizado pela participante parece relacionado à idéia de que o ser mãe é também uma imposição, “tem que ser mãe, né?”. O fato de ter 26 anos parece ser colocado como a condição que a força a ser mãe.

Trecho 8:

A: (Justificando porque não se imaginava como mãe quando mais nova) *Porque eu, né? Eu farriava muito, só que eu me cuidava, tudo, prevenia, porque eu morria de medo de engravidá. Aí depois de quatro anos que eu tô com ele, né? Cinco anos. Depois de quatro... Eu demorei quatro anos pra engravidá. Porque eu ficava com medo, tinha medo de pará de toma o remédio. Aí ele falô: “Não, você não vai tomá mais, não vai comprá mais”. Aí, aí engravidei, né? (Amanda)*

Descrever a maternidade a partir do repertório “*maternidade exigente*” e considerar o número de requisitos e obrigações impostos à mulher que assume a condição de mãe parece produzir uma descrição da maternidade como possibilidade de perda e restrição. E além desses sentidos, o uso deste repertório no trecho anterior ressalta a associação da maternidade com o casamento, em que o companheiro parece exercer um papel significativo para a decisão da mulher em engravidar.

São nas descrições sobre o companheiro que as referências ao pai emergem neste repertório, o qual é constituído como “provedor” e como figura de autoridade, como Laura coloca ao fazer uma distinção entre a mãe e o pai: “*a mãe se torna muito mais responsável do que o pai. O pai é, só, eles acham que tem a responsabilidade só de, de trazer dinheiro e dar um pouco de educação*”. Além de menor responsabilidade, esse repertório atribui ao pai uma posição inferior e de menor importância, quando comparado à mãe – no que diz respeito à

relação com o filho, o que parece ser expresso nessa fala principalmente pelo termo “só”, “os pais apenas...”. A exigência de maior responsabilidade à mãe é expressa na continuidade da fala de Laura “*Agora a mãe não. A mãe tem que cuidar, tem que... conversá*”. E, nesse sentido, assim como a maternidade impõe muitas obrigações à mãe, o ser mãe também é assumido muitas vezes nesse repertório como uma exigência.

Analisando a argumentação que fomos desenvolvendo na apresentação deste repertório, consideramos que descrever a mãe a partir do repertório “*maternidade exigente*” parece apresentar uma série de vantagens como também oferecer inúmeros desafios.

O repertório “*maternidade exigente*” parece sustentar e promover discursos em defesa da criança. As prescrições deste repertório parecem assim, estar relacionadas à tentativa de garantir o benefício da criança, bem como a responsabilidade da mãe de gerar condições favoráveis ao filho. Deste modo, este repertório promove ações de cuidado com a criança, possibilita a atenção às necessidades físicas, emocionais, educacionais e psicológicas desta.

Entretanto, ao privilegiar a atenção à criança este repertório parece desmerecer as necessidades da mãe e desvalorizar o desempenho de outros papéis. Os interesses da mãe são submetidos às necessidades da criança, por isso, qualquer interesse que a mãe tenha que de alguma forma pareça ameaçar o cuidado com a criança deve ser esquecido ou deixado de lado para ser realizado em uma melhor ocasião; como destaca Adriana: “*a gente quer sair de vez em quando e não pode ir em certos lugar porque tem certos lugares que não é adequado pra ela ir. Aí cê pensa ‘ah, agora eu não posso ir por causa dela’*”.

Assim, esse repertório promove o ser mãe como o papel primordial a que deve se dedicar a mulher. Trabalhar fora, estudar, ou qualquer outra atividade que desvie a mãe de sua função principal tende a ser colocada neste repertório como uma ameaça, como algo que, comprometendo o filho, questiona a própria capacidade de ser mãe. Portanto, ao colocar como função principal da mãe o cuidado com o filho e a ressaltá-la como a única capaz de atender

completamente as necessidades da criança, este repertório acaba por gerar sentimentos de culpa, ansiedade, angústia e preocupação constante para a mãe.

Isto porque ser mãe nesta descrição ultrapassa a capacidade da mulher de gerar e conceber um filho, é preciso antes ser reconhecida como uma boa mãe e uma mãe completa, que se realiza em toda a sua potencialidade. Ou seja, ser mãe nesta descrição demanda ações, não é tido como algo natural, ou essencialista; ao contrário, exige esforço e dedicação.

Porém, as expectativas estabelecidas neste repertório promovem a valorização de um modelo rígido para o ser mãe, como se houvesse o jeito adequado e, com isso, único de ser mãe, o da mãe que “tem que” atender a todos os requisitos de uma boa mãe. Falhar em qualquer atributo de uma boa mãe é correr o risco de ser desmerecida e deslegitimada desse lugar. Além da dúvida constante a que a mãe é submetida em estar ou não sendo precisa em seu cuidado, esta descrição da maternidade valoriza o excesso de atenção à criança e promove o monitoramento constante da mãe em relação a si mesma, o que soa neste repertório como uma tentativa de garantir que a criança tenha a atenção e o cuidado na medida de sua necessidade.

As exigências criadas neste repertório promovem a figura da mãe como a principal – e até mesmo única – responsável pelo cuidado com a criança, o que desvaloriza, desencoraja e, muitas vezes, exime a participação do pai e de outros familiares. Nesta descrição da maternidade parece não haver espaço para outras figuras que não a da mãe. O pai, mencionado pelas participantes neste repertório como figura de autoridade e sustento da família, parece não participar do cuidado com o filho e quando o faz é como alguém que ajuda a mãe, o que ressalta a característica deste repertório em constituir a mãe como a responsável exclusiva pelo cuidado com a criança.

6.4. Aprendendo com a maternidade

“É, eu descobri que eu sô... Que tô sendo uma boa mãe, descobrindo coisas da vida que eu não descobria... E tô vivendo, tô crescendo. Eu fico me perguntando como que vai ser daqui pra frente (...) Como é que eu vô sê?” (Amanda)

Nomeamos como “*aprendendo com a maternidade*” o conjunto de expressões e lugares comuns utilizado pelas participantes para descrever a maternidade como oportunidade para o aprendizado do ser mãe, para reflexão sobre o antes e o depois dessa condição, bem como de descrições da maternidade em termos de mudança, modificação de si, dos outros e dos relacionamentos estabelecidos.

Este repertório tipicamente é utilizado no contexto das entrevistas pelas participantes que estão vivenciando a maternidade pela primeira vez, ou seja, pelas mães de um único filho e tem a função de apresentá-las ora como mães ainda inexperientes, ora como mães em processo de construção, assim como as situam como pessoas em constante modificação – comumente avaliadas como positivas – a partir da maternidade.

A maternidade como oportunidade de aprendizado e constituição de si é descrita nesse repertório como um exercício diário, possibilitado a cada nova situação que vivenciam. E assim, expressões e imagens como “é a primeira vez que sou mãe”, “muita coisa que a gente não sabe assim”, “eu vou aprendendo ainda”, “vai aprendendo com a vida”, “a pessoa que é mãe vai e aprende as coisas”, “eu não tinha relação nenhuma com menino”, “cada dia é uma coisa diferente”, “imaginava diferente”, “pensava que não seria capaz”, “algo que muda muito a pessoa” são utilizadas pelas participantes para realçar essa idéia.

A análise do repertório “*aprendendo com a maternidade*” está estruturada em dois tópicos, de acordo com a temática contemplada, tendo sido organizada da seguinte forma: A) Maternidade como processo contínuo de aprendizado e B) Aprendizado em termos das mudanças em si e nos relacionamentos estabelecidos. Este último – o tópico B – por sua vez, foi subdividido em três: B1) Como pessoa; B2) Como filha e B3) Como esposa.

A) Maternidade como processo contínuo de aprendizado

No repertório “*aprendendo com a maternidade*” a mãe é descrita como alguém que está se descobrindo nesse lugar, que está se desenvolvendo e aprendendo a cada nova situação que tipo de mãe ela consegue e pode ser.

Trecho 1:

Renata: Você tava me contando assim que você descobriu que amadureceu muito. Que outras coisas que você descobriu além de você ter amadurecido e ter crescido?

*A: É, eu descobri que eu sô... **Que tô sendo uma boa mãe, descobrindo coisas da vida que eu não descobria... E tô vivendo, tô crescendo. Eu fico me perguntando como que vai ser daqui pra frente, quando a Edna crescê? Como é que eu vô sê? Brava com ela? Se eu vô deixá fazê as coisa, pôr de castigo? Começá a mexê nas minhas coisas... Como é que eu vô sê? Fico me perguntando pra mim... (...) Como vô sê mãe, assim. E vô aprendendo ainda, né? (...) Vai crescendo e vai, né? Vai... Cada mês, cada ano, sei lá. É uma fase, né? (Amanda)***

Trecho 2:

Renata: Se você pudesse mudar alguma coisa no papel de mãe, se você pudesse modificar esse papel, que coisas que você modificaria?

*A: **Ah, só com o passar do tempo que a gente vai vendo. Eu posso te falar agora que não mudaria nada, mas a hora que for chegando mais pra frente, sei lá. (...)***

Renata: E o que você imagina que lá pra frente talvez você tenha que mudar?

*A: Ah, eu falo o jeito, assim, pra educar, né? Pra corrigir ele. **Eu não sei ainda como é que vai sê, ele é muito birrento. (...) Mas eu não sei como é que vai ser não (risos) (...) Eu nunca apanhei na minha vida, então assim eu não penso em bater, eu penso assim em corrigir na base da conversa. Eu acho que não é por parte de educação dele, é de como ele faz, talvez eu tenha que mudar os meus pensamentos, né? De como eu penso, né? Não sei ainda. (Ana Luiza)***

A forma como esse repertório é organizado nos trechos anteriores possibilitou-nos algumas interpretações. No trecho 1, ao tentar responder que outras coisas teria descoberto sobre si, Amanda inicia dizendo “*é, eu descobri que eu sô...*” e parece então haver uma quebra um titubeio, ou uma certa polidez na fala. Feita essa pausa, Amanda revela “*que tô sendo uma boa mãe, descobrindo coisas da vida que eu não descobria...*”

Neste repertório, em que a mãe é constituída como aquela que se esforça para aprender, a suspensão na fala de Amanda parece ter na interação a função de assumir uma

postura cautelosa de alguém que não quer parecer arrogante, de alguém que não sabe, mas que está aprendendo. Parece soar mais adequado nesse contexto dizer que tem sido boa mãe até então, como se essa avaliação tivesse relacionada ao momento específico em que é realizada e como se admitisse tanto a inexperiência e insegurança, quanto a possibilidade de modificação: *“como que vai ser daqui pra frente (...) como é que eu vô sê?”*

De forma semelhante, o repertório *“aprendendo com a maternidade”* é utilizado no trecho 2 com a função de colocar a mãe como alguém em processo de constituição de si. Recortamos dos trechos anteriores algumas expressões como *“quando”*, *“a Edna crescê”*, *“como vô sê”*, *“agora”*, *“mais pra frente”*, *“eu não sei ainda como é que vai sê, ele é muito birrento”*, *“talvez eu tenha que mudar meus pensamentos”*, as quais parecem ter a função de situar a maternidade no tempo, ressaltar um trabalho de reflexão e preparação por parte da mãe, além de contextualizar a relação com o filho.

Assim, no repertório *“aprendendo com a maternidade”* a descrição da mãe depende do contexto em que é realizada; falar sobre o que gostaria de modificar em si ou não parece um exercício possibilitado por cada situação particular; assim como a constituição de si como mãe depende da relação estabelecida com o outro, o filho. Desse modo, não há estabilidade na descrição que se tem de si como mãe. Ser brava, ser tolerante, colocar de castigo, *“corrigir na base da conversa”*, bater, são ações e descrições de si como mãe relacionadas a cada situação específica. Assim, este repertório propõe múltiplas possibilidades de ser mãe, as quais são ampliadas pelos relacionamentos que são estabelecidos e, neste sentido, cada descrição de si é uma construção do momento vivido.

A condição da mãe que trabalha também é descrita neste repertório como um contexto de aprendizagens específicas dessa situação, como é enfatizado na fala de Karla: *“Eu vou voltar a trabalhar, então eu não vô tá convivendo com ele (com o filho) 24 horas (...). Então eu acho que... vai ser assim um aprendizado pra mim também”*. O uso deste repertório tem a

função de colocar a participante como alguém disposta a passar pelo aprendizado de não contar com a presença do filho em tempo integral, além da disponibilidade em aprender a ser mãe sendo profissional e aprender a ser profissional agora que é mãe. Aprendizado este que é justificado quando Karla, utilizando tal repertório, continua a falar: *“porque eu, eu ainda não sei como é lidar com filho com eu trabalhando (...). Então pra mim também vai ser uma experiência nova...”*

Desse modo, a mãe no repertório *“aprendendo com a maternidade”* é uma mãe em constante aprendizado e modificação. Ela se descobre como mãe a cada nova situação, dia, fase, contexto. Cada circunstância revela a ela uma nova possibilidade de agir e de ser, porque ela não está, ela vai *“aprendendo ainda”*. Este repertório permite assim uma descrição da mãe que se descobre e se reconhece diferente como mãe em cada momento particular vivenciado, como também possibilita que diversas formas de maternidade e jeitos de ser mãe sejam admitidos e legitimados.

Essa imagem da mãe em constituição e modificação, característica do repertório *“aprendendo com a maternidade”*, contrapõe-se a imagem da maternidade instintiva e natural presente no repertório *“maternidade romântica”*. Enquanto que o repertório *“maternidade romântica”* estabelece a existência do instinto materno, ou seja, a noção de que toda mulher é dotada de uma essência interna que vem à tona quando se tem um filho; o repertório *“aprendendo a ser mãe”* compõe a metáfora de que cada dia e cada situação oferecem novas oportunidades de constituir-se como mãe, de aprender e de (re) construir o jeito de ser mãe. Nesse sentido, o aprendizado é contínuo, não havendo a existência de uma maternidade única para todas as mulheres ou para uma mesma mulher ao longo de seu caminho como mãe; é reconhecido como um processo: *“quando você vai passando por ela (por cada situação) você vai se desenvolvendo, vai tendo lá outros pontos de vista”*, elucida a fala de Andréia.

Descrever a maternidade a partir do repertório “*aprendendo com a maternidade*” parece ter a função de proteger a mãe de descrições idealizadas e opressivas, e permitir a ela agir segundo cada contexto particular e não conforme um modelo único de mãe. Nesse sentido, esse repertório cria espaço para aceitação da dúvida de não saber como agirá nas situações futuras, admite a possibilidade de erros e estes parecem ser mais toleráveis nessa descrição, visto que cada situação parece oferecer uma novidade e uma necessidade para a qual pode ainda não estar preparada.

Outra possibilidade da descrição da mãe a partir do repertório “*aprendendo com a maternidade*” é a criação de espaço para a mãe reconhecer em si outros e novos jeitos de ser como mãe, mulher e pessoa. Falar da mãe neste repertório possibilita que esta seja descrita de outras e novas formas como pessoa, como conta Ana Luiza: “*ser mãe a gente descobre outra pessoa na gente, né?*”.

B) Aprendizado em termos das mudanças em si e nos relacionamentos estabelecidos

O termo “aprendizado” adquire neste repertório o sentido de aprimoramento pessoal e por isso constitui nas descrições das participantes a imagem da maternidade como oportunidade para modificações positivas em suas vidas, em si mesmas e nos relacionamentos por elas estabelecidos.

Este processo de aprendizado envolve diferentes tipos de relacionamento e é descrito de formas também distintas, que descrevemos separadamente em B1) como pessoa; B2) como filha e B3) como esposa.

B1) Como pessoa

Podemos dizer que este repertório é utilizado pelas entrevistadas com a função de apresentá-las não apenas como mães que estão aprendendo, mas também como pessoas que estão se aprimorando, crescendo, se desenvolvendo, evoluindo.

Além de tais predicados, ao usar este repertório, as participantes adotam a maternidade como a oportunidade para reconhecerem em si a capacidade de exercê-la. A relação com o filho oferece mais do que o aprendizado das tarefas envolvidas, ela cria condições para que a mãe se descreva como hábil, para que supere a insegurança anterior de não conseguir lidar com tais afazeres, para que fortaleça a descrição de si mesma como alguém capaz e para que se descreva como uma pessoa diferente da que acreditava ser anteriormente.

Trecho 3:

Renata: Bom, então nós vamos conversar um pouquinho agora, Laura, sobre ser mãe. Que coisas que você gostaria de me falar sobre isso?

*L: (...) Esse **trenzinho mudou minha vida totalmente** (começa a chorar). *Eu não consigo nem falar que eu choro tanto* (chorando). **Eu era uma menina mimada... que saía pras balada, voltava de madrugada, dava trabalho** (engole o choro). **E quando eu tive ela eu... mudei tudo.** (...) (continua chorando).*

Renata: O que que te emociona mais em falar sobre isso? (Sobre ser mãe)

*L: **É ver o tanto que eu mudei, sabe?** (Volta a chorar) **É ver ela desse jeito, grande, feliz, porque eu sei que a minha filha é feliz e eu nunca achei que eu fosse...** Quando eu engravidei eu não sabia que eu era capaz. **Eu achei que eu ia... que eu não ia dar conta de, de ser o que é hoje.** (Laura)*

Trecho 4:

*...Hoje em dia o **Lucas mudou muito a minha vida** assim, porque assim eu trabalhava, eu tinha um casamento, mas eu ainda não, não, **por eu ter assim casado nova eu não era completamente responsável, sabe, eu ainda tinha algumas falhas,** mas hoje depois que ele nasceu, é... eu assim, eu me vejo mais responsável. (...) Então é, a maternidade muda as pessoas sim, se a, se alguma pessoa falar “ah, depois que eu tive filho não me mudou nada”, ah... eu acho que é um pouco de mentira porque muda sim, filho muda muito.*

Renata: E o que que você acha que muda principalmente?

*K: Eu acho que você tem mais, é cê cria mais responsabilidade, sabe, cê fica mais, assim é... e outra, cê **fica mais capaz com a vida não só de uma criança mas com a vida de uma outra pessoa,** sabe, cê pensa, cê tem mais carinho pela vida ou por uma outra pessoa, sabe, é, é assim, é bem, é complicado assim deu falar, mas é isso, cê não*

pensa mais só em você, cê pensa nos outros também agora depois que você tem filho, dá conta de lidar com as outras pessoas mais fácil do que quando você é adolescente e não dá conta. (Karla)

Trecho 5:

A: ... a gente aprende mais com os filhos do que com a mãe da gente.

Renata: O que você acha que você tem aprendido com o seu filho?

A: Eu aprendi a conviver melhor com as pessoas. Que nesses dez meses eu aprendi a ter mais educação, eu aprendi a ter mais respeito com as pessoas, sabe? Eu aprendi a me controlar mais. Então eu acho que o mais assim, o que eu aprendi mais foi isso. (Ana Luiza, 355)

Se por um lado este repertório constitui a mãe como aquela que aprende; a criança, por outro, é apresentada como aquela que ensina, que ajuda e que transforma a mãe. Nesse sentido, a criança é posicionada como alguém que exerce um papel ativo na relação. É especialmente ela quem ensina a mãe a ser mãe, quem modifica a mãe como pessoa, quem a aprimora. É também a partir da maternidade que a mãe aprende a conviver com os outros e a “ser menos egoísta”, relatam as participantes.

E ainda que surjam neste repertório referências às aprendizagens com a própria mãe, é a relação com o filho que, segundo essa descrição, ensina à mãe as coisas mais significativas e jamais antes alcançadas, como ilustrado na fala de Ana Luiza no trecho 5: “*a gente aprende mais com os filhos do que com a mãe da gente*”.

A distinção de si antes e depois da maternidade é um aspecto marcante nesta descrição e pode ser observada especialmente nos trechos 3 e 4. O “antes de ser mãe” é expresso por imagens negativas de si, como “menina mimada”, “saía pras baladas”, “não era completamente responsável”; enquanto que o “depois de ser mãe” é assumido como “mudei tudo”, “você tem mais carinho”, “você pensa mais nos outros também”.

Também recorrente na fala das participantes são as descrições sobre a influência da experiência de ser mãe para a modificação nos relacionamentos que são estabelecidos com os outros, como ilustrado na fala de Karla no trecho 4 anterior: “*depois que você tem filho, dá conta de lidar com as outras pessoas mais fácil*” e por Ana Luiza, no trecho 5 anterior: “*Eu*

aprendi (com o filho) a conviver melhor com as pessoas". Ressaltamos a função que a utilização desse repertório assume nesses contextos, a de valorização da maternidade. As participantes, ao fazerem uso deste repertório, colocam a experiência da maternidade como um acontecimento importante, valioso e enriquecedor em suas vidas. É a maternidade, especialmente pela relação que a mãe estabelece com o filho, que possibilita que a mãe amadureça e se desenvolva como pessoa, que se relacione melhor com os outros e que seja mais compreensiva e menos egoísta.

E embora tal repertório seja utilizado tanto pelas entrevistadas que tiveram a maternidade planejada como pelas que não a tiveram, o seu uso tem a função de colocar a maternidade como um investimento acertado, que traz grandes benefícios, entre eles a oportunidade de crescer e se desenvolver como pessoa, como ressalta Ana Luiza: "*Eu acho até que é vantagem, eu melhorei depois que eu fui mãe, eu melhorei como pessoa*".

Assim, nesse repertório a criança não é constituída somente como aquela que ensina a mulher a ser mãe, mas também como aquela que oferece lições valiosas e aprendizagens que vão além do relacionamento com o próprio filho. No trecho 5, Ana Luiza utiliza o repertório "*aprendendo com a maternidade*" para ressaltar a idéia de ter alcançado um maior aprendizado em seus dez meses como mãe do que em seus vinte e três anos como filha. Destaca-se, assim, a função que a utilização deste repertório tem em colocar a potencialidade de ensinamento que a experiência de ser mãe oferece.

Colocar-se como mãe que está aprendendo por meio deste repertório serve também para fortalecer o reconhecimento de sua capacidade como mãe, ou seja, para a criação de uma narrativa de competência no que diz respeito aos cuidados e a relação com a criança, como ilustrado na fala de Laura no trecho 3: "*é ver o tanto que eu mudei, sabe? (...) Eu não sabia que eu era capaz*". A relação que se consegue estabelecer com a criança serve como recurso para avaliar-se positivamente como uma pessoa responsável e capaz.

B2) Como filha

Com o nascimento da criança nasce a mãe e este “parto” parece também fazê-la renascer como filha. Assumir o papel de mãe, neste repertório, possibilita condição para se (re)posicionar como filha e oferece a oportunidade de (re)significar o relacionamento com a própria mãe propiciando espaço para compreensão dos momentos vividos e para a proximidade na relação, com maior cumplicidade e parceria. Deste modo, o filho oferece à mãe a chance para transformar-se também como filha, como ressaltamos na fala de Adriana: *“depois que eu fui mãe que eu fui ver qual é o valor da mãe, realmente qual é o valor da, que a gente tem que dar na mãe da gente”*.

Assim, além de ressaltar como a maternidade serviu para valorizar e reconhecer a importância da própria mãe, as participantes utilizam este repertório também com a função de enfatizar como o fato de serem mães as fizeram “melhores” filhas, como descreve Ana Luiza: *“antes eu brigava muito com a minha mãe, aí agora que eu sô mãe, sabe? Parei de brigar bastante, né?”* como também coloca Laura: *“até a conversar com a minha mãe eu aprendi a ter mais facilidade (...). De não discutir, de não rebatê o que ela fala. Eu acho que tudo isso eu aprendi com ela (filha)”*.

A partir desse repertório, a experiência de ser mãe permite que ela se coloque no lugar ocupado pela própria mãe e que se descreva aprendendo não apenas a ser mãe, mas também a ser filha. Deste modo, constituir neste repertório a maternidade como possibilidade de avaliação do lugar ocupado pela própria mãe favorece também o colocar-se como filha, bem como avaliar o lugar de mãe que agora ocupa, como ilustramos com o trecho seguinte:

Trecho 6:

Renata: Quando você fala assim que depois que você foi mãe que você começou a dar valor, né, na mãe...

A: É.

Renata: Por que que você acha que isso aconteceu?

A: Porque quando a gente fala assim, a mãe fala e a gente responde quando a gente é... solteiro. É... “ah, cê não vai sair”, a mãe fala, “não vai ficar até tarde”. Aí que a gente vê que quando acontecer comigo eu vou fazer a mesma coisa que a minha mãe fez comigo. É, é, não é questão de tá proibindo, é questão que a gente que cuidá, que ficá, que, que ela (a filha), que ela fica sempre perto da gente. (Adriana)

O repertório “*aprendendo com a maternidade*” é usado no fragmento anterior com a função de valorizar a maternidade. O termo “a gente”, empregado neste fragmento, designa diferentes lugares: o de mãe e o de filha, dois lugares nos quais a participante discursivamente se inclui em diferentes momentos.

O lugar de filha constituído nesta descrição pela imagem “*a gente solteira*”, ou seja, de quem ainda não tem filho – lugar em que a participante se inclui quando solteira – é discursivamente delineado como um lugar de questionamento da postura da mãe, de responder e não aceitar quando esta tenta impedir que a filha saia ou chegue tarde.

Porém, a descrição de maternidade nesse repertório faz com que a participante também se inclua nesse lugar de mãe descrito pelo termo “*a gente*” como alguém que quer cuidar e ter o filho por perto. Incluir-se nesse lugar possibilita se reposicionar como filha e, deste modo, descrever a postura da mãe como uma ação de cuidado e não de proibição. Assim, este reposicionamento parece ser assumido, nesta descrição, como condição para tornar-se mãe como a própria mãe, ser capaz de compreender as decisões que as mães tomam e ser capaz de tomá-las.

Dessa forma, o ser mãe constitui-se neste repertório como condição que favorece não apenas a descrição e avaliação de si como mãe, mas também como oportunidade de uma reavaliação de seu lugar como filha. Este repertório enfatiza assim a maternidade como possibilidade de avaliação das relações que se estabelece com os outros, especialmente a relação com a própria mãe e o relacionamento conjugal, o qual discutiremos a seguir.

B3) Como esposa

Nas conversas sobre os aprendizados e modificações iniciados pela experiência de ser mãe são enfatizadas também as descrições sobre as alterações no relacionamento com o marido, como anuncia Adriana: *“mudou muita coisa assim entre eu mais meu marido. (...) Antes da gente ter filho é uma coisa, depois que tem filho, né, é diferente”*.

Embora algumas restrições ocorridas na rotina do casal sejam apontadas nessa descrição das mudanças, como a de não poder sair tanto como saía antes – modificações descritas pelas participantes como necessárias à adaptação da família que agora se constitui – o repertório *“aprendendo com a maternidade”* recorrentemente é utilizado pelas participantes com a função de enfatizar os benefícios que a chegada do filho trouxe para a relação conjugal. Estas descrições parecem relacionadas à imagem de que com o filho há um terceiro envolvido na relação e a presença desse outro tem nesse repertório o sinônimo de acréscimo à relação. Assim, as descrições sobre as modificações no relacionamento conjugal são associadas aos ganhos que a presença da criança trouxe para a relação, como a capacidade de compreender o outro, o desenvolvimento da paciência e também da redução das brigas.

O destaque maior na versão das participantes conferido aos benefícios da presença da criança parece nessas descrições ter a função de colocar a chegada da criança como um acontecimento que modifica a vida do casal, mas que não a atrapalha; pelo contrário, ela enriquece e aprimora a relação.

Trecho 7:

Renata: Aham. Você tava me contando que aprendeu a valorizar as pequenas coisas, né? E você imagina outras situações em que essas características também podem ser úteis?

(...) Eu só aprendi a olhar mesmo, a vê que eu tinha que fazer as coisas de acordo com o que eu tinha em mãos com ela, entendeu? Eu só aprendi isso com ela, você entendeu? De querer assim, querer agora que ela ande, depois eu quero que ela comece a dançar, que ela comece a andar de bicicleta, sabe? (...) E isso veio com ela porque antes eu era muito ansiosa. (...) Então eu acho que eu aprendi isso, em tudo,

no meu casamento também eu aprendi a não esperar muito, a ser mais ponderada. (...) Aceitar a dificuldade do Antônio pra não enfurecer. (...) E então assim, eu só adquiri com ela, porque antes... É igual eu te falei, antes aconteciam várias brigas, varias discussões, a gente terminava, a gente voltava, eu não tinha a capacidade de entender. Hoje eu já tenho assim. (...) Hoje não, hoje quando a gente briga é por coisas maiores, sabe? Hoje eu tenho mais paciência de ponderar... Nesse ponto eu acho que o aprendizado com a Andressa me ajudou em tudo, né? Em todas as etapas da minha vida. (Andréia)

O repertório “*aprendendo com a maternidade*” é utilizado no fragmento anterior com a função de descrever a inclusão da criança na família como o incentivo e motivação para a mudança da participante no relacionamento com o marido. Compreendemos que neste contexto também a criança é posicionada como ativa, como aquela que ensina e além do mais, capacita a mãe a crescer. A mãe, por outro lado, é constituída como aquela que aprende pela e com a criança, que é ajudada pelo filho, que melhora como pessoa e esposa a partir da relação com o filho.

Parece estar relacionada a este repertório a imagem de que cada etapa da vida da criança, assim como a seqüência e o ritmo dessas etapas oferecem inúmeras possibilidades de descoberta à criança e à mãe. Assim, cada fase – falar, andar, dançar – parece servir como momento de aprendizado não apenas para a criança que adquire uma nova competência, mas também para a mãe que parece redimensionar a importância desses momentos para a própria vida. Portanto, surgem as descrições de que se aprende com o desenvolvimento do filho a importância de se respeitar a seqüência e o ritmo em cada etapa e esse aprendizado pode ser estendido para a sua vida quando consegue, por exemplo, aceitar a dificuldade do outro, ponderar mais, respeitar o “ritmo” de cada um.

O repertório “*aprendendo com a maternidade*” parece também estar relacionado à idéia de que as modificações na relação conjugal e familiar além de favorecerem a adaptação da família à chegada do filho parecem também visar um objetivo maior: o bem estar da criança. Ao priorizar o bem estar da criança a mãe passa a reavaliar não apenas o seu modo de

ser e suas atitudes, mas também a sua forma de se relacionar com o companheiro. Tal reavaliação parece pautada pelo desejo de oferecer à criança uma situação de harmonia familiar.

A descrição da maternidade por meio de metáforas de aprendizado e modificação nos convida a considerar possíveis implicações de seu uso. Descrever a mãe como alguém em processo de aprendizado parece aliviá-la da obrigação de se enquadrar em um modelo de maternidade pré-estabelecido, protegê-la de descrições idealizadas e opressivas e assim resguardá-la de acusações de que seja uma má mãe.

Descrever a maternidade como processo de aprendizado supõe também uma instabilidade na imagem da mãe, o que favorece a constituição de diferentes descrições de si mesma como mãe, como também possibilidades variadas de maternidade. Essa descrição que valoriza o contexto parece também legitimar as diversas formas de ser mãe.

Além da possibilidade de diferentes maternidades, a descrição da mãe neste repertório possibilita o reconhecimento de diferentes lugares para a mulher como o de filha, o de esposa, o de profissional. E embora o ser mãe seja um lugar valorizado nesta descrição, ele não exclui outras descrições de si como mulher. Assim, esta descrição amplia as suas possibilidades. Ser mãe a transforma como filha, como esposa, amiga e profissional.

Essa descrição da mãe que está aprendendo relacionada ao sentido de capacitação e desenvolvimento pessoal fortalece versões de si como alguém responsável, capaz. Porém, embora essa descrição questione a noção de que a mulher nasça sabendo a ser mãe, ela oferece a arriscada provocação de julgar como menos capacitada, não só para o exercício da maternidade como também para a vida de um modo geral, a mulher que não passou pela experiência de ser mãe e que por isso não teve condição de desfrutar as aprendizagens significativas que a maternidade oferece.

As modificações neste repertório descritas como alterações motivadas pela maternidade, embora ocorram pela e para a criança, ou seja, que a criança seja o foco de todas as iniciativas de mudança, parecem nestas descrições possibilitar que os benefícios sejam ampliados também para o relacionamento conjugal, familiar e demais relações que pela mãe são estabelecidas.

A descrição “*aprendendo com a maternidade*” parece exercer uma maior força retórica para “*as marinheiras de primeira viagem*”, o que nos convida a compreender porque este repertório é utilizado tipicamente pelas mulheres que são mães pela primeira vez. Parece ser socialmente aceito que essa mãe se assuma como insegura e inexperiente e se coloque como alguém que ainda está aprendendo. Nesse sentido, a utilização deste repertório parece relacionada ao sentido de vulnerabilidade admitindo nesta descrição a imagem de inaptidão frente ao desconhecido, como é colocado na fala de Amanda “*é a primeira vez que eu sou mãe*”. Contudo, compreendemos que também as mães de “segunda e terceira viagem”, quando utilizam este repertório, podem ser legitimadas como aprendizes e vulneráveis nesse exercício de ser mãe, o que parece aliviá-las da obrigação de conter as respostas para todas as dúvidas que possam surgir.

7. Revendo alguns conceitos e outras questões

O caminho percorrido neste trabalho foi sendo construído conforme o percorríamos. E diríamos que ainda aqui, neste capítulo que se pretende ser final, prosseguimos em plena atividade de caminhada. No entanto, os lugares visitados nos permitem sistematizar algumas das compreensões que foram sendo construídas até esse ponto de nossa jornada.

Ao propormos ouvir e contar histórias sobre a maternidade, muitas outras histórias foram sendo construídas e entrelaçadas. Não temos a pretensão de explorar todas elas, mas desejamos compartilhar questões que se mostraram significativas nesse processo de construção de histórias diversas. Assim, o que se segue é uma pequena síntese de tantas histórias que poderiam ser aqui contadas.

Estas compreensões são tecidas em torno de quatro pontos principais, organizados nos seguintes tópicos: 7.1. Os repertórios de maternidade: tensões e funções; momento em que buscamos explorar algumas tensões identificadas entre os repertórios e o dinamismo no uso dos repertórios interpretativos; 7.2. A variabilidade dos repertórios: maternidade e profissão, maternidade e paternidade; espaço em que refletimos sobre os lugares destas descrições específicas em cada repertório; 7.3. Repensando a maternidade a partir do conceito de Repertórios Interpretativos; no qual buscamos apontar as contribuições e os desafios de pesquisar tal temática por meio da perspectiva dos repertórios; 7.4. Mulheres, psicólogas e pesquisadoras: implicações metodológicas da participação na pesquisa, ponto em que explicitamos os diálogos possibilitados e dificultados pela participação da pesquisadora e das mães na pesquisa.

Esperamos, desse modo, incentivar o diálogo às questões deste tema tão complexo, bem como contribuir para a investigação de novos interesses em relação à temática aqui abordada.

7.1. Os repertórios de maternidade: tensões e funções

Por meio deste estudo, identificamos quatro tipos de repertórios interpretativos utilizados pelas participantes nas entrevistas para descreverem a maternidade, que nomeamos como: “*maternidade romântica*”, “*maternidade medicalizada*”, “*maternidade exigente*” e “*aprendendo com a maternidade*”.

Com o objetivo de fornecer uma melhor visibilidade da análise realizada e expor, de forma resumida, os repertórios interpretativos construídos, elaboramos a seguinte figura:

Figura 1 - Síntese dos repertórios utilizados pelas participantes na descrição da maternidade

Repertório	Expressões/Imagens	Lugar da mãe	Lugar da criança	Implicações Morais na Entrevista
Maternidade Romântica	“tudo lindo”, “não tem como explicar”, “só quando é mãe pra saber o que é ser mãe”, “melhor coisa que existe”, “não acaba nunca”, “é viver”, “é amor”, “é Deus”	Constituição da mãe por natureza, a mãe por essência. Maternidade como descrição que engloba a mulher totalmente.	Bebê ideal (“Princesa”) A criança não é descrita neste repertório.	Pessoas completas, realizadas, socialmente valorizadas e agradecidas pelos privilégios a elas concedidos.
Maternidade Medicalizada	“dor”, “parto”, “trauma”, “normal”, “hospital”, “médico”, “depressão”, “hemorragia”, “cesariana”.	Mãe constituída como quem cuida e é responsável por reduzir todos os riscos a que o bebê está exposto	Constituição do bebê perfeito, normal e saudável. Posicionado como figura passiva que tem sua sobrevivência, desenvolvimento e normalidade dependentes da mãe.	Pessoas esclarecidas, conscientes, conhecedoras dos riscos e das possibilidades em relação à gestação e à maternidade. Pessoas “modernas”

<p>Maternidade Exigente</p>	<p>“<i>ser mãe é..., mas tem que...</i>”, “tem que largar tudo”, “tem que ficar junto”, “é difícil”, “tem que estar bem preparada”, “tem que ter paciência”, “tem que ficar vinte e quatro horas olhando”, “é saber brigar na hora certa”, “é educar”.</p>	<p>Mãe constituída como figura ativa que se esforça para responder e executar ao que é esperado dela.</p>	<p>A criança é posicionada como passiva e dependente, como aquela a quem se deve dispensar o máximo de atenção e cuidado.</p>	<p>Pessoas responsáveis, compromissadas, insubstituíveis e essenciais para os cuidados com a criança.</p>
<p>Aprendendo com a maternidade</p>	<p>“é a primeira vez que sou mãe”, “muita coisa que a gente não sabe assim”, “eu vou aprendendo ainda”, “vai aprendendo com a vida”, “a pessoa quando é mãe vai e aprende as coisas”, “eu não tinha relação nenhuma com menino”, “cada dia é uma coisa diferente”, “imaginava diferente”, “pensava que não seria capaz”, “algo que muda muito a pessoa”</p>	<p>Mãe aprendiz, que se desenvolve a partir do relacionamento com o filho</p>	<p>Bebê que ensina. A criança é posicionada como figura ativa, como quem ensina as aprendizagens mais significativas à mãe.</p>	<p>Esforçadas, competentes, capazes como pessoa.</p>

As metáforas constituídas em cada repertório, bem como as relações específicas estabelecidas em cada um deles, fizeram emergir algumas tensões entre os diversos repertórios que gostaríamos de aqui compartilhar.

Como analisamos anteriormente nesta pesquisa, as imagens presentes no repertório “*maternidade romântica*” constituem a mãe por natureza, em que ser mãe é desempenhar uma condição essencial, inata a todas as mulheres. Esta é uma descrição que engloba totalmente a mulher, não havendo espaço e legitimação de outros papéis que não o de mãe. Os outros três

repertórios apresentam de alguma forma pontos de tensões quando comparados ao repertório “*maternidade romântica*”, como também apresentam algumas entre si.

Podemos dizer que nos três primeiros repertórios citados – “*medicalizada*”, “*exigente*” e “*aprendendo com a maternidade*” – não há a afirmação de um essencialismo. No repertório “*maternidade medicalizada*” a mãe é constituída como figura ativa, dedicada à minimização dos riscos a que seu filho está exposto, mas não há referência nessas imagens à afirmação de uma essência que a faça assim. As imagens são de uma mulher sensível à produção do conhecimento científico, de alguém que acompanha as inovações tecnológicas e utiliza os diversos saberes lançados pela ciência para garantir a normalidade e a saúde de sua criança.

A imagem da mãe no repertório “*maternidade exigente*” como a deslegitimação e desmerecimento daquela que de algum modo desvia desse modelo, nos permite compreender que esta descrição também não afirma uma essência para a maternidade. Ela pode ou não se tornar uma “mãe de verdade”, o que depende, nesta descrição, muito mais de sua capacidade e disposição em atender ou não às exigências estabelecidas do que a uma suposta natureza feminina.

Na descrição do repertório “*aprendendo com a maternidade*”, as imagens são de aprendizado, construção e a maternidade é situada no tempo. Assim, esta também é uma descrição que se contrapõe à imagem da maternidade instintiva e natural presente no repertório “*maternidade romântica*”.

Entretanto, ao persistirmos na comparação entre os repertórios ressaltamos ainda outros pontos de tensão entre eles. Como dissemos anteriormente, todos os quatro repertórios constituem um ideal de boa mãe, mas parece-nos que os repertórios “*maternidade romântica*”, “*maternidade medicalizada*” e “*maternidade exigente*”, cada um de modo particular, prescrevem o ideal como o único jeito adequado de ser mãe. O repertório “*aprendendo com a maternidade*” no qual as imagens da mãe se aproximam de alguém

aprendendo a cada situação, serve como justificativa e previne de um julgamento negativo as ações da mãe, oferecendo maior espaço para a constituição de jeitos diferentes de ser mãe entre mulheres diversas, bem como para uma mesma mulher em contextos distintos.

Entendemos que os repertórios “*maternidade exigente*” e “*aprendendo com a maternidade*” constituem modos de manejo das demandas também diversos entre si. Enquanto no primeiro a mãe é constituída como aquela que responde ao que é a ela imposto, ou seja, ela atua de forma a atender o que dela é exigido; no repertório “*aprendendo com a maternidade*” a mãe é descrita como aquela que se capacita e se desenvolve em cada situação vivenciada no exercício de ser mãe.

Analisando estas tensões, especialmente as que se referem a questão do essencialismo, compreendemos que a base deste conflito entre o repertório “*maternidade romântica*” e os demais parece associado às tensões existentes entre as correntes filosóficas inatistas e empiricistas, as quais estão ligadas a concepções de conhecimento específicos, bem como a maneiras características de se conceber o sujeito e o objeto. O repertório “*maternidade romântica*” poderia aqui ilustrar as noções da corrente inatista, que tal como a corrente filosófica, postula que as formas de conhecimento estão pré-determinadas na pessoa. Nos outros três repertórios, a descrição da maternidade parece mais relacionada aos pressupostos da corrente empirista pela ênfase, nessa corrente filosófica, no objeto como princípio do conhecimento.

Buscamos em nossa análise, caracterizar cada repertório, discutir as suas funções, as formas de uso, as implicações morais durante a entrevista e os lugares construídos em cada descrição para a mãe e para a criança. Também procuramos finalizar a apresentação de cada repertório expondo os possíveis benefícios e desafios produzidos por cada um destes conjuntos de metáforas sobre a maternidade.

Compreendemos que essa seria uma maneira seqüencial e didática de apresentar os repertórios, o que poderia favorecer a compreensão e encadeamento do uso situacional de cada descrição. Consideramos importante explicitar, entretanto, que os repertórios não são utilizados como blocos fixos tal como configurado no quadro anterior, pelo contrário, eles são utilizados de forma combinada, se misturando e muitas vezes quase se fundindo.

Esta característica dos repertórios, segundo Potter e Wetherell (1987), é justificada pela propriedade da fala em construir diferentes versões do mundo e ser orientada por diferentes funções. Por isso, se é esperado que exista variabilidade no repertório produzido por uma mesma pessoa, assim como exista variabilidade entre os repertórios produzidos por diferentes pessoas. Queremos, deste modo, apontar que uma mesma pessoa pode usar repertórios distintos, combinando-os em sua fala para atender a as demandas da situação.

Exemplificamos, a seguir, esta dinamicidade no uso dos repertórios com o recorte de um trecho em que a descrição da maternidade refere-se, em um mesmo fragmento de fala, à coexistência de dois repertórios, o “*aprendendo com a maternidade*” e “*maternidade romântica*”.

Renata: E você imaginava que você seria assim como você é agora ou imaginava diferente?

*A: Eu imaginava... ah, diferente do que é agora. Eu imaginava sim. É, não, diferente não, eu imaginava assim... que eu seria assim, né? **Que vai aprendendo, né? Com a vida, né? Vai aprendendo como é que é, né? E a gente vai aprendendo. A pessoa quando é mãe, vai e aprende as coisa, né? Aprende, porque quando eu, eu não era mãe eu tinha medo de pegá nenê dos outros, né? Falava “Ah, será que eu vô sê assim quando eu tivé minha filha, que eu vô sê assim, será que vai sê assim?”. Aí, né? A pessoa, né? Quando nasce a pessoa já sabe. Quando tem filho, a pessoa que é mãe, quando a mulher é mãe ela já sabe. Aprende.** (Amanda)*

Para melhor compreendermos a função do uso destes dois repertórios no trecho anterior, consideramos importante situar um pouco o contexto da conversa que desenvolvíamos momentos antes deste fragmento. Amanda vinha me contando que não

pensava em ser mãe porque tinha muito medo, especialmente do parto e também, nas palavras dela, de “*não sabê cuidá de menino*”. Contava ainda sobre a decisão de engravidar e de como, depois de grávida, começou a se imaginar como mãe. É nesse momento então que pergunto se ela se imaginava tal como era ou se imaginava diferente.

Tal como afirmam Potter e Wetherell (1995, 1996), as mudanças de propósito na fala refletem nas variações do modo como as pessoas descrevem um aspecto particular de seu universo. Assim, compreendemos que a alteração na descrição de Amanda, ilustrada no trecho anterior ocorra de tal forma como uma tentativa de atender às demandas específicas desta situação. Um repertório parece servir de suporte ao outro, se complementando na argumentação de Amanda de que não há necessidade de se temer a maternidade, uma vez que o temor à maternidade por conta dos cuidados com o bebê é superado, ou pela aprendizagem de como lidar com esses cuidados ou pela descoberta em si dos recursos necessários para lidar com eles.

Nesse sentido, o uso na fala de Amanda do repertório “*aprendendo com a maternidade*” (em negrito) tem a função de colocá-la como alguém que está aprendendo a ser mãe e a cuidar da filha durante o exercer de sua maternidade. A mãe nessa descrição é, portanto, uma mãe em aprendizado, situada ao contexto vivido. Algumas expressões utilizadas neste trecho nos auxiliam a ilustrar essa noção, tais como: “*a gente vai aprendendo*”, “*a pessoa quando é mãe*”, “*quando eu, eu não era mãe*”. Em seguida, o uso do repertório “maternidade romântica” (sublinhado) parece ter na fala de Amanda a função de afirmar a existência de uma essência, de um instinto materno, presente em todas as mulheres, que emerge quando inseridas na condição de mães, o que é colocado nas expressões: “*quando nasce (o filho) a pessoa (a mãe) já sabe*”, “*quando a mulher é mãe ela já sabe*”.

Deste modo esses dois repertórios são utilizados de forma combinada e parecem, nesse caso, ter a função de apresentar um repertório como a alternativa de resolução do outro, ou

seja, como se a solução para a questão do não saber ser mãe se desse com a descoberta de que já sabia ser mãe desde que nasceu mulher, revelação esta só ocorrida com o nascimento da filha.

Ao caracterizarmos os quatro repertórios compreendemos que cada repertório constrói uma imagem específica do que seria a boa mãe e assim, entendemos que ao utilizar tais repertórios as participantes procuraram se colocar como boas mães, buscando um lugar confortável e julgamento favorável, bem como serem legitimadas como mães na interação. Além disso, ao usarem estes repertórios, as entrevistadas procuraram se aproximar da imagem de pessoas amorosas, moralmente positivas, responsáveis e esclarecidas. De forma semelhante, tentaram garantir o afastamento de imagens de si como pessoas irresponsáveis, descompromissadas, incapazes, malvadas.

Entendemos que este estudo conseguiu abordar os repertórios de maternidade como descrições utilizadas pelas participantes para justificarem suas versões particulares, validarem suas ações ou comportamentos, evitarem a crítica ou, pelo contrário, conquistarem uma posição confortável na interação. Nesse sentido, consideramos que esta pesquisa nos permitiu além de identificar os repertórios interpretativos, compreender como o uso de cada repertório está relacionado às demandas existentes nas situações específicas, com cada descrição convidando a diferentes lugares tanto para as participantes quanto para a entrevistadora.

7.2. A variabilidade dos repertórios: maternidade e profissão, maternidade e paternidade

Durante o nosso processo de pesquisa e análise, algumas outras questões específicas nos chamaram a atenção, seja por destoarem da literatura pesquisada, seja por suas

particularidades ou ainda pela reflexão que possibilitaram sobre a forma como entendíamos inicialmente alguns aspectos relacionados ao tema deste estudo.

Autores com quem tentamos dialogar na análise realizada neste trabalho (Gill, 2003; Potter & Wetherell, 1987), afirmam que a investigação da variabilidade é tão significativa no processo analítico quanto a avaliação dos lugares e imagens comuns. Nesse sentido, foi buscando apreciar a variabilidade que elegemos as associações entre maternidade e profissão e maternidade e paternidade como temas de reflexão neste ponto de nosso trabalho, visto que estas pareceram ser questões que pareciam destoar e não se encaixar em determinados momentos de nossa análise.

Em relação à associação entre maternidade e profissão, ressaltamos o trabalho de Baptista (1995) – mencionado anteriormente na apresentação das pesquisas relacionadas à temática aqui estudada – no qual a autora afirma a existência de uma tensão entre maternidade e profissão destacando a imposição que a mulher atual enfrenta ao lidar com a questão do trabalho associado à maternidade e tudo o que isso implica.

A partir de nossa análise observamos que a maneira como a relação entre maternidade e profissão constitui-se depende do contexto em que é estabelecida, ou seja, acreditamos que parece mais apropriado, neste estudo, considerarmos a profissão em cada repertório interpretativo de maternidade.

No repertório “*maternidade romântica*” a profissão parece não ter vez. Nesta definição de maternidade parece não haver o mínimo espaço para outros lugares que não o de mãe; sendo, nessas imagens, a “mãe” a descrição identitária da mulher por excelência. Assim, nesse repertório, maternidade e profissão parecem antes dissociadas e deste modo, parece não haver tensão entre as duas.

No repertório “*maternidade medicalizada*” não há qualquer referência à profissão. E as descrições apresentadas de mãe e mulher não nos permitem supor como a profissão poderia ser descrita ou como se estabelece a relação entre maternidade e profissão neste repertório.

A descrição da profissão no repertório “*maternidade exigente*” parece, em alguns momentos, associada aos sentidos de “emancipação” e “independência”, porém quando relacionados aos sentidos que a maternidade parece assumir nesse repertório, como o de responsabilidade e compromisso principal da mulher com o filho, a ocupação do espaço público, seja na forma de investimento educacional ou profissional parece adotar o sentido de “empecilho” e “estorvo” ao bom exercício da maternidade.

Assim, nesse repertório, a relação entre maternidade e profissão parece ser estabelecida de forma tensa em que a maternidade assume um lugar de responsabilidade e investimento hierarquicamente superior ao lugar profissional. Nesse contexto, o impasse ou é amenizado com a renúncia ou adiamento da ocupação profissional, ou é vivido com o sentimento de culpa e angústia por parte da mulher que se coloca em débito como mãe por não se dedicar exclusivamente ao cuidado exigido pelo filho.

A questão da profissão no repertório “*maternidade exigente*” nos permite observar o que Scavone (2001) afirma em seu estudo – o que parece, nesse sentido, dialogar com o estudo de Baptista (1995) – no qual afirma que ao mesmo tempo em que a ocupação do espaço público por parte da mulher passa a ser valorizado é esperado dela a mesma responsabilidade com o filho de tempos anteriores.

No repertório “*aprendendo com a maternidade*” a profissão também assume o sentido de oportunidade de aprendizado, momento específico em que a mãe pode aprender a ser mãe sendo profissional e a ser profissional agora que é mãe. Deste modo, este repertório constitui a profissão como uma oportunidade, ao ocupar estes outros lugares que não o de mãe, para aprender a conciliar seus interesses como mãe e seus interesses pessoais e profissionais.

Não pretendemos com este estudo, de caráter qualitativo, generalizar as impressões alcançadas em alguns grupos para outros grupos de mães e mulheres, ainda que acreditemos que as descrições de profissão identificadas em cada repertório de maternidade possam ser descrições possíveis em outros contextos. Entendemos, antes, que problematizar os modos com que maternidade e profissão estabelecem relações pode possibilitar a criação de espaços de reflexão e diálogo, contribuindo para a produção de descrições mais confortáveis às mulheres, uma vez que em muitos contextos maternidade e profissão parecem ser assumidos como interesses opostos.

Compreendemos ainda que considerar maternidade e profissão como pólos contrários contribui, neste sentido, para a desfavorável criação de concorrência entre eles, assim como favorece o surgimento de sentimentos de culpa, angústia e perda, qualquer que seja o lugar privilegiado.

Outra questão que parecia não se encaixar em nossa análise refere-se às descrições de paternidade nos repertórios de maternidade identificados. Antes de prosseguirmos, consideramos importante, porém, ressaltar que não tivemos inicialmente o objetivo de refletir sobre os lugares atribuídos ao homem, e, por esse motivo, não houve em nosso roteiro perguntas específicas que referissem às descrições sobre o marido e o pai. Entretanto, as imagens sobre o companheiro e o pai presentes em determinados momentos das entrevistas surgiram como convite para investigação sobre que pai essas imagens descreviam e assim, nesses contextos, perguntamos sobre o pai e o companheiro.

Avaliando essas descrições e os momentos em que elas surgem, observamos que em determinados repertórios de maternidade não há referência à figura do pai, como é o caso do repertório “*maternidade romântica*” e “*maternidade medicalizada*”. Nos outros dois, “*maternidade exigente*” e “*aprendendo com a maternidade*” a descrição refere-se ao lugar do companheiro, do marido e pouco se fala da participação do pai.

No repertório “*maternidade exigente*” o homem é colocado, em alguns momentos, como o provedor e como figura de autoridade. Nesses termos, entendemos que ao pai parece ser reservado um lugar de menor importância no que diz respeito à relação com o filho. O pai e companheiro são descritos como alguém que “ajuda” nos afazeres domésticos e nos cuidados com o filho, mas que não compartilha com a mulher, que não participa igualmente a responsabilidade que o filho demanda.

A divisão desigual das responsabilidades aparece descrita na literatura (Martins, 2005), na qual as concepções naturalistas e a normatização médica – em que se inclui também a Psicologia – exerceram influência e privilegiaram a relação da mãe com o bebê, bem como atribuíram a ela características mais favoráveis ao cuidado com a criança.

Entretanto, embora colocar-se como a maior responsável na relação com a criança, como o que ocorre no repertório “*maternidade exigente*”, possa prejudicar a ocupação de outros lugares por parte da mulher, esta descrição parece conferir a ela uma importância e status superior ao que é atribuído ao homem e às mulheres que não têm filhos. A ocupação desse lugar depende não somente dos sentidos construídos ao longo de nossa história, mas também da participação ativa da mulher que, como parte constituinte desse processo, possibilita à sua narrativa.

O repertório “*maternidade exigente*” também descreve, em outros momentos, o pai presente, o pai carinhoso, o homem desejoso pela paternidade; entretanto, a figura do pai parece ser permitida pela mãe. Além de ser ela quem consente que ele exerça esse lugar, parece ser ela também quem o escolhe e lhe garante a paternidade.

Ao utilizar o repertório “*aprendendo com a maternidade*” as participantes falam especialmente do companheiro quando descrevem as mudanças que a maternidade trouxe para o relacionamento conjugal. Há pouca referência ao pai nesse repertório, sendo ele

mencionado como alguém que também está aprendendo, sobretudo, sobre os cuidados com o filho.

A análise das descrições de profissão e paternidade em cada repertório de maternidade nos leva a compreender como mulheres e homens podem ser colocados tanto como oprimidos quanto como opressores e assim, do mesmo modo que algumas descrições geram vitimização, desempoderamento e exclusão das mães, algumas imagens servem também para engrandecê-las e diminuir e estigmatizar os homens e as mulheres que não são mães.

7.3. Repensando a maternidade a partir do conceito de Repertórios Interpretativos

Propomos nesse momento de nosso trabalho retomar o conceito de repertórios interpretativos de Potter e Wetherell (1987, 1995, 1996) buscando avaliar nosso objetivo inicial de identificar e compreender os repertórios interpretativos construídos sobre o período inicial da maternidade em entrevistas com mulheres que vivenciam esta experiência.

Para esses autores, os repertórios interpretativos são o conjunto de termos, metáforas e imagens comuns que as pessoas utilizam para construir versões das ações e eventos. Nesse sentido, são as unidades de constituição dos discursos e demarcam o rol de possibilidades das construções discursivas, sendo originadas na comunidade lingüística em que somos socializados e transmitidos em nossas relações.

Considerando tal definição, acreditamos que, ao investigarmos as descrições sobre o ser mãe e ser mulher, conseguimos ilustrar a utilidade de tal conceito em nossa análise. Entretanto, indagar sobre o processo, a dialogia e as funções envolvidas na produção dessas descrições constituiu o grande desafio nesta pesquisa, o que em parte atribuímos ao recurso metodológico adotado, as entrevistas individuais semi-estruturadas. Embora adotar tal ferramenta tenha permitido à pesquisadora explorar questões conforme fossem surgindo na

conversa; as condições na qual foi utilizada – na residência das participantes que na maioria das vezes contava com a presença de outras pessoas e das crianças, a preocupação com a questão do tempo, o desejo de criar espaço para as questões inicialmente propostas – limitaram de certa forma, mas não impediram, que novas aberturas fossem criadas, que múltiplos posicionamentos fossem assumidos, dificultando a criação desses espaços dialógicos.

Por esse motivo, consideramos que a realização de estudos qualitativos sobre a temática aqui abordada utilizando outros recursos metodológicos, como os grupos, grupos focais ou combinando essas ou outras ferramentas podem contribuir teórica e socialmente de maneira significativa ao propiciarem espaços para a negociação dos sentidos construídos e para a discussão das questões envolvidas nesse processo.

Como contribuição do conceito dos repertórios para o estudo da maternidade, destacamos a possibilidade que esta pesquisa nos trouxe de compreendermos não uma, mas quatro descrições de maternidade com suas específicas características e funções. Nesse sentido, ao descrevermos diferentes tipos de mães e mulheres associadas a cada contexto, acreditamos ter alertado para os diversos tipos de maternidade, bem como para o problema de se pensar a maternidade e a mulher como únicos. Entendemos que regular a sociedade a partir de uma única descrição de maternidade cria a expectativa de um modelo a ser seguido firmemente demarcado, restringindo as possibilidades de ser mãe, de ser mulher, de ser como pessoa.

Consideramos também que este estudo nos permitiu observar uma das propriedades dos repertórios destacada por Potter e Wetherell (1987), de que os repertórios não são construídos como entidades intrinsecamente conectadas a grupos sociais. Tal como ressaltavam os autores, observamos que os repertórios, como recursos disponíveis às

participantes, foram utilizados dependendo da função que assumiam e das filiações que as participantes realizavam.

Embora tenhamos assumido que nossa análise dos repertórios esteve baseada em certas tendências e incidências de uso em uma apresentação didática – organização esta que não nos impediu de visualizar o caráter dinâmico dos repertórios, ou seja, o quanto o seu uso é adequado às necessidades conversacionais de cada situação – acreditamos que esta pesquisa nos permitiu ainda observar a força retórica que alguns repertórios possuem, o que Potter e Wetherell (1987) já haviam antecipado como fenômeno possível dada a distribuição hierárquica e desigual da sociedade.

A partir de nosso estudo, compreendemos que os repertórios interpretativos “*maternidade romântica*” e “*maternidade exigente*” têm contornos mais demarcados propiciando uma retórica na qual a descrição parece sempre muito clara. Nos outros dois repertórios, “*maternidade medicalizada*” e “*aprendendo com a maternidade*” os contornos parecem não ser tão claros.

Acreditamos que este estudo ao propor refletir sobre os sentidos de maternidade possibilita espaço para questionamento das descrições hegemônicas presentes nos repertórios interpretativos identificados e tal como esperam esses autores, ponderação sobre esses sentidos cristalizados, bem como espaço para que outras descrições possam ser retoricamente enriquecidas.

Deste modo, acreditamos que analisar a maternidade a partir dos repertórios interpretativos destaca a importância dos profissionais – médicos, enfermeiros, psicólogos, educadores, pesquisadores – bem como da sociedade, de forma geral, serem sensíveis aos repertórios interpretativos disponíveis socialmente os quais ampliam ou limitam as possibilidades de sentido sobre a maternidade, assim como muitas vezes servem para

sustentar discursos e práticas opressivas para as pessoas, homens e mulheres, mães e não mães.

7.4. Mulheres, psicólogas e pesquisadoras: implicações metodológicas da participação na pesquisa

Reservamos para este tópico a discussão de uma questão que consideramos importante: as mulheres implicadas nas participantes, bem como as mulheres, psicólogas e pesquisadoras implicadas na investigação desta temática. Tendo este objetivo reflexivo, a discussão passa daqui em diante a ser realizada em primeira pessoa do singular.

Quando situo no parágrafo anterior “as mulheres, psicólogas e pesquisadoras” estou reconhecendo e explicitando que não fui uma única mulher, psicóloga e pesquisadora no processo de investigação. Assim como as minhas perguntas e impressões mudavam, os lugares discursivamente ocupados por mim e pelas participantes também iam sofrendo modificações. Neste sentido, acredito que o meu envolvimento influenciou não apenas as posturas/falas/descrições que iam sendo adotadas, como as compreensões que foram sendo constituídas como texto nesta pesquisa.

Reconheço, portanto, que as respostas poderiam ser diferentes se outras fossem também as perguntas; o que não é assumido aqui como problema, mas como característica desta abordagem qualitativa em que se assume o caráter situado e particular da produção de sentidos. Assim, reconhecer-se implicada leva a um constante exercício de reflexão sobre si mesma e sobre suas motivações.

Quando iniciei o estudo com esta temática eu tinha pouco mais de um ano de casada, finalizava a graduação e, apesar da curiosidade dos parentes e amigos, os filhos pareciam ser um investimento futuro ainda distante. No decorrer da pesquisa percebi que ora ficava mais

distante, ora parecia estar mais próximo. E às minhas inquietações com as descrições de caráter previsível e universalizante somaram-se outras ou foram em alguns momentos subtraídas, conforme o sentido que iam adquirindo para mim.

Assim, o diálogo entre tantas vozes intensificou-se e pude ouvir as muitas mulheres em mim: a profissional, a realizada sem filhos, a encantada por bebês, a feminista, a antifeminista... Psicólogas diferentes também se anunciaram. Em alguns momentos, questioneei a produção de algumas descrições psicológicas que responsabilizam e culpabilizam a mãe. Em outros, ponderei as questões de saúde da mulher com as questões de cuidado e desenvolvimento da criança; e em outros momentos minha inserção trouxe a psicologia social, buscando compreender os sentidos em seus contextos de criação.

Os repertórios por mim utilizados também variaram. Percebi-me utilizando cada um deles em momentos específicos da entrevista ou da reflexão. E compreendo que minha postura como mulher e psicóloga convidou também a descrições de maternidade específicas no contexto das entrevistas. Em alguns momentos, fui posicionada como mulher sem filhos, como profissional da saúde, como profissional interessada nas relações da mãe e do bebê, como mulher e profissional independente. E para cada imagem de mim, diferentes convites surgiram tanto em relação a ser mãe quanto em não sê-lo.

Realizar esta pesquisa tentando considerar os sentidos, as falas, posturas e posicionamentos em seus contextos de criação permitiu que compreendêssemos o uso que as participantes faziam de determinados repertórios em momentos específicos. Em nossa conversa, embora Andréia tenha utilizado de todos os repertórios para descrever a maternidade, ela constantemente alternava entre o repertório “*maternidade romântica*” e “*maternidade medicalizada*”, alternância que parecia ser gerada pelas demandas do contexto conversacional. Durante a entrevista, por diversas vezes Andréia trouxe a voz de uma psicóloga, madrinha de sua filha, e, em grande parte de nossa conversa, eu parecia também ser

discursivamente posicionada nesse lugar, o de psicóloga. Ocupar esse lugar parecia convidar as descrições da amamentação e maternidade como relação de afeto e comunicação entre mãe e filho, quando Andréia tentava colocar-se como mãe realizada, completa e feliz com a maternidade. Em outros momentos, esse lugar de psicóloga por mim ocupado parecia convidar Andréia a descrever a maternidade em termos de saúde e risco. Essa descrição parecia ser demandada pela tentativa de se colocar como uma mãe responsável e cuidadosa com o desenvolvimento físico e psicológico da filha.

Quando usado o repertório “*maternidade romântica*”, tipicamente, fui posicionada como a mulher sem filhos; e ser colocada de tal forma parecia convidar a uma imagem de mim como incompleta, o que parece ter favorecido a descrição das participantes de que a maternidade é um fenômeno mágico, pleno, incomparável. Se por um lado essas descrições pareciam me convidar a ser mãe, pela possibilidade de compreender esses sentimentos singulares, por outro, o status privilegiado concedido às mulheres por serem mães, parecia me incomodar, pela universalidade que prescrevia e pelo poder que concedia à condição da “natureza feminina”.

Durante o uso do repertório “*maternidade medicalizada*” fui, em muitos momentos, discursivamente posicionada como profissional da saúde e como psicóloga, o que parece ter convidado as mães a se descreverem como pessoas empenhadas em minimizar os riscos a que seus filhos estavam expostos. Essa descrição convidou-me a refletir sobre o uso que as pessoas fazem dos conhecimentos produzidos pela ciência e – refletindo especialmente sobre o meu lugar profissional – sobre o uso das teorias psicológicas a respeito do desenvolvimento infantil e da relação entre a mãe e o bebê. Pude, a partir dessas descrições, ponderar que nós – estudiosos e profissionais – produzimos determinados conhecimentos visando promover avanços na saúde, na qualidade de vida e no bem-estar das pessoas. Entretanto, muitas vezes, essas produções geram a normatização de comportamentos e práticas, constituindo ideais de

“certo” e “errado”, possibilitando espaço, por sua vez, para o surgimento de sentimentos de ansiedade, culpa e angústia, condições estas que parecem se chocar com o que buscamos promover com nossos estudos.

Nas vezes em que era usado o repertório “*maternidade exigente*” também fui posicionada como mulher sem filhos, mas essa posição parece ter convidado a uma imagem de mim como mulher e profissional independente que, livre das exigências da maternidade, podia antes se dedicar ao desenvolvimento da carreira e à conquista da estabilidade financeira. As prescrições, tão demarcadas neste repertório, levaram-me a refletir sobre como e quanto pode ser difícil ser mãe. Embora as descrições no repertório “*maternidade exigente*” não me desmotivassem por completo da questão de ser mãe, elas pareciam me convidar a um constante adiamento da maternidade, em que o ser mãe parecia sempre ser deixado para depois, momento este que eu parecia estar mais disponível.

No uso do repertório “*aprendendo com a maternidade*”, assim como seus contornos, as posições discursivamente ocupadas por mim pareciam não ser tão claras. Em alguns momentos, eu parecia – por não ter filhos – ser posicionada como alguém inexperiente, o que parecia gerar na conversa a tentativa por parte das participantes em me tranquilizar a respeito das questões da maternidade e cuidados com a criança, colocados nesta descrição como possíveis de serem aprendidos. As descrições nesse repertório pareciam gerar um lugar confortável para mim em relação à maternidade, especialmente, pela ampliação nas descrições de si que este repertório parecia conceder às mães.

Em relação à participação das mulheres nesse estudo, avaliamos uma questão que muito se fala na literatura (Felice, 2000; Schwengber & Piccinini, 2005; Stasevskas, 1999; Stefanello, 2005) sobre a vulnerabilidade emocional e orgânica da mãe nos primeiros anos do pós-parto e da incidência de depressão relacionada a esse período. Compreendemos, entretanto, que muitos outros fatores parecem associados à maneira como são manejadas as

demandas desse momento, como, por exemplo, o apoio familiar, a participação do marido no cuidado com a criança, os sentidos que cada mulher confere as situações vivenciadas e como lida com elas. Vemos assim que a construção social de sentidos sobre a maternidade influencia a maneira como as mães – como também as que não são mães – lidam com esse fenômeno, podendo interferir de forma positiva ou negativa, dependendo dos sentidos que são atribuídos a esse evento.

Acreditamos que esta pesquisa conseguiu se constituir como espaço de reflexão, (re)posicionamentos e (re)construções sobre a maternidade e sobre o próprio exercício do ser mãe, o que Márcia explicita em sua fala ao responder como teria sido a nossa conversa: *“Eu achei assim, importante, porque tem pergunta que eu nunca nem pensei...”*, importância que Andréia tenta justificar ao dizer: *“Às vezes essas questões assim, não são tão conversadas, então muito pouca pessoa tem tempo de ouvir”*. Consideramos que incentivar a reflexão sobre os sentidos de maternidade constitui um investimento imprescindível para a (re)construção de descrições alternativas sobre o ser mãe e o ser mulher, assim como contribui para ampliar as possibilidades na vivência desse fenômeno.

Deste modo, eleger a maternidade e o exercício da mãe como tema de conversa parece assumir importância ao possibilitar abertura para cogitar e expressar questões antes não consideradas, para falar de si como mãe e como pessoa e para (re)pensar a experiência de ser mãe, o que Karla coloca ao dizer: *“foi legal falar assim, porque igual assim, parente esses trem nunca pergunta “ah, como que cê tá? Como que tá a experiência de ser mãe assim?” e completa : Então foi uma experiência boa, eu gostei, de, de, de falar o que eu sinto, sabe?”*

Assim, uma impressão significativa neste trabalho se refere ao reconhecimento de que dar voz às participantes criou espaços para descrições e descobertas de si como mãe e pessoa. Cecília, ao dizer que foi bom ter essa conversa sobre maternidade, justifica que *“Foi boa porque eu pude fala um pouco de mim, né?”*. Karla justifica que *“Foi um, um, um assim, um*

momento de eu expor, né, o que eu sinto, de como, de, de falar também do meu filho, da experiência de como foi tê-lo e tal”.

A constante negociação de posturas e sentidos presente nesta pesquisa parece-me coerente com o objetivo da mesma, que por meio da tentativa de descrever a maternidade pretendia criar espaço para reflexão a respeito do ser mãe, do ser mulher, buscando contribuir também para uma visão mais abrangente dessas questões, possibilitando espaço ainda para a construção de novos sentidos.

Dessa forma, compreendo que as minhas diversas inserções neste estudo, como psicóloga, mulher e pesquisadora, vislumbraram a possibilidade de convidar a novas aberturas e investigações sobre a maternidade. Espero que este trabalho possa contribuir como incentivo às reflexões sobre a formação profissional do psicólogo, na qual possam ser considerados os repertórios que têm sido promovidos pela Psicologia e as funções que eles assumem, como contribua para práticas profissionais mais sensíveis aos sentidos disponíveis, nas quais possa se abrir espaço para refletir sobre que repertórios de maternidade têm sido sustentados, permitidos ou impedidos nesses contextos.

Finalmente, desejamos que as discussões aqui realizadas sejam somadas aos demais estudos realizados e que possam assim, constituir-se como um convite para se questionar: como a maternidade tem sido socialmente apresentada? Como que se regula a sociedade a partir dessas descrições? Que imagens de homem e mulher estão presentes nessas descrições? Que repertórios a mídia tem utilizado para descrever a maternidade? Com que funções eles são utilizados? Que descrições esses repertórios sustentam, permitem ou impedem em suas utilizações?

Questões que podem levar a novas questões...

8. Referências

- Ariès, P. (1981). **História Social da Criança e da Família**. (2ed). Rio de Janeiro: Zahar.
- Badinter, E. (1985). **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baptista, S. M. S. (1995). **Maternidade e Profissão**: oportunidades de desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bowlby, J. (1995). **Cuidados maternos e saúde mental**. (5ed). São Paulo: Martins Fontes.
- Burns, M & Gavey, N. (2004). 'Healthy weight' at what cost? 'Bulimia' and a discourse of weight control. **Journal of Health Psychology**, 9(4), 549-565.
- Chodorow, N. (1990). **Psicanálise da Maternidade**: Uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Costa, J. F. (1989). **Ordem médica e norma familiar**. (3ed). Rio de Janeiro: Graal
- Del Priore, M. (1993) **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympo.
- Del Priore, M. (2000). **Mulheres no Brasil colonial**. São Paulo: Editora Contexto.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2006). A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Ed.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, p. 15- 41.
- Dias, A.C.G. & Lopes, R.C.S. (2003). Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 8, no. spe, 63-73.
- Donzelot, J. (1986). **A Polícia das Famílias**. (2ed). Rio de Janeiro: Graal.
- Felice, E.M.D. (2000). **A psicodinâmica do puerpério**. São Paulo: Vetor.
- Ferreira, E. A., Vargas, I. M. A. & Rocha, S. M. M. (1998). Um estudo bibliográfico sobre o apego mãe e filho: bases para a assistência de enfermagem pediátrica e neonatal. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 4, p. 111-116.
- Fidalgo, L. (2003). **(Re)construir a maternidade numa perspectiva discursiva**. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. **American Psychologist**, 40, 266-275.

Gergen, K. J. (1996). **Realidades Y Relaciones: Aproximaciones a la construcción social**. Barcelona: Paidós.

Gergen, K. J. & Gergen, M. M. (2006). Investigação qualitativa: tensões e transformações. In: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, p. 367-388.

Gill, R. (2003). Análise de Discurso. In: M. W. Bauer & G. Gaskell (Ed). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, p. 244-270.

Grandesso, M. (2000). **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Grant, W. H. (2001). A maternidade, o trabalho e a mulher. **Anais do III Colóquio do LEPSI**. São Paulo: Lugar de Vida - IPUSP, p. 72-78.

Guanaes, C. & Japur, M. (2003). Construcionismo social e metapsicologia: um diálogo sobre o conceito de self. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 19(2), 135-146.

Ibáñez, T. (2004). O giro lingüístico. In: L. Iñiguez (Org). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis: Vozes, p. 19-49.

Inácio Filho, G. & Silva, M. P. (2004). Mulher e educação católica no Brasil (1889-1930): do lar para a escola ou a escola do lar? **Revista Histedbr On Line**, Campinas: Unicamp, v. 15, p. 01-15.

Iñiguez, L. (2004). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis: Vozes.

Martins, A. P. V. (2005). História da maternidade no Brasil: Arquivos, Fontes e Possibilidades de Análise. **XXIII Simpósio Nacional de História**. Recuperado em 28 Nov. 2007, da www.anpuh.uepg.br/xxiii-ssimposio/anais/textos/ANA%20PAULA%20VOSNE%20MARTINS.pdf.

Minayo, M. C. de S. (1994). **O Desafio do Conhecimento**. Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco.

Moura, S. M. S. R. & Araújo, M. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicol. cienc. prof**, vol.24, no.1, p.44-55.

Nogueira, C. (2001). Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, 112. Recuperado em 19 Jun. 2006, da www.scielo.br/pdf/cp/n112/16105.pdf.

Nogueira, C. (2002) A análise do discurso. In: L. Almeida & E. Fernandes (Ed), **Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação**. Braga: CEEP.

Oliveira, A. F. & Pelloso, S. M. (2004). Paradoxos e conflitos frente ao direito de ser mulher. **Acta Scientiarum: Health Sciences**, Maringá, 26(2). Recuperado em 26 Jun. 2006, da: www.ppg.uem.br.

Oliveira, M. C. & Marcondes, G. S. (2004). Contabilizando perdas e ganhos: maternidade, trabalho e conjugalidade no pós-feminismo. **Anais do XIV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP)**. Recuperado em 29 Ago. 2008, da: www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_503.pdf.

Potter, J. (1996). Discourse Analysis and Constructionist Approaches: Theoretical Background. In: J. Richarson, **Handbook of qualitative research methods for psychology and the social sciences**. Leicester: BPS Books.

Potter, J. & Wetherell, M. (1987). **Discourse and social psychology**. London: Sage Publications.

Potter, J. & Wetherell, M. (1995). Discourse Analysis. In: J. A. Smith, R. Harré & L. V. Langenhove (Ed). **Rethinking Methods in Psychology**. London: Sage, p. 80-93.

Probst, E. R. (2005) A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Instituto Catarinense de Pós-Graduação**. Recuperado em 15 Dez. 2007, da: www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf.

Rasera, E. F. (2004). **Grupo como construção social**: aproximações entre o construcionismo social e a terapia de grupo. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Rasera, E. F. & Japur, M. (2001). Contribuições do Pensamento Construcionista para o Estudo da Prática Grupal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, 14(1), 201-209.

Rasera, E. F. & Japur, M. (2005). Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a Psicologia. **Paidéia**, 15, 21-29.

Rasera, E. F. & Japur, M. (2007). **Grupo como construção social**. São Paulo: Vetor.

Rocha-Coutinho, M. L. (2001). Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades. **Psicologia Clínica Pós-Graduação e Pesquisa**, Rio de Janeiro, 12(2). Recuperado em 19 Jun. 2007, da: www.puc-rio.br.

Rodrigues, J. M. & Marques, E. C. R. (2007) O Civilizar da Mulher na História da Educação. **IV Congresso de Letras, Linguagem e Cultura**: Múltiplos Olhares. Recuperado em 29 Dez. 2007, da: www.bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec03/article/viewFile/310/386.

Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Revista Interfaces**, Botucatu, v. 5, n. 8, p. 47-69.

Scavone, L. (2004). **Dar a vida e cuidar da vida**: feminismo e ciências sociais. São Paulo: UNESP.

Schiffrin, D. (1987). **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University.

Schwengber, D. D. S. & Piccinini, C. A. (2005). A experiência da maternidade no contexto da depressão materna no final do primeiro ano de vida do bebê. **Estudos de psicologia**, Campinas, 22(2), 143-156.

Shotter, J. (1989). Social accountability and the social construction of "you". In: Shotter, J. & Gergen, K. J. (Eds.), **Texts of identity**. London: Sage Publications.

Silvestre, C. M. F. (2001). Família e trabalho como valores: o imaginário de mulheres jovens sobre sucesso profissional e maternidade. **7º Encontro Nacional de Estudos do Trabalho**. Recuperado em 29 Ago 2008, da: www.educacaonacional.com.br/include/download.php?arquivo=/home/educacaonacional.com.br/www/arquivos/biblioteca/2430/RNE01162.pdf.

Smith, J. A. (1995). Semi-Structured Interviewing and Qualitative Analysis. In: J. A. Smith, J. A. & Harré, R.; Langenhove, L. V. (Eds.). **Rethinking Methods in Psychology**. London: Sage, p.09-26

Spink, M. J. P. (1999). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez.

Spink, M. J. P. (2004). **Linguagem e Produção de Sentidos no Cotidiano**. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Spink, M. J. P., Medrado, B. & Mello, R. P. (2002). Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na Mídia. **Psicol. Reflex. Crít.**, Porto Alegre, v.15, n.1, p.151-64.

Stasevskas, K. O. (1999). **Ser mãe: narrativas de hoje**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Stefanello, J. (2005). **A vivência do cuidado no puerpério: as mulheres construindo-se como mães**. Dissertação de Mestrado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Szapiro, A. M. & Feres-Carneiro, T. (2002). Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, 15(1), 179-188.

Wetherell, M. (1998). Positioning and interpretative repertoires: Conversation analysis and post-structuralism in dialogue. **Discourse & Society**, 9(3), p.387-412.

Winnicott, D. W. (1982). **Textos Selecionados: da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Winnicott, D. W. (1988). **Os Bebês e Suas Mães**. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1990). **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. (3 ed). Porto Alegre: Artes Médicas.

APÊNDICES

Apêndice 1: Características socioculturais das participantes

Participante	Idade	Escolaridade	Ocupação atual	Estado Civil	Religião	Número de filhos	Idade do(s) filho (s)
Adriana	22	Ensino médio completo	Do lar	Casada	Católica	1	9 meses
Amanda	27	Ensino médio incompleto	Do lar	Amasiada	Católica	1	6 meses
Ana Luíza	23	Ensino médio completo	Caixa de padaria	Amasiada	Católica	1	10 meses
Andréia	29	Superior incompleto (cursando)	Professora	Casada	Espírita	1	2 anos
Cecília	36	Ensino médio completo	Desempregada	Amasiada	Católica	2	14 anos, 6 meses
Janaina	22	Ensino médio completo	Desempregada	Casada	Espírita	1	6 meses
Karla	20	Superior incompleto (interrompido)	Licença maternidade (Auxiliar de escritório)	Separada	Evangélica	1	4 meses
Kelly	32	Ensino fundamental completo	Do lar	Separada	Evangélica	3	13 anos, 4 anos, 9 meses.

Laura	21	Ensino Fundamental (cursando)	Desempregada	Amasiada	Católica	1	1 ano e 5 meses
Luana	18	Ensino fundamental completo	Do lar	Amasiada	Católica	1	6 meses
Márcia	33	Ensino médio completo	Desempregada	Casada	Católica	2	8 anos, 1 ano e 11 meses.
Raquel	29	Superior incompleto (interrompido)	Desempregada	Solteira	Católica	2	7 meses; 7 meses.

Apêndice 2: Roteiro das entrevistas semi-estruturadas

1. Vamos conversar um pouco sobre ser mãe. Que coisas você gostaria de falar sobre esse assunto?
2. Eu gostaria que você me contasse como é a história da maternidade na sua família.
3. Há diferenças entre o seu jeito de ser mãe, o da sua mãe, e da sua avó? Quais?
4. Quando você era criança, você pensava que um dia seria mãe? Como imaginava que seria ao ser mãe?
5. Como foi o caminho percorrido na sua maternidade?
6. Eu gostaria que me contasse um momento marcante para você com seu filho.
7. O que te marcou nesse momento?
8. O que você descobriu sobre você nesse momento?
9. Em que outros momentos da sua vida essas características também estão presentes? Quais?
10. Você imagina outras situações em que essas características podem ser úteis? Quais?
11. Houve alguma situação que como mãe você sentiu-se em dificuldade? Como se sentiu?
12. Que cuidados tem com você mesma como mãe? (Onde você aprendeu sobre esses cuidados? Quem te orientou? Por quê?)
13. Eu gostaria que me falasse de três pessoas importantes na sua vida.
14. Como cada uma dessas pessoas diria o que é ser mãe? O que você acha disso? Em que aspectos pensa de forma semelhante? E de forma diferente?
15. Se fosse para você contar para uma mulher da sua idade, o que é ser mãe, que coisas você falaria?
16. Se você se imaginasse daqui a um ano o que acha que seria ser uma mãe para você?
17. Se você pudesse mudar o papel de mãe o que você mudaria?
18. Há alguma coisa que eu não perguntei que você acha importante que eu saiba?

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Iniciais: _____.

Data de nascimento: ____/____/____. Local: _____.

Escolaridade: _____.
Profissão: _____.
Estado Civil: _____.
Número de filhos: _____.
Idade dos (das) filhos (as): _____.
Religião: _____

Renda familiar:

- ___ até um salário mínimo
- ___ de um a dois salários mínimos
- ___ de dois a quatro salários mínimos
- ___ de quatro a seis salários mínimos
- ___ mais de seis salários mínimos.

Apêndice 3: Transcrição de uma entrevista na íntegra

“KARLA”

(Chego na residência de Karla e é ela quem me recebe. Me convida para entrar e então nos sentamos na sala. Lemos juntas o termo de consentimento e então ela assina. Ligo o mp3 e iniciamos a nossa conversa.)

R: Então nós vamos conversar um pouquinho sobre ser mãe. Que coisas que você gostaria de me falar sobre esse assunto?

K: Bom, assim pra mim tá sendo uma experiência nova, porque eu não tinha relação com menino nenhuma assim, porque meu irmão é grande então não tinha relação com menino não, então pra mim tá sendo uma experiência nova assim, diferente também porque eu não tenho costume né e agora é tudo novo pra mim então tá sendo é diferente assim, ainda mais pela pouca idade que eu tenho.

R: Que idade que você tem?

K: Eu completei esse ano 20.

R: Aham. E o que você acha que está sendo diferente agora?

K: Porque tudo é em torno dele agora, minha vida em si tudo é em torno, agora eu preciso, é... eu não penso mais em mim da forma que eu pensava porque eu tenho que pensar nele, é... se eu vou lá embaixo comprar alguma coisa antes eu comprava pra mim hoje eu penso em comprar pra ele. Então é isso que tá mudando, né, na minha vida, tudo agora gira em torno dele não só de mim.

R: Tem mais alguma coisa que você pense assim quando eu falo ser mãe, alguma coisa que você queira conversar sobre isso?

K: Ah, eu acho assim, porque não era, eu não tava pensando em ser mãe, eu ainda não digeri essa palavra mãe, sabe, é, foi, veio assim de repente, eu não tava esperando, eu tava com um relacionamento, eu tava casada há um, já tinha dois anos, então eu não pensava em ser mãe, foi até então, eu engravidei foi a questão do relacionamento acabar, então pra mim esse ser mãe foi meio constrangedor assim.

R: E como que você lidou com isso, com essa gravidez não tão esperada, com esse relacionamento que acabou?

K: Nossa, no começo é, foi complicado um pouco pra mim, eu, foi meio com revolta sabe, que eu tive a gravidez assim, eu não, até os sete meses, até os seis meses eu não aceitei não o filho, sabe, eu não queria, não queria, não queria, não queria, mas até então eu não tentei nada, aborto esses trem eu não tentei não, nem passou pela minha cabeça, mas a revolta veio assim que eu não queria, que eu não, eu não, acho que eu não saberia dar conta de cuidar dele sozinho sem a ajuda do pai, sabe, mas... no começo foi difícil; aí no sétimo mês que eu ainda tava lá minha casa, aí eu, a minha mãe, eu tava, eu comecei a tomar remédio para segurar ele porque eu tava entrando trabalho de parto, foi que, aqui em casa que a minha mãe começou a conversar comigo falar que ‘não era desse jeito’, que ‘ele ia ser uma alegria na minha vida’, que ‘ia dar outro rumo’, que eu comecei a aceitar sabe, hoje em dia eu já aceito tranquila ele, amo demais, só que no começo foi difícil pra mim aceitar.

R: Você tava me contando que você ficou casada dois anos, né? Com quantos meses você estava de gravidez quando seu relacionamento acabou?

K: Com quatro. Eu tava entrando no quarto mês. Foi assim... é, a gente sabe, assim eu já sabia, eu e meu ex-marido a gente já sabia que eu tava, poderia estar grávida, mas ainda ficou naquela dúvida, ah, talvez é um cisto, alguma coisa assim, sabe, mas a gente já tinha noção de que isso poderia ser uma gravidez, aí quando eu fiz o exame, aí eu fiz o exame de

sangue deu, mas aí a gente aí ficou em dúvida, aí eu fiz o ultra-som, aí constatou direitinho né, aí demorou, depois que eu fiz ultra-som demorou duas semanas pra acabar, ele sair de casa... demorou mais duas semanas.

R: Aham. E como que você lidou com isso assim? Que coisas que você pensou na época? O que, como você se sentiu?

K: Assim, é, é, eu me senti como se fosse, um tipo de abandono, né, porque eu penso assim na hora que eu mais precisei ele virou as costas pra mim porque não foi só eu que fiz o filho então, à princípio eu não aceitei muito não, sabe? Não aceitei a situação também não, eu ligava pra voltar e tal, foi com o tempo mesmo assim que eu fiquei em casa, que eu fiquei, é, depois que ele saiu eu fiquei uns, mais três meses em casa. Então foi com o tempo que eu digeri também, né, porque, ah, eu acho, eu acho, assim eu achava complicado, né, gerar uma gravidez em si sem a presença do pai ou do marido, né? Assim, eu achava, eu achava difícil.

R: E o que, que você achava difícil assim nessa ausência do pai?

K: Assim, não é nem pelo lado financeiro, eu acho que é mais pelo emocional sabe, porque era a minha primeira experiência e eu não tava, é, assim conseguia lidar com isso né, porque da mesma forma que eu acho que ele não queria, eu também não. Então foi, eu pensava assim nossa, na hora que eu tô precisando, que, né, que pra mim é tudo novo ele virou as costas, então foi nesse ponto, nessa, nesse ponto aí que mais me pegou mais, foi o abandono mesmo, sabe, foi difícil, pra mim foi difícil, agora eu já superei, mas no começo foi, foi sofrido, eu sofri muito com isso.

R: Aham, e hoje em dia, como que, ele vem ver o filho? Vocês têm algum tipo de relacionamento ou não?

K: Não, hoje em dia acabou, assim eu e ele acabou mesmo, mas ele vem ver o filho, não com frequência, vem, por exemplo, se eu ligo pra ele e falo assim “ou vem cá ver o, o” – ele chama Lucas – “vem cá ver o Lucas tal”, aí ele vem, mas se eu não ligar ele não vem não ele não, tipo assim ele não vem de vontade própria, sabe, eu que tenho que ficar estimulando ele, de vontade própria ele não vem não, fala assim, ah, sem eu ligar nem nada ele não vem ver o menino, eu que tenho que ficar ligando pra ele vir se não ele não vem não.

R: Aham. Eu gostaria que você me contasse um pouquinho agora como que é a história da maternidade na sua família.

K: Como assim, você fala?

R: Vamos pensar um pouquinho assim nas mulheres da sua família...

K: Se teve nenê?

R: Se elas tiveram nenê, como é que a história delas com a criança, em relação à maternidade...

K: Bom assim, a minha família não tem assim casos recentes, tem é, igual o meu caso, da minha idade, vinte anos já, e elas já tavam mais velhas, mas vô, vou dar um exemplo de uma prima minha que ela também teve filho, hoje em dia tá com 28 anos mas ela teve com a minha idade, 18. Então... assim ela era, ela se pegou muito ao filho, porque é igual eu te falei, a vida dela é até hoje só é em volta do filho dela, ela era uma adolescente que saía né, eu pensei que não ia mudar né, mas ela ficou é, super responsável porque não era, assim, ela não era muito, mas hoje em dia tudo o que ela vai fazer ela pensa primeiro no filho dela, então um pouco eu tento, eu tento me espelhar um pouco nela assim porque ela era uma pessoa super pra frente e hoje em dia não, hoje em dia ela é uma pessoa mais cautelosa assim, então a maternidade mudou muito ela, sabe, assim, muito mesmo, o filho dela mudou muito ela, muito o jeito o jeito dela pensar assim, o jeito dela agir, até no, no vestir mesmo mudou sabe, ela se transformou depois que ela teve o filho, eu acho que, um, assim igual eu falo, um pouco, um pouco eu me sinto parecida com ela porque hoje em dia o

Lucas mudou muito a minha vida assim, porque assim eu trabalhava eu tinha um casamento, mas eu ainda não, não, por eu ter assim casado nova eu não era completamente responsável, sabe, eu ainda tinha algumas falhas, mas hoje depois que ele nasceu, é... eu assim, eu me vejo mais responsável, porque eu tenho que cuidar de uma criança que depende totalmente de mim, né, então é, a maternidade muda as pessoas sim, se a, se alguma pessoa falar “ah, depois que eu tive filho não me mudou nada”, ah... eu acho que é um pouco de mentira porque muda sim, filho muda muito.

R: E o que que você acha que muda principalmente?

K: Eu acho que você tem mais, é cê cria mais responsabilidade, sabe, cê fica mais, assim é... e outra, cê fica mais capaz com a vida não só de uma criança mas com a vida de uma outra pessoa, sabe, cê pensa, cê tem mais carinho pela vida ou por uma outra pessoa, sabe, é, é assim, é bem, é complicado assim de falar, mas é isso, cê não pensa mais só em você, cê pensa nos outros também agora depois que você tem filho, dá conta de lidar com as outras pessoas mais fácil do que quando você é adolescente e não dá conta.

R: Aham. Você tava me contando um pouquinho sobre a sua prima e como que foi a maternidade dela.

K: Aham.

R: E em relação às outras mulheres da sua família, como que é, as outras também são mães?

K: Ó, assim, primo, eu tenho mais primos homens e a maioria não tem filho não.

R: Aham.

K: Então a que teve filho assim foi só essa minha prima que é, ela é, ela é a mais chegada assim de casa assim, sabe, os outros eu não convivo ou não conheço ainda, mas assim eu tive uma outra prima que teve filho também da idade dela, mas ela é mais distante assim daqui de casa, não tem, mora em outro estado e tal, mas ela assim, ela teve filho com 17 para 18, e ela já teve três maternidades, já, teve três filhos.

R: Aham.

K: Só que nenhum dos filhos dela ficou com ela, não é aquela mãe mãe mesmo, um vai, ficou com a, morou, tá morando com a avó, o outro ela deu para o pai e o outro, a filha dela mais nova que tá com dois anos, o meu tio que é irmão da minha mãe adotou ela, porque não ia ter perspectiva de vida pra essa criança, ela não sabia o que, né, não tinha condições também de criar ela.

R: Quando você fala assim pra mim “não é aquela mãe mãe mesmo”, o que você quer dizer com isso?

K: Eu falo assim mãe que cuida, né, que tem um amor pela criança desde (o desde é pronunciado com o intensidade) o nascimento, sabe, que, é, é, eu falo assim é o cuidado que eu tenho, de mãe mesmo, de trocar, de dar banho, de dar mamá, é isso, ela não, não teve, porque ela, a nenê, ela veio para ganhar a nenê aqui. Ela mora em Unai e ela veio aqui pra ganhar nenê aqui e não amamentou nem um mês de vida. Então acho que já no começo já não tem amor, por mais que, porque eu penso assim, a pessoa, eu penso que, pelo motivo dela não ter condição financeira, talvez ela tipo que rejeitou um pouco a criança sabe? Porque acho que por mais que você não tenha condições você vai fazer de um tudo pra criar seu filho, eu no lugar dela eu não teria coragem de... é, dar, assim essa palavra dar é muito pesado, mas eu falo assim de deixar outra pessoa cuidar, sabe, ter o cuidado da mãe mesmo, então eu acho que, eu no lugar dela eu não teria não, por mais que eu não tivesse condições, eu ia fazer de um tudo pra poder né, dar, dar, dar cuidado, assim, dar carinho, dar, tentar manter a criança, por mais que eu passasse necessidade, eu, mas eu não, eu acho que, que eu não deixaria meu filho passar não. Mas não sei, eu acho que eu não daria conta de passar pra outra pessoa essa responsabilidade não, mas assim, é o meu modo de pensar, mas talvez o dela é diferente, né?

R: Aham. E aí pensando um pouquinho assim na sua avó, na sua mãe, nas suas tias... Como que é, tem muitos filhos, como que elas lidam com essa questão da maternidade?

K: Ó, a minha avó, ela teve 5 filhos, teve muito né? E assim, a minha avó é daquelas, que onde que, é igual aquelas galinhas, sabe, ela quer ter os filhos tudo debaixo das asas, até hoje assim, então, a minha, assim durante a vida dela ela tentou fazer isso, sabe, de ter os filhos tudo ao redor dela, até então ela perdeu um e, nossa, foi o sofrimento dela, que é, ele tinha 21 anos, tava assim jovem, tinha acabado de casar, não tinha nem um ano direito que tava casado, então foi, a minha avó durante a vida dela assim, depois que o filho morreu também tipo acabou um pouco, sabe, a alegria dela, então, mas assim, durante, durante o tempo que ela viveu tudo o que ela podia fazer por um filho dela ela fazia sabe, ela deixava de comprar as coisas pra ela pra ajudar um filho e olha que os filhos dela já tava casado e tudo, já tinha filho, já tinha, já tava na vida assim, já tinha marido, esposa, e ela, o que ela podia fazer pra um filho ela fazia, era daquelas mãe coruja mesmo. A minha mãe é da mesma forma, que, a minha mãe ela é separada, mas tudo o que ela pôde fazer pra mim e pro meu irmão até hoje ela faz, sabe? Igual eu, depois que eu casei ela me acolheu aqui de volta, então, eu acho, eu penso assim tem mãe que não faz isso, depois que a filha casar a filha tem que se virar, né, minha mãe, pelo contrário quis, ela, ela, ela me fez ((?)) na casa dela de volta, por mais assim igual eu assim às vezes eu não queria voltar porque eu pensava assim “ah, eu voltar, aí vai ficar jogando na minha cara, né”, mas pelo contrário, ela nunca, depois que eu voltei assim tem o que, quatro meses que eu tô aqui, desde que eu ganhei o Lucas que ela nunca fez nada sabe, assim nunca tentou, tentou me alegrar, tentou me colocar pra cima e as minhas tias também da mesma forma, elas é daquelas mães, acho que espelha na minha avó, sabe, é aquelas, tenta ser aquelas mãe coruja, o filho tá homem, mas ela tá tentando dar atenção ainda, sabe? Tá tentando ser mãe assim ainda, de cuidar mesmo, é, é, o povo aqui assim, da minha família assim, de casa assim mesmo é desse jeito, bem mãezona, bem corujona mesmo, assim, quer fazer tudo pelo, o filho já tá grande, mas ainda quer fazer tudo pelo filho, sabe, cuidar do filho o máximo, é isso.

R: Aham. E teve, tem alguém assim, alguma mulher que não quis ser mãe na sua família?

K: Não, todas quis.

R: O que que você acha assim que motivou a todas quererem ser mães?

K: Ah, eu acho que... ah, um pouco foi pelo casamento, eu penso, né? Que, por exemplo, os meus tios, o meu avô, o meu pai mesmo, eles, eles tinham esse desejo de ser pai também, eu acho que foi eles que ajudou pra que elas tivessem filho, sabe, foi, eu acho que foi os marido, né, que queria ter filho mesmo, né, que fez com que elas tivessem.

R: Aham. Você acha que há diferenças, Karla, entre o seu jeito de ser mãe, o jeito da sua mãe e o jeito da sua avó?

K: Ah, eu acho que tem porque, é, é, igual a minha mãe fala, a minha mãe, eu assim, ela gostava de embrulhar mais, eu já não gosto então já tem uma diferença, entendeu? Agora eu gosto de deixar ele mais peladinho porque, eu acho assim, se eu sinto calor ele também sente, né? Mas, ela fala, é, a minha mãe vira pra mim e fala assim “ah, mas ele é nenê não sente tanto não”, mas ah, as vezes eu falo assim “ah, mas ele tá suando então é porque tá com calor”, né? Então eu não gosto de embrulhar muito ele não, mas ela gosta de embrulhar ele, sabe? Então eu acho que tem certos assim, com cada jeito, de cada pessoa, tem sim... é diferença, no tomar banho também é diferente, então acho que não, todo mundo não é igual não quando é mãe não, tem sempre uma diferença assim.

R: O que que você acha que é diferente na questão do banho?

K: Ó, de todos que deu banho no Lucas assim, as minhas tias... a minha mãe... minha mãe, não, minha mãe é parecida, eu dou banho igual a minha mãe porque foi ela que me ensinou então eu, eu peguei assim o jeito dela. Mas a minha tia dá banho diferente, o jeito dela dar banho, é, ela dá banho abraçada com o nenê, sabe? Acho que pra ele sentir que ela tá ali. E

eu já não, eu já, eu dô, eu ponho ele, o suporte dele é meu braço, então eu acho que é diferente o jeito que ela dá, abraçada com o nenê.

R: Aham. E você consegue pensar alguma diferença no seu jeito e no jeito da sua avó?

K: Na minha avó? Uai, eu acho que, eu penso, assim, eu não tive experiência assim com ela ainda, com ela, porque ela faleceu, mas eu acho que seria diferente sim o jeito dela dar banho, ou talvez não, talvez seria do jeito meu e da minha mãe, porque foi ela que ensinou a minha mãe a dar banho em mim e no meu irmão então eu acho que seria parecido com a minha mãe.

R: Que outras coisas que você pensa que poderiam ser diferentes além da questão do banho?

K: Eu acho que a forma da criação também, porque a minha avó foi aquela criação rédea curta, sabe, ela era bem, é... Assim, ainda mais com filha mulher ela era bem mais rígida, minha avó foi, tinha que namorar com o meu avô do lado, tinha que só pegar na mão, só depois do casamento, né, que podia namorar, beijar, esses trem, então foi bem, minha avó teve que criar os filhos dela bem na, antigo mesmo, e... Acho que aqui em casa não foi desse jeito assim não. Acho que também com o meu filho não vai ser desse jeito não (risos). Então é, é nesse ponto assim é diferente, é que a minha avó era bem daquelas velha coroca mesmo, sabe? (Rindo). Bem antigona, tudo dela tinha que ser certinho, igual nossa, eu penso assim se ela soubesse que né, na época que ela tivesse vida eu tivesse filho agora, nossa senhora, ia ser um caos aqui em casa, por mais assim que eu fui casada e tal, mas pra ela, é, é, ela em primeiro ela não deixava eu casar nova. Então ia ser mais complicado, então ia, ainda mais filho novinha assim, eu acho que ela não, ela, eu acho que ela não, ela ia brigar muito comigo.

R: Com que idade mesmo que você foi mãe?

K: Eu fui com 19.

R: E você falou assim “ah, com o meu filho eu acho que não vai ser assim também não”. Como que você imagina que você vai ser com o seu filho?

K: Assim, igual eu falo assim “ah, eu vou ser liberal”, mas eu acho que mãe fala isso quando não tem filho, porque a partir do momento que você tem filho, é, eu, assim, eu vou tentar prender ele, mas até um certo ponto que eu vou conseguir, né, também. Mas assim eu vou tentar instruí-lo, né, pelo caminho bom, para que ele seja uma pessoa honesta, seja um trabalhador, né, para que ele não se envolva com droga, e que ele saiba reconhecer quem são os amigos de verdade, assim, porque... Ainda mais hoje em dia, né, no mundo que a gente vive, cheio de droga, cheio de violência, então tem que, tem que é... conversar muito com o seu filho. Eu pretendo assim na base da conversa, igual foi minha mãe, meu pai comigo, foi na base da conversa, nunca foi no bater. Porque eu acho que o bater não adianta, igual muitas vezes as pessoas fala assim quando a gente bate a gente educa, mas eu acho que batê não educa ninguém não, não vai levar a nada bater. Acho que isso é uma forma de violência, lógico que é, de vez em quando vai dar um tapinha, vai, mas eu acho que o conversar é o essencial, numa relação de família. Eu penso assim com o meu, talvez, né, outras pessoas não pensa assim, mas eu penso desse jeito, eu acho que eu vou, com o Lucas eu vou na base da conversa, eu vou tentar, né, em vez de bater eu vou colocar de castigo, porque criança faz travessura, adolescente também faz. Mas é, eu acho que é na base da conversa que tudo, tudo se resolve, não no castigo, bater assim, acho que eu vou, vou, eu vou levar, criar ele na forma que a minha mãe criou, o meu pai me criou sabe, na conversa, então eu vou tentar fazer isso com ele também.

R: Aham. Entendi. E quando você era criança, Karla, você pensava que um dia você seria mãe?

K: Não, nem pensava que eu ia casar! Eu não tinha isso em mente! Não tinha em mente isso. Assim, tinha em mente namorar, mas... chegar a casar também eu não tinha em mente,

nossa, muito mais ter filho, era um, assim, igual eu falo, nossa, gente, era uma coisa que eu não pretendia.

R: E por que que você acha que você não pensava nisso?

K: Ai, eu não gostava, assim, eu não gostava, assim eu gostava de criança, mas, ai, eu não pensava em ter não, mesmo criança, mesmo assim novinha, num, não pensava em ter filho, porque eu acho muito difícil, ai, é cuidar tem, tem que ficar vinte e quatro horas olhando. Então assim, eu não tinha paciência, hoje assim eu tô tentando ainda ter, mas eu não tinha não, até novinha eu não pensei em ter não. Mas é igual a minha mãe fala se eu não quisesse eu tinha tomado algum, eu tinha é, eu tinha tomado, assim é, eu teria me cuidado direito, né? Mas, ai, eu não pensava em ter filho, mesmo criança, nunca pensei, porque não foi aquele, porque tem criança que “ah, eu sonho em casar e ter um punhado de filho”, ai, eu não tenho esse sonho, não tinha esse sonho não, de casar e ter filho não.

R: Aham. E que coisas que você imaginava pra você assim quando era criança?

K: Igual assim eu sou, eu fazia faculdade, né? Eu pensava em, em, assim em me formar primeiro, sabe, ter uma estabilidade financeira boa pra, pra ter um filho, é... é isso, assim ter uma estabilidade boa, acabar de fazer o meu curso, pra depois eu pensar (enfaticamente) assim se, ainda ser um sonho é, filho, aí tive que largar tudo, tive que trancar a faculdade, tive que, né, agora, pra depois, pra, pra cuidar dele melhor, né? Eu volto, eu volto pra faculdade em agosto porque ele já vai tá maior, vai tá entendendo um pouquinho das coisas, mas eu, eu pensava assim primeiro em me estabilizar financeiramente, profissionalmente também, sabe, pra depois arrumar filho, não pensava assim tão cedo não ter filho.

R: E alguma vez você pensou em ter filho?

K: Assim... Não! Sinceramente, não. Igual, é, eu, o Lucas veio porque... é acidente de percurso assim mesmo, se não eu não, eu nunca pensei em ter filho não. Porque até então esse meu companheiro já tinha filho, sabe, eu já tinha experiência assim então eu não queria não. Nunca pensei não.

R: Quando você fala assim “eu já tinha experiência”, que experiência?

K: Porque assim é... na separação dele, é um dos filhos dele ficou meio com a vó, sabe, então assim...

A mãe de Karla chega e interrompe se dirigindo a ela: Você vai dar mamá pra ele?

K se dirigindo à mãe: Não, pode me dar ele. Não vou dar agora não.

R: Se você quiser dar, não atrapalha não.

K: Não, é, ele acabou de mamar. Se ele não tivesse mamado. Então, ele ficava mais lá em casa, sabe, e ele era, ele tinha, ele tinha cinco, ele tinha quatro anos na época, então eu não, eu já tava, cansada pra mim, sabe, então bastava pra mim, eu já tava satisfeita, então eu não pensava em ter também, filho assim.

R: Vamos conversar um pouquinho agora então sobre o caminho percorrido na sua maternidade, né, até você chegar aqui. Desde quando começou, o que que você conta a respeito disso?

K: É... como assim cê fala? É...

R: Você tá me contando que você nunca pensou em ter filho, mas aí você engravidou, né, e eu quero saber um pouquinho como foi de lá até aqui.

K: Ah, da gravidez... do começo até aqui. Ó, eu engravidei, é... No começo assim, é, eu, é, assim, eu gostei, no começo assim, quando do primeiro mês até os quatro. Do quarto mês assim que eu tava naquela dúvida, eu, eu, gerou aquela pergunta assim “nó, mãe, né? Vou ser mãe e tal, como que vai ser?”. Porque até então eu tinha um apoio, então no princípio que eu tinha um apoio eu achava bom, aí a partir do momento que eu já perdi o apoio assim do pai aí eu já revoltei. Mas assim a gravidez em si foi uma gravidez tranqüila. É, eu não, eu não, eu assim, eu posso dizer assim que eu fui felizarda porque eu não tive enjôo, sabe? Eu não tive desejo de comer a... esses trem, essas, porque tem gente que igual que tem

umas bobeira “ai, vontade de comer telha, terra”. Eu não tive isso, assim o único desejo que eu, eu acho que nem foi desejo mesmo, é porque eu gostava muito de comer doce, nossa, eu adorava comer doce, adorava comer doce. Então foi assim, foi uma gravidez assim, ele, é, ele mexeu muito, mas assim, eu não tive desconforto nenhum porque eu trabalhei até um dia antes de eu ganhar ele, sabe, então foi assim, minha gravidez foi tranqüila, sabe, eu não, não, não passei mal, muito, não, eu, o enjôo que eu tive foi uma queimação no estômago diária, mas assim uma coisa que se eu tomasse algum remedinho passava, sabe? Foi, foi super tranqüila, só, só assim nos últimos períodos mesmo que eu já tava tendo dilatação que eu comecei a tomar, tomar remédio pra num, pra que não nascesse prematuro, sabe, pra gravidez ir até os nove meses certinho. Mas, assim, foi tranqüilo. Nossa, eu tirei de letra! E assim eu sou uma pessoa muito mole com dor, então eu achei que, eu pensava assim que o corte da cirurgia assim do, da cesária, porque eu tinha duas opção, mas eu queria que, a que doesse menos, então o parto normal eu tirei de idéia mesmo. Eu assisti um parto normal, ah, não, depois que eu assisti eu falei, não, não, eu acho que eu não tenho coragem, pela dor. Eu, eu, eu penso primeiro na dor, então eu fui pela cesariana, mas assim eu sabia que o pós também ia ser doloroso, eu pensava, mas ou, aí eu assim até hoje eu não sei o que que é dor. Eu penso que Deus me ajudou um pouco porque eu sou muito mole, mas nossa, foi tranqüilo, foi, eu tirei de letra, mas também não pretendo ter outro não (rindo), mas eu tirei de letra isso, a cesariana, tudo.

R: Quando você fala assim “não pretendo ter outro não”, por que que você não tem essa pretensão?

K: Ai (intenso), eu acho que pela primeira experiência que eu tive, entendeu? Por mais assim que eu possa arrumar um companheiro hoje ou mesmo voltar pro meu ex marido eu não pretendo ter filho, eu acho que é, o Lucas já tá, já vai preencher um grande espaço na minha vida então eu acho que eu não pretendo ter outro não. Eu não, não vou falar nunca não porque eu falava isso e acabou, acabei tendo (rindo). Então eu falo assim, por enquanto não tá no meu projeto de vida não outro filho. Não sei daqui dez anos, mas por enquanto eu quero assim, eu quero voltar à minha faculdade, porque nossa eu era apaixonada, então eu quero voltar, sabe, a, a, igual assim, eu posso pensar em ter assim quando eu tiver assim realizada no, no profissional, aí eu posso pensar em ter, mas por enquanto, enquanto eu num acabar a minha faculdade, eu num, eu num penso em ter outro não.

R: Que faculdade que você faz?

K: Eu fazia biologia.

R: E você assistiu o parto foi na faculdade ou quando você tava grávida?

K: Não, foi quando eu tava grávida mesmo. Foi, foi até a minha mãe que arrumou, é um parto de uma amiga dela (rindo). Assim, que eles gravaram assim. Aí eu vi um parto de uma prima minha também, que, ela, ela é casada com um primo meu, ela fez cesárea, foi no que mais me animou sabe, mas o parto normal, nossa senhora, é, é esquisito, eu não tenho coragem não.

R: Aham. E como que foram os primeiros dias, Karla, como mãe?

K: Ó, o, os primeiros dias foi assim, a ficha ainda não tinha caído, então foi aquele êxito né, aquela uh, novidade, né, eu tava como se diz, empolgada até demais, né (rindo), porque depois a ficha cai, só daí ocê, então manda cair na real, né, “nó agora eu sou mãe, nó, agora tem que ter, né, responsabilidade que não tinha antes”. Mas no começo tudo é festa né, a casa muito cheia, né, assim... Eu tive a presença muito da família dele, do Lucas assim, do pai, né, então foi, foi novidade pra mim, foi um momento que, de adaptação mesmo, que tudo pra mim era novo, eu tive assim, o choro, né, não tava acostumada com criança, então o chorar já é uma novidade que, que assim, eu tive até sorte que ele, ele é, desde, desde nenê mesmo, recém nascido assim ele é calmo, ele não é daquelas crianças que chora, ele é de resmungar, chorar é muito difícil, só quando cê não dá atenção mesmo pra ele que ele

chora. Então foi, foi uma experiência, tá, tá sendo uma experiência nova e assim, agradável, porque ele também tá me ajudando, sabe, a adaptar a isso. Ele, ele, eu falo assim que o Lucas tá sendo assim meu companheiro porque ele me ajuda muito e me ensina, sabe, porque eu tinha uma visão completamente diferente do que eu tenho hoje porque ah, eu achava assim complicadíssimo criança, nenê, assim bebê, nossa (enfático) eu pensava assim “não, isso é um bicho de sete cabeças não é pra mim não”. Porque assim o filho do meu ex marido ficou com a gente um ano, durante esses dois anos, eu namorei com ele quatro anos, não, eu namorei com ele um ano, né, e aí a gente foi morar e aí ia ser três anos e quando ele separou da outra mulher dele o nenê dele tinha um ano pra dois, sabe? Então era bem nenê mesmo, e assim, ficava mais com a avó porque a mãe não, não quis assim ter, criar, pegar, então é, eu já tinha, eu tinha experiência com ele assim só que ele era grandão já, já dava conta de ir no banheiro, não dava conta de ir sozinho de tudo, mas assim já tinha uma noção, já conversava, já pedia as coisas, então era mais fácil porque o Lucas ele não pede nada, eu que tenho que adivinhar porque que ele tá chorando, porque que ele tá resmungando. Então ai, é... Tá sendo, a experiência tá sendo... boa e não. Porque a vida agora muda completamente, né, mas tá sendo difícil. Assim, eu acho que eu tô tirando de letra isso porque por mais que eu tenho a ajuda da minha mãe mas quem cuida dele é eu, sabe? Ela tem, ela já tinha a vida dela então assim, por exemplo, se ele tá chorando muito então ela vem, mas caso contrário eu é que tenho que olhar, eu que tenho que ter, eu que tenho responsabilidade com ele, de dar banho, esses trem assim, sabe, então é... tá sendo, ta sendo boa essa relação assim, porque é igual eu te falei ele mesmo tá me ajudando, ele me, eu acho ele muito bom comigo.

R: Como você acha que ele te ajuda?

K: Ah, eu não sei, eu acho, eu penso assim ele não me dá, assim, ele me dá trabalho de uma criança normal, mas ele não dá além. Ele não é totalmente dependente assim, ele gosta de ficar no colo, gosta, mas se eu pôr na cama também ele fica, sabe, mas assim, ele não é de chorar... Porque eu tinha até, antes, antes na minha gravidez quando eu voltei aqui pra minha mãe, tem uma vizinha ali no fundo que ela tem uma nenê de cinco meses que nossa senhora, ela chora o, o dia inteiro, então eu pensava assim, até quando eu grávida eu pensava assim “nó, meu nenê vai chorar o dia inteiro no meu ouvido, nossa, será que eu vou agüentar?”, entendeu? E ele não, ele não é de chorar, ele é de, ele resmunga, se você dá peito ele mama e fica quietinho, depois, por exemplo, se você põe na cama e dá mamá pra ele, ele fica, sabe? Não é aquele, aqueles menino que só qué colo, colo, colo, colo. Então ele deixa eu fazer tudo aqui em casa, assim arrumar a casa ele deixa, ou eu ponho ele no carrinho fica comigo assim e se tiver me olhando ou me vendo ele fica quietinho. Então, nossa, ele, eu acho que ele me ajuda assim, eu acho que ele compreende a mãe dele, é isso assim.

R: Aham. E aí você contou pra mim assim que nos primeiros dias você teve momentos de êxitos e depois a ficha cair, né? E o que que foi essa ficha cair?

K: Aham. Porque assim no começo tudo era, era festa porque todo mundo queria pegar, todo mundo queria, né, eu não tinha cuidado nenhum com ele, só de dar mamá mesmo, mas assim a minha tia ficou assim um tempo aqui em casa. Então elas acordavam de madrugada se ele reclamava, assim só me entregava, sabe? Mas depois, depois que ele completou um mês aí a casa esvaziou, sabe, aí eu que tive, né, se ele acordasse eu que tinha que acordar, tudo era eu, porque até então no começo eu tinha minha mãe, eu tinha minha tia, porque elas tavam empolgada também comigo, né? Então aí depois não, depois elas teve que retornar pra vida delas, né, trabalho e tal. Então aí que a ficha caiu; primeiro porque, porque eu que tinha que fazer tudo, né, eu que tive que cuidar, dar banho, porque até então eu não dava banho porque, uma eu também tinha medo, até o umbigo cair eu tinha medo e era muito molinho também. Então eu tinha, é, como que fala, eu... agora é eu que tenho que

fazer tudo, então a ficha caiu porque agora eu que sou mãe, eu tenho que, né, cuidar (fala intenso cuidar) e tenho que zelar por ele né? Não posso deixar assim, por exemplo, gripar, não tem nem como eu, né, prever isso, mas eu tenho que tomar todos os cuidados, né, dar banho direitinho, cuidar da higiene dele direito, é isso que eu penso.

R: E como que foi assim, você fala assim que teve alguns medos né, quando ele era pequenininho... Que tipos de medo que você tinha?

K: Assim eu tinha medo de, de, de dar banho nele, porque, ah, por ele ser muito pequeno e não ser firme, ah, eu tinha medo de deixar ele cair na banheira. Assim, igual o umbigo dele eu, eu não tinha coragem de sarar o umbigo dele, deixar o umbigo cair, porque tinha que puxar e, e eu sou mole pra essas coisas assim porque via a carne então eu não, não tinha muita coragem. É... é, eu tinha coragem mesmo de pegar ele assim, mas não muita também, por ele ser mole, assim é, sabe? Sabe? Eu tinha medo de machucar ele, então sempre que eu ia pegar ele eu pedia a orientação da minha mãe da forma melhor pra eu pegar pra que ele também se sinta à vontade no meu colo, pra que ele se sinta a vontade comigo, então foi isso, era esses medos assim que eu tinha.

(O bebê resmungava um pouco enquanto ela fala e então ela vira pra ele com uma voz baixa e carinhosa e diz: Ah não, bem, que que cê quê?)

K: É isso mesmo assim que, eu tinha medo no começo era do banho e do umbigo e a forma de pegar ele porque eu pensava que eu podia machucar, sabe? Só até, até acostumar mesmo depois eu acostumei e num, aí eu pegava também toda hora, mas foi só isso, só esses medos mesmo.

R: Aham. Eu gostaria agora, Karla, que você me contasse um momento marcante seu com ele, com seu filho.

K: Acho que foi no nascimento, que eu acho que nossa, eu vou lembrar disso pro resto da minha vida, no primeiro, a primeira vez que eu vi ele, que ele olhou pra mim assim que eu acho que ele nem me enxergou, mas foi, foi mesmo, na hora do nascimento. Na hora que o médico me deu ele, foi... Acho que foi a hora que mais me marcou e, e o, a primeira vez que ele mamou também acho que também vai ser marcante pra mim. Nossa, doeu, mas tirando a dor foi uma coisa assim nova, porque igual eu falo assim se eu puder, se eu puder dar de mamá pra ele até um ano eu vou dar porque eu acho que, eu sou apaixonada em dar de mamar. Nossa, eu acho a coisa mais bonita numa mãe. É isso, eu acho que a hora, mais assim a hora que eu vi ele a primeira vez foi a que mais me marcou, porque depois eu vi o choro dele eu pensei assim “nossa, meu filho nasceu saudável, perfeito”, né, porque até então cê tem, até então quando cê tá grávida você tem aquele medo, aquela preocupação “nossa, será que meu filho vai nascer com alguma deficiência ou...”, né? Então na hora que eu vi ele, que ele tava perfeito com todos os membros dele, foi, nossa senhora, pra mim foi tudo. E até na sala assim eles me costurando e eu chorando, sabe? De alegria, sabe? Que, eu dei, como se diz ele veio perfeito, né, saudável, não precisou, assim, não precisou ficar no, em incubadora, precisar de fazer algum tratamento, assim, nada, nasceu perfeitinho.

R: E o que que você acha, além dessas coisas que você tá me contando, o que que você acha que te marcou nesse momento?

K: Além disso?

R: Aham.

K: Uai... Não, além disso assim, eu acho que, não, pra mim foi só isso mesmo, nada além disso assim, porque, sabe, não sei o que que seria assim não. Não sei, pra mim foi essas duas coisas que mais me marcou, sabe?

R: Aham. É... Eu estou querendo saber assim, o que te marcou na primeira vez que você o viu e na primeira vez que você o amamentou?

K: Porque assim... no, no, como se diz na primeira vez que eu dei mamá pra ele foi a sensação, né, da dor assim porque assim é uma sensação nova. E assim, você sente o leite

sair do seu peito então eu nunca tinha tido essa sensação. Então pode ter sido isso que marcou, é uma coisa nova, né, acho tão bonito também, assim eu achava de outras mães também, algumas amigas minhas de faculdade que foram mãe eu achava tão bonito dar de mamar, né. E assim no primeiro dia que eu vi ele foi... assim no, no primeiro dia eu até assustei assim quando, “nossa, será que... meu, né?”, porque eu tinha aquele amor, eu já tinha um amor por ele, mas então eu tinha um amor por uma pessoa que eu nem tinha visto, né? Então foi a primeira vez que eu vi o rostinho dele, eu pensei assim “Nossa, né, é meu agora”. Porque assim eu nunca, né, igual eu falo, é, por mais que ele tenha um pai, é... eu sempre vou tratar ele como se fosse apenas meu, sabe, não, não do pai dele. Porque o pai dele por mais que ajuda, ou por mais que vem aqui uma vez ou outra, nunca vai dá, nunca vai tá presente na vida dele como eu tô, porque até então no nascimento dele o pai dele não fez questão nenhuma de ir ver, sabe, quem tava presente mesmo era meu pai, e olha que meu pai nem mora no Brasil. Então é isso, acho que me marcou muito foi a chegada dele, assim sabe, porque deu um outro, um outro rumo pra minha vida, porque até então, mesmo eu grávida, a minha vida girava muito em torno do pai dele, sabe, ainda. Mas hoje em dia não, assim então acho que muda muito. Acho que, a chegada dele assim, o primeiro dia assim foi pra mim, né, falar assim “Não, Karla, agora ocê, vamo dar uma outra história pra sua vida”. Foi isso. Eu penso que deve dar, eu penso que seja isso.

R: Aham. Eu gostaria de saber de você assim, o que que você descobriu sobre você nesses momentos, nesses momentos marcantes?

K: Assim, eu era, era eu, eu sou assim, eu era uma pessoa fechada, eu... eu assim, eu não sou de muitos amigos, sou de poucos amigos assim, eu vivo mais assim no meu mundo, não sou de... por exemplo, se você conversa comigo eu converso, mas se você não conversar eu não puxo assunto, sabe? Eu sou de, eu sou desse jeito. Então com ele vai ser, tem que ser diferente. Por eu ter filho pequeno assim agora eu tenho que fazer as coisas é, pensando nele, e é, como se diz, eu vou ter que... me dobrar, sabe assim, pra, pra, acho que em relação às outras pessoas, sabe? E outra coisa, assim, não é que, eu sou carinhosa, mas eu não dava conta de demonstrar isso, sabe? Assim, eu falo em relação a minha mãe, meu pai ou meu irmão, então, é, hoje em dia eu falo que eu sou mais carinhosa com eles, é, hoje em dia eu sei falar, eu sei falar pra minha mãe que eu amo ela, sem ter vergonha, sabe? Eu sei dar um beijo no meu irmão, e coisa que antigamente eu não dava conta; acho que foi por causa do Lucas porque eu dou conta de falar pra ele que eu amo mesmo sendo pititinho, sabe? E eu não dava conta de falar isso não, se eu falasse pro meu marido era muito, mas assim com as outras pessoas eu não era carinhosa, e assim eu tinha amor, respeito, tudo, mas eu não sabia demonstrar isso. Aí depois que o Lucas nasceu até na, assim a convivência com a minha mãe com o meu irmão mudou, sabe, porque a gente conversava tudo, mas a gente era gente era seco, sabe? Aí com a, com a chegada dele não, a gente virou aquela família unida mesmo, sabe, um por todos mesmo, que antes não era desse jeito não. Antes era assim, antes meu irmão morava, meu irmão sempre morou com a minha mãe, mas meu irmão chegava assim só na hora do almoço, saía, depois só no outro dia pra minha mãe ver ele. Hoje em dia não, hoje ele, ele dá, ele sai, eu acho assim, ele tenta passar uma imagem pro Lucas de pai, sabe, porque ele que, assim, por exemplo, no começo quando a minha mãe ia trabalhar e ele chorava, ele tentava me ajudar, sabe? Ele pegava o Lucas, acalmava o Lucas, se ele via que eu chorava, porque eu, é, era uma experiência pra mim nova, e eu não dava conta de fazer, de, e eu, eu começava a chorar porque eu ficava com medo de fazer uma coisa errada, e aí eu acho que eu apavorava o Lucas, de eu chorando eu acho que ele ficava nervoso ou apavorava também, aí ele começava a chorar, aí meu irmão pegava ele, acalmava, sabe. Então, acho que, acho que isso, tá mudando assim na minha vida mesmo, é o, é o ser mais amoroso com as pessoas, sabe? Ver o lado, é... ter amor pelos

outros, não só pra mim, sabe, não só olhar pro meu umbigo, né, que antes eu olhava só pra mim. Assim, acho que isso tá mudando muito isso assim.

R: E em que outros momentos da sua vida, você acha que, que você acha que essas características que você descobriu também estão presentes?

K: Assim no meu serviço também. Eu, eu trabalho com o meu tio, então eu acho assim, eu pensava assim “ah, meu emprego tá garantido”, né? Eu sempre pensei isso, tem, eu, tem quatro anos que eu to lá, então eu acho que eu sempre fui irresponsável lá. Hoje em dia que eu penso isso; porque assim tem horário pra chegar, né, e eu sempre ultrapassava meu horário. E eu achava assim “ah, ele vai brigar comigo, mas, ah eu tiro de letra, eu invento uma desculpa e acabou, né?”. Então hoje em dia eu vejo que não, hoje em dia eu vejo assim que tem que ter um horário pra chegar. Porque eu olho pelo Lucas, porque ele tem horário de tudo, ele tem horário de mamar, ele tem horário de tomar banho, sabe? Então eu acho que é a responsabilidade mesmo que, que tá batendo. Que tá fazendo com que eu, que eu, que eu tenha mais responsabilidade assim com as minhas coisas, com o trabalho, porque é... Por mais que eu, igual, como a minha mãe fala, “ah, seu tio te agüenta, né?”, porque é família assim, mas eu quero que, agora eu quero que as coisas muda, que, que eu esteja lá, mas assim porque eu sou capaz de tá trabalhando na área que ele me passou não por ser parente sabe? E que eu tenha responsabilidade com as minhas coisas, com horário, né, que eu seja pontual, acho que tá mudando isso em mim, a responsabilidade que tá, que eu tô criando.

R: Você tá de licença maternidade agora?

K: Tô.

R: E o que que você faz no trabalho?

K: Ó, eu trabalho com, em contabilidade. Então a minha área, a minha área é de departamento pessoal; então tudo assim, o que eu sei foi o meu tio que me ensinou. Então é, é isso assim, departamento pessoal é até, é uma área até boa. Mas foi, tudo o que eu sei hoje em dia foi ele que me ensinou e eu faço um curso totalmente diferente da área que eu trabalho, porque biologia, né, não tem muito a ver com contabilidade. Mas é isso, acho que, eu acho que eu tô criando né, aos poucos, mais responsabilidade.

R: E você imagina outras situações em que essas características que você tá descobrindo podem ser úteis?

K: É... deixa eu ver... uai... acho que... não. Acho que essas... encaixa, acho que tá encaixando assim no que me faltava mais, sabe? Era a responsabilidade que agora eu tô começando a ter mais, né, pelo fato dele ter nascido. Que eu penso, que eu penso mais agora, de vez de pensar só em mim em penso nas outras pessoas também, coisa que eu não fazia. Eu pensava só em mim, num pensava no dia a dia, é, eu pensava só em, em, como eu falo pra você? Assim, eu não pensava na felicidade dos outros, se a minha tivesse boa pra mim... Só importasse se a minha mãe tava feliz ou não. Eu era um pouco egoísta, sabe?

R: Aham.

K: Tratava assim, assim com as pessoas assim que me rodeava, eu era, eu era bem egoísta, eu, eu desse ponto de vista. Mas hoje em dia não, eu acho que tá, aos poucos tá encaixando em tudo assim com a minha vida.

R: Isso. Você tá me contando um pouquinho de como que esse novo jeito seu de ver as coisas mudou também a sua relação com o trabalho, né? E eu tô querendo saber se tem alguma outra situação além do trabalho, da família, que você tá me contando, que você acha que essas coisas que você descobriu sobre você podem ser úteis também, nesses outros contextos?

K: Uai... eu penso que não, assim, por enquanto. No meu modo de ver assim ainda não, talvez mais pra frente eu posso tá, até ter outra coisa assim, mas agora no momento eu acho que não.

R: Aham. Houve alguma situação que você como mãe ficou e sentiu-se em dificuldade?

K: É... Dificuldade?

R: Um momento difícil pra você assim como mãe?

K: Olha, é... Talvez até tenha, sabe? Mas assim, tá tendo, tá sendo, é... por enquanto eu tô tendo, eu tô dando conta de tirar de letra, assim, né, a experiência de ser mãe, de ter os cuidados; mas eu acho que o cuidado maior que eu tive assim, a dificuldade maior mesmo foi quando ele era recém nascido mesmo, que eu tive a dificuldade de cuidar dele, e eu dependia muito das outras pessoas, que eu tinha, dependia de tudo, pra dar mamá porque, eu, pra dá mamá eu dava na, na chuquinha, porque eu não tinha feito bico, então ele pegava só um peito, aí o outro ele, eu tinha que tirar na seringa pra dar pra ele, sabe? Então foi, eu acho que a dificuldade maior foi na hora de amamentar mesmo, porque só um peito assim com muita dificuldade que ele dava conta de pegar. Então teve dia que o meu filho ficou o dia inteiro com fome porque eu não tava dando conta de tirar leite, entendeu? Acho que foi, foi dar de mamá, mesmo. Hoje em dia que não, mas no comecinho assim, uns dez dias foi sofrido, porque eu tinha que acordar de madrugada pra tirar na seringa pra colocar na chuquinha pra dar pra ele porque eu não tinha o bico do peito. Então é, a dificuldade foi, foi, foi amamentar.

R: E como que você se sentiu nesse momento?

K: Assim, a gente se sente impotente como se, porque eu queria que ele pegasse o meu peito e não queria dar outro leite pra ele porque eu ficava com medo desse outro, por exemplo, se eu desse outro leite, ele depois não ia querer aceitar o meu peito e aí eu ficava com medo disso, sabe? E assim, a dificuldade era isso, porque eu apavorava e ficava nervosa ao mesmo tempo dele não tá conseguindo pegar, sabe? Puxar o bico do peito, então era o que, que me deixava com mais raiva porque eu queria muito de dar de mamá, mas eu não dava conta. Então foi isso, o que mais pegou foi isso. Foi a hora de, de eu ter que acordar de madrugada, de ter que tirar com a seringa, de machucar o, de rachar o bico do peito porque a seringa fazia pressão demais e saía um pouquinho de leite só, sabe, porque tava muito pedrado. Então a dificuldade que eu tive foi essa, de na hora de dar mamá mesmo. Porque aí, por exemplo, por mais que a minha mãe ajudava ou minha tia ou meu irmão, era uma coisa que nem eles davam conta de fazer por mim, sabe? Então a dificuldade maior que eu tive foi essa. Até ele acostumar também com bico e começar, porque ele tava aprendendo a sugar, né? Então até que ele aprendeu assim a puxar com mais força demorou um pouquinho, ele ficou, eu tinha assim, eu tinha uma amiga que ela também tinha acabado de, ela tinha feito faculdade comigo, ela tinha acabado de ser mãe, o nenê dela tinha assim uns três meses, já, de eu chamar ela ao choro pra dá de mamá pro meu filho porque meu filho tinha um dia sem comer, sem mamar, então foi, foi a dificuldade que eu achei assim.

R: E como que você lidou com essa...? Você tá me contando assim, parece ter sido difícil mesmo esses primeiros dias, né? E como que você lidou com isso?

K: Ai, assim... Eu achava assim que, por exemplo, um dia não deu certo, mas era assim ó, um dia a gente tentava, tentava, tentava, nada dava certo, ele não conseguia. Mas outro dia, por exemplo, eu sentava no sofá, eu colocava aí ele já puxava; então dia assim, um dia cê sofria demais, mas no outro dia já era menos, sabe? Um dia demais e no outro menos. Então foi aos poucos mesmo, é, foi, é, eu acho assim pra mim foi muito sofrido porque assim na época que eu vi ele chorando mesmo foi antes de um mês, antes dele completar um mês foi a época que eu vi ele mais chorando. Aí foi assim, a época que, que eu fiquei mais nervosa também. Por mais que eu, né, eu tinha o apoio de todo mundo que tava aqui me visitando, meus tios, minhas tias, mas foi, foi assim a que eu entrei em desespero mesmo. E até eu só ficava chorando, sabe? E até assim eles ficou até com medo de eu dar aquelas depressão pós parto por causa disso, mas foi isso mesmo, foi, foi, de eu não

conseguir, e eu, eu achava aquilo impotente, sabe? Achava que eu não era capaz porque eu não tava dando conta de dar mamá pro meu filho. Por mais que eu, que eu puxava com seringa, ou eles, a minha mãe estimulava o bico assim pra ficar maior, não adiantava, então eu achava assim que eu era impotente de fazer isso com o meu filho, sabe? Dar, dar de mamá, uma coisa simples e pra mim não era simples, sabe? Porque nossa, pra mim tava sendo a maior dificuldade era dar de mamá. Então foi isso, o que me pegou mais foi nessa parte só.

R: Aham. E como que você conseguiu superar esse sentimento de impotência?

K: Foi quando, é... até meu pai tava aqui, meu pai mora na Angola. Meu pai chegou e minha madrasta, meu pai chegou primeiro e logo após a minha madrasta. Aí meu pai falou pra ela trazer aqueles, é... bombinha, sabe? Aí ela trouxe uma bombinha, mas não é igual as que tinha aqui em Araguari, ela é diferente, ela dava, dava mais pressão do que as outras, aí ela trouxe né? Só que também não adiantou porque por mais que puxava não fazia bico. Aí foi até então que ela falou assim “ó, minha filha eu quero te ajudar, se você não importar eu vou, eu vou chupar o seu bico como se eu fosse o... você imagina o seu filho”. Foi o que ela fez, ela puxou, ela puxou começou a sugar igual o Lu... igual nenê mesmo, que fez o bico porque ela puxava com força. Foi aí que me ajudou, porque aí que me deu aquele alívio, sabe? Porque aí eu coloquei ele pra mamá e ele sugou também. Que aí foi alívio. Depois disso parece que melhorou 100% sabe? Mas foi isso.

R: E como que foi esse depois, assim quando ele começou a mamar? Como você se sentiu?

K: Nossa, eu, eu fiquei assim, eu fiquei mais calma, sabe? Parecendo que tirou um peso que tava nas minhas costas com a mão, sabe? Parecendo que... Tirou, sabe? Porque até então aí, eu, eu quando minha mãe falava assim “Oh, Karla, vamo tentar”, no tentar, nela falar assim eu já apavorava, já chorava, aí eu já não queria dar mamá, já queria, sabe, falar assim “não, vamo tentá outra coisa, porque eu não dou conta”. E aí o meu bico dos dois peitos já tava rachado de tanto ficar pelejando com a seringa porque a seringa machucava, então eu já não queria mais, sabe? Chegava a hora de, minha mãe falava assim vamo tenta dar mamá, ah, eu já não queria, porque eu já tava sentindo dor já, então eu não queria muito assim ficar dando de mamá. Mas, nossa, depois que a minha madrasta me ajudou assim que ele começou a mamá e eu não precisar da minha mãe, eu não precisar de outra pessoa, nossa pra mim foi um alívio; porque aí assim minha mãe podia ir trabalhar com mais calma, meu pai podia ir embora calmo, sem, né, sem ter preocupação. Porque assim o meu pai ele ia ficar aqui cinco dias só, né? Até que chegou que ele ficou um mês porque ele falou assim “não eu não vou embora enquanto se não dar conta de, enquanto o Lucas não mamá, enquanto eu não, eu não sentir vontade de falar assim, não agora a minha filha tá bem, ela pode, pode, eu posso ir que ela vai dar conta de cuidar dele sozinha”. Então foi isso, que assim um pouco pesou pra mim assim, sabe? Porque as pessoas tava dependendo de mim assim um pouco, sabe? Eu tava prendendo elas aqui, então foi, na hora que ele mamou foi um alívio porque cada um começou a sua vida de novo, sabe, não parou. Então pra mim foi melhor depois que ele mamou, que eu dei conta assim, né, de fazer com que ele mamasse.

R: É... Que cuidados que você tem tido com você mesma como mãe?

K: Uai, como assim cê fala, se eu sou vaidosa, esses trem assim?

R: Que coisas que você faz pra você mesma agora que você é mãe que você acha que você tá se cuidando?

K: Assim eu, eu, eu, eu sempre fui assim um pouco vaidosa, mas depois que eu fui morar com o meu esposo, meu ex, meu ex marido lá, assim ele é, por mais que ele é novo, mas ele é turrão, aqueles véi; a criação dele foi aquelas criação de velho mesmo, bem assim mulher não pode passar batom, que não pode por brinco grande senão fica vulgar. Então quando eu era casada eu não tinha muito esses cuidados, sabe? Eu tinha cuidado normal, eu ia, eu gostava de fazer unha, eu ia na manicure, eu ia fazer depilação, mas eu não era vaidosa,

vaidosa. Mas depois que eu fui mãe, é assim eu tenho, eu tenho agora preocupação com o corpo, sabe? Porque quando ocê é mãe, nó, seu corpo fica... totalmente diferente do que era quando ocê é solteira. E na minha gravidez eu engordei muito, sabe? É, eu acho que até demais da conta, eu não, eu não me cuidei, então hoje eu tento correr atrás sabe? Porque eu assim, eu tento entrar, é igual, eu faço regime pra ver se eu volto no peso que eu era antes, né? E eu sou assim, eu sou impaciente, por exemplo, se eu quero uma coisa eu quero agora, então emagrecer não é desse jeito. Então o que eu tenho cuidado agora mais é com o corpo mesmo que eu, eu, eu assim, eu quero emagrecer o mais rápido possível. Porque eu engordei 20 kilo, então eu acho muito, no, nossa, muito kilo, eu dei conta de perder até agora 10, vou ter que perder mais dez, mais um pouquinho que depois que eu, que eu ganhei ele eu ainda ganhei assim, sabe? Então é com o corpo que eu tô tendo cuidado mesmo.

R: E quem te orientou a ter esses cuidados?

K: Um pouco foi a minha mãe, assim porque assim a minha mãe já é gordinha e ela, ela não cuidou sabe? Ela desde, assim o último parto dela foi o meu. Então ela, ela deixou, e ela, ela agora ela tá bem gordinha, bem acima do peso dela. Então é isso. Ela que falou, falou assim “ó, minha filha, olha pra mim, vê o jeito que eu tô, cê ainda pode ter outro filho, se cê tiver outro filho então, vê se cê emagrece um pouco mais, né, vamo, vamo fazê um regime, vamo ter uma alimentação boa também. É isso.

R: Aham. Eu gostaria que você me falasse agora, Karla, três pessoas importantes na sua vida.

K: Nossa, a minha mãe, meu pai e meu irmão (responde rápido). E o Lucas. São quatro. Não, assim que, meu pai mora longe então, mas ele é muito importante, mas as três mesmo que tá sendo agora é o Lucas, minha mãe e meu irmão. Eles são a minha chapa na minha vida, são tudo assim, os três.

R: Aham. Agora nós vamos fazer então um exercício de imaginar como que cada uma dessas pessoas diriam o que é ser mãe. Então vamos pensar primeiro no Lucas. Ele é pequenininho, pode ser um pouquinho difícil pra você pensar nisso, né?

K: Aham.

R: Mas então a gente vai imaginar, você vai imaginar, se ele pudesse falar o que que é ser mãe, que coisas que você acha que ele falaria?

K: Ai, deixa eu ver... Se fosse o caso dele, assim?

R: Isso. Se ele pudesse falar pra mim ou se ele fosse me contar o que que é ser mãe, ou se ele fosse contar pra alguém, o que que você acha que ele ia falar?

K: Eu acho que é os cuidados, né? O carinho, o amor, eu acho que, que filho, é, acho que falaria isso de amor, né? De carinho. Acho que ele falaria isso, do carinho de, da mãe. Acho que é isso um pouco que filho falaria.

R: Aham. Pensando agora na sua mãe. O que você acha que ela falaria sobre ser mãe?

K: Na minha mãe? Ah... acho que a minha mãe ela falaria é, assim... da experiência de ser mãe, porque assim a minha mãe por mais que ela tenha tido dois filhos ela queria ter tido mais assim. Ela é daquelas assim que, dum tempo bem antigo mesmo que se ela pudesse ter até dez filho que ela teria dez filhos pelo amor mesmo assim que, igual ela fala, todas as gravidez dela ela teve aquela satisfação, sabe? E uma, cada uma diferente da outra mesmo e ela se realiza como mãe mesmo assim. Eu acho que ela ia falar do amor assim da, da, da mãe com a criança, sabe? Da criança com a mãe assim. Eu acho que ela falaria mais disso assim. Igual, tipo o Lucas mesmo, de amor mesmo, sabe? Isso, eu acho que seja isso, né? De, de, de como, de tanto assim, da satisfação que ela tem de, que acha bom ter filho, sabe? Eu acho que ela falaria isso.

R: Aham.

K: Meu irmão...ah, o meu irmão, ele é, ele assim, ele é do meu pensamento, de não ter filho, então eu acho mais complicado de pensar, mas meu irmão ele é secão, sabe? Então... o que seria ser mãe para o meu irmão, hein? Ele é secão com a minha mãe, comigo, então eu acho, ai...

R: Mas assim por que que você acha que seu irmão não quer ter filho? Igual você falou que ele é do seu tipo, né? Você falou assim...

K: Assim, o meu, eu acho que ele, ele, ele, porque o meu irmão ele, ele, ele é decidido assim, eu acho que ele não pretende ter filho, uma porque ele ainda tá, tá se fazendo profissionalmente assim, sabe? Ele ainda não alcançou o objetivo dele na profissão. Então ele pensa mais nisso, assim ó: “se eu ainda não tenho condição de me manter sozinho, ainda mais com filho”. Igual ele namora com a namorada dele já vai fazer cinco anos; então eu acho muito tempo assim, eu acho que já era pra eles pensar pelo menos num casamento, né? Num noivar. Nem isso os dois pensa. Então eu acho que, que é isso enquanto ele não se, não, por exemplo, não ganhar rumo na área dele, ele não pretende, num dar um, é... uma, uma volta assim, como se diz, trezentos e sessenta graus assim, eu acho que pra ele, enquanto ele não se fazer assim, não ter uma casa também, não ter uma casa, não ter um, um emprego garantido assim bem, que tá conforme a profissão dele assim, eu acho que... ele não pretende ter filho não. E eu acho que... ai, meu irmão ele gosta dessa vida de, como se diz, de viajar, então eu acho que se tivesse filho talvez mudaria isso, ele com a namorada dele assim eu acho que mudaria, sabe? Eu acho que o jeito também dos dois num, os dois, na minha forma, que os dois pensa igual, nenhum dos dois pensa em ter filho, então, eu acho um pouco que, porque eu acho assim quando a pessoa tem pelo menos em mente assim “ah, um dia”, né? Aí eu acho que já muda, né? Mas os dois nem isso um dia cê, fala, sabe? Ainda mais que veio o Lucas ele fala assim “oh, o meu filho já tá aqui”. Então eu acho que, sabe? Porque assim ele tem o Lucas como se fosse um filho também, sabe? Porque ele tem, ele tem preocupações como se fosse um pai mesmo, então igual ele fala pra mim e mais pra minha mãe assim, que ele não pretende... assim ter por enquanto assim, mas eu acho que por causa disso mesmo, pelo financeiro, ele visa mais o lado financeiro.

R: Aham. E se eu fosse perguntar pra ele o que é ser mãe, o que você acha que ele me falaria?

K: Eu acho que ele tiraria base pela minha mãe, né? Pelo carinho que ela tem com a gente, pelo, falo assim num momento de dificuldade ela nunca abandonou a gente porque por mais que o meu pai é, ele é bom, meu pai é assim, ele, eu acho que pela ausência dele ele tenta comprar o filho, sabe? Ele tenta, por exemplo, ele acha que, dando é, um presente tá agradando, já tá suprindo a, a falta dele, então eu acho que meu irmão falaria isso, pela, assim pela garra que a minha mãe tem de, de ter cuidado da gente. Porque meu pai largou a gente eu tava com, já tava todo mundo grande, eu tava assim com 10 e ele tava com 15, então já tava grande. Mas assim, acho que eu falo disso, da, porque a minha mãe ela não trabalhava, ela ficava cuidando só da casa assim, de marido, casa e filho. Depois que, que o meu pai separou dela, depois de vinte anos de casado, ela teve que voltá, começar do zero de novo, sabe? Trabalhá, de voltar a estudar, coisa que o meu pai não deixava, de, de, é, de cuidar não só da casa, mas de serviço assim, de conciliar por coisa assim de filho, escola, então eu acho que ele ia falar assim de a minha mãe ser guerreira. Eu penso isso, né? As vezes nem é isso. Mas eu acho que é, sabe? De ter garra, né? De ter, de ter, é, de cuidar de filho, é, é, no, no, porque assim, a partir do momento que a minha mãe separou do meu pai ela não quis um nada dele, dinheiro, nada. Então até então ela, ela não pegou pensão não pegou nada, sabe? Ela fez essa casa aqui sem ajuda dele de nada sabe? Então eu acho que meu irmão ia visar isso; eu acho que ele ia olhar esse lado assim da mãe ser guerreira assim, de não precisar de outras pessoas pra manter o filho, acho que seria isso, do meu irmão, né?

R: Aham. E o que que você pensa a respeito assim do que você imaginou que essas pessoas diriam sobre o que é ser mãe? Em que aspectos você concorda?

K: Ai, eu acho que eu concordo, assim, hoje eu concordo com, com, praticamente tudo, mas antes, antes não. Eu acho assim, eu, eu, eu igual assim eu falava assim de amor assim, eu falo mais de amor e carinho, é, eu, sinceramente eu, eu assim, eu sempre achei a minha mãe carinhosa, amorosa com a gente. Mas eu num, num tinha isso, sabe? Eu gostava, amava minha mãe, meu irmão, meu pai, tudo, mais... eu não dava conta de expor isso. E depois que eu tive, depois que eu passei por essa, esse momento de mãe, eu, eu pude dar conta assim, eu dou conta, sabe? De demonstrar mais o amor, assim o carinho, o respeito, sabe? Porque assim, a gente tinha amor, eu acho que os três, porque assim eu falo mais assim, do meu irmão e da minha mãe; nós três, a gente tinha assim um carinho um com o outro, sabe? Mais era uma coisa assim mais reservada, mais só nossa, sabe? A gente não se expunha assim. Eu acho também, é... depois que o Lucas nasceu, com, quanto meu irmão, quanto minha mãe eles também soube se expor, sabe? Porque até então, a nossa relação agora é mais unida do que antes, sabe? Porque é assim que, eu vinha na minha mãe, não vinha muito, mas era muito, toda vez assim que a gente vinha assim, se encontrava era de debate sabe? Era de brigar com um, discutir com outro. Hoje em dia aqui em casa cê não vê isso, discussão assim. Quando vê, ou é mais pelo meu irmão, porque meu irmão ele é, ah, ele é turrão demais, ele é assim ignorante um pouco das coisa, sabe? Ele é mais nervoso assim. Então até isso o Lucas acalma ele, sabe? Igual assim, por exemplo, se acontece alguma coisa assim no serviço dele, antes ele trazia pra cá sabe? Aí descontava tudo na minha mãe ou em mim, hoje em dia não, sabe? Hoje em dia ele tá dando conta de guardar pra ele assim, não estourar com as pessoas. Então eu penso que foi depois que o Lucas nasceu. Porque antes é, a gente fala, ele ou minha mãe ou eu a gente falava em tom alto um com o outro. Hoje em dia por ter o Lucas, a gente fala mais em tom baixo, sabe?

R: Aham.

K: Porque antes era tudo gritaria, agora não, agora também um motivo, pra não acordar, sabe? Tudo é motivo de, de falar mais baixo. Então acho que é isso. Assim, aqui em casa mudou muito, sabe? É, assim, o nosso relacionamento de filho, mãe, tudo mudou depois que o Lucas nasceu. É... que por mais que eu tava casada, a minha mãe, o meu pai, mesmo, me tratava como se eu fosse uma criança ainda, sabe? Como se... eu num dava conta de fazer nada, como se eu fosse incapaz ainda, hoje em dia não, hoje em dia eles me trata como se eu fosse uma mulher mesmo, com filho, com... sabe? É... me trata com respeito hoje assim, eu falo. Eles me trata melhor do que antes um pouco até, acho que até mudou, assim foi até melhor (risos) o Lucas ter vindo porque hoje em dia a gente trata o outro com respeito, coisa que não havia, sabe? Por mais que havia amor o respeito faltava um pouco. Então eu acho que foi que, o que melhorou foi isso, o respeito aqui em casa. Que a gente teve, né?

R: Aham. E, Karla, e se fosse pra você contar pra uma mulher da sua idade, né? Agora pensando que você vai contar pra uma mulher de vinte, vinte e poucos anos, o que que é ser mãe, que coisas que você falaria pra ela?

K: Nossa, é assim, eu... assim, eu falo assim, por mais que eu falo que eu não quero ter mais filho, a experiência de ter um filho pra mim tá sendo assim maravilhosa. Lógico que eu ia falar pra ela ter mais cautela, né? Se cuidar mais, se prevenir, não só com o filho, acho que, com as doenças também, né? Porque por mais que cê tá casada, cê pode pensar assim ó “eu não ando com, com ninguém, mais vai saber meu marido, meu esposo, né?”. Então eu acho que mais pelo, pra prevenir mesmo, pra ela ter a cautela porque hoje em dia quanto mais cuidado melhor. Mas é pelo fato assim, dela, né, pensar direitinho se quer ter mesmo o seu filho, por mais que a experiência é maravilhosa, eu acho que assim eu ia falar pra ela, né, pensar, primeiro estudar, né, ter condições mesmo de ter um filho, pra depois pensar

nisso, né? Porque assim eu acho muito difícil ser mãe solteira. Igual assim o meu serviço dá, eu dou conta de manter uma casa, pelo meu serviço eu dou conta de fazer tudo isso, de manter um filho. Mas eu penso assim, eu não penso em mim, eu to, eu penso na criança agora. Porque, por exemplo assim, eu ponho ele na escolinha, né, aí tem uma confraternização de pais; cadê o pai? Porque por mais que eu, que eu saiba que o, que o pai dele tem amor, mas não é aquele amor como se fosse no dia a dia, sabe? Então eu, eu assim, às vezes assim eu fico com receio, por exemplo, um professor ou um amiguinho falar assim “cadê seu pai?” sabe? E ele falar assim ah, “meu pai foi embora, meu pai não mora comigo”. Eu acho isso um pouco doloroso assim, eu acho que por isso que no começo eu não aceitei a gravidez, foi por causa disso um pouco também. E eu, eu falaria pra ela ter mais cautela, pra pensar direitinho se é isso mesmo que ela quer porque filho muda completamente a sua vida. Se for uma, uma, uma assim, uma jovem que gosta de sair isso aí pra ela um pouco vai acabar, o passeio assim, festa à noite assim, porque o seu filho toma conta da sua vida. Se for, é igual assim, pela minha mãe assim também, porque a minha mãe ela deixa a dificuldade toda pra mim, mesmo assim eu, eu nunca fui de sair, mas se fosse eu pra sair e ela cuidar ela não cuidaria, sabe? Então a pessoa tem que pensar muito, né? E se cuidar. Porque igual eu falo, se eu não quisesse filho também eu tinha me cuidado e eu não preveni de forma, de nenhuma maneira; eu não fazia tabelinha, não tomava anticoncepcional, então eu queria também, né? Porque se eu não quisesse eu tinha me cuidado melhor. Então eu falo, eu falaria pra ela pensar direitinho se é isso mesmo que ela quer pra vida dela, porque filho é pra sempre, e olha que dura. É igual a minha mãe fala, “filho é bom, mas dura” (ao imitar a voz da mãe coloca uma intensidade na palavra dura), então, né, tem que, a pessoa tem que ter responsabilidade e assim, né? Porque a vida dela vai mudar completamente, porque a vida dela agora vai ser em torno do filho, não só mais dela, né, ou do marido ou do namorado, vai ser em torno do filho e o filho depende assim da mãe principalmente, em tudo. Porque pai não, pai é, por mais, por exemplo, que eu tivesse com o meu esposo a minha vida ia totalmente no filho, né? Não ia nem em torno mais do marido, mas mais pro filho. E o pai, por mais que o pai tem amor e tudo ele não é, ele é mais assim secão, né?

R: E por que que você acha que isso acontece? Você tá me falando assim que a vida da mãe depois que vem a criança gira mais em torno da criança, né, e a do pai nem tanto?

K: Porque eu acho assim, que o, que o filho é mais, eu penso assim, que a mãe por ela por cuidar do filho, ela se torna mais, o filho se torna mais dependente da mãe. Porque assim eu tenho assim, eu tenho, eu tenho base também do meu pai porque meu pai quando ele teve a gente ele foi muito... cuidadoso, sabe? Ele via que a minha mãe tava cansada e falava assim “Não, Vanda, vai dormir um pouco, que agora eu olho os menino”. Então também vai de pessoa pra pessoa né? Eu não posso as vezes julgar todo mundo de uma tal maneira. Mas eu acho que vai de cada pessoa. Talvez... eu, mas eu penso assim, o pai por ele trabalhar fora, acho que a mãe que fica mais em torno da criança então a criança depende mais da mãe, pelo motivo... pelo pai trabalhar, chegar só a noite, então eu penso dessa maneira.

R: Você consegue imaginar assim essa situação sendo diferente? Hoje há muitas mulheres que trabalham...

K: É, eu trabalho.

R: E aí, você consegue pensar diferente?

K: É... é, igual assim, eu volto o mês que vem, né? Eu acho que aí, depois agora que não vai, vai, vai, que, que a vida do Lucas não vai ser totalmente dependente a mim, né? Porque vai ter uma outra pessoa que vai cuidar dele e tal, e aí vai tê que, o laço um pouco vai ser quebrado, né? Porque eu vou voltar a trabalhar, então eu não vô tá convivendo com ele 24 horas, assim eu vou tá só uma parte do tempo. Então eu acho que... vai ser assim um aprendizado pra mim também porque eu, eu ainda não sei como é lidar com filho com eu

trabalhando, porque até então eu tentei só que por ele não adaptar à mamadeira, eu tive que retornar, sabe? Eu tive que pegar férias. Então pra mim também vai ser uma experiência nova porque vai ser, eu acho que... Igual assim, se eu pudesse eu não voltava a trabalhar agora porque ah, eu queria ter essa fase assim de cuidar mesmo, até um ano assim, eu queria cuidar dele, sabe? Mas assim, por eu, pra assim, porque se eu for também só depender de pensão eu vou acabar precisando de apoio porque... por mais que o pai dele ajuda e tudo, mas o serviço pra mim, é o que eu falo assim, no, na renda mesmo é o essencial. Então pra mim vai ser uma experiência nova também porque eu ainda não tive essa, essas fases de, de trabalho, de, né, porque agora por mais que a gente, que assim, eu não queria ele vai ter que... né? Aos pouquinhos ele vai ter que ir se adaptando, né, também, à, à ausência da mãe também, né?

R: E como você acha que que vai ser pra você? Como que você imagina?

K: Ai, assim só de eu pensar assim pra mim já é doloroso, sabe? Ter que deixar o meu filho pra eu trabalhar. Igual, eu fui duas semanas, mas as duas semanas que eu fui eu levei ele, né? Porque eu não, não dei conta de fazer com que ele pegasse a mamadeira, o leite, né? Outro tipo de leite. Então assim, ai, vai ser meio dolorido, doloroso, porque assim eu lá no meu serviço vou tá pensando assim “ai, será que ele tá chorando? Ai, será que a menina tá dando mamá pra ele direitinho no horário certo? Será que ele já tomou banho?” Sabe? Eu sempre vou tá lá, mas com, e o pensamento aqui. Então eu acho que até ele vê, ele começar a aprender a fazer as coisas sozinho, no meu serviço eu num vô tá cem por cento no meu serviço, eu sempre vô tá pensando aqui, sabe? E o, e ah, assim, ah, uma outra coisa, eu acho que vai ser doloroso não só pra mim como pra ele também pela ausência da mãe assim, pela falta que eu vou fazer, sabe? Eu penso que pra ele também vai ser doloroso assim essa separação, sabe? Porque ele ficava, porque a gente fica junta, grudado um com o outro vinte e quatro horas praticamente, né? Então eu acho que quando eu voltar a trabalhar vai ser mais doloroso também, não só pra mim, mas como pra ele também.

R: Aham. E como que você imagina que você vai conseguir lidar com essa situação assim dolorosa?

K: Eu acho que dá, é, assim aos poucos a gente vai acostumando, né, também, é, aos poucos cê vai lidando mais. É igual assim quando cê trabalha cê tem duas horas, cê pode sair duas horas mais cedo, então essas duas horas talvez seja, vai tá começando a fazer diferença um pouco, né, porque eu tenho, eu tenho que acostumar ele com essa ausência sabe? É, a pessoa que vai ficar com ele assim tem que pelo menos um pouco suprir a falta que ele vai sentir de mim, né? Então... eu acho que assim vai ser, é tudo é... uma, um tipo de adaptação, sabe? A gente tem que conciliar tudo. Porque a gente também não pode parar a nossa vida por causa do filho, né? Porque senão a gente para de viver. Igual assim eu pretendo voltar os meus estudos, então, sabe? Eu acho que, eu, o que eu to fazendo eu to pensando no, no melhor pra ele. No, agora, como se diz, eu não penso em mim mais como eu pensava antes agora eu penso mais nele, né? Então o que eu fazê vai ser pra melhorar a vida dele, pra mim dá um conforto melhor do que eu dou pra ele hoje. Então é isso que eu penso.

R: Aham. E se você se imaginasse daqui há um ano, né? Então vamos pensar em 2009.

K: Aham.

R: O que você acha que seria ser uma mãe pra você?

K: Olha eu acho que, por exemplo, daqui um ano né? Ah, eu acho que a sensação vai ser... melhor, sabe? Porque assim eu já vou tá com mais é, mais responsabilidade. É assim, eu, eu vou, eu vejo mulher mesmo, sabe, depois, é, daqui há um ano. Porque eu ainda tenho umas falhas, eu ainda, eu ainda, eu às vezes eu me acho meio criança ainda, sabe? Então eu acho que daqui um ano eu vou ser a minha responsabilidade vai ser mais madura, eu acho que eu vou ser uma pessoa mais madura, sabe? Eu acho que, em tudo eu acho que vai ser, eu vô tá

mais madura assim. Em relação a filho também, tudo, no trabalho eu acho que vou tá mais madura, mais responsável do que, aos poucos eu tô, eu tô sendo, sabe? Eu acho que em um ano é isso mesmo que pesa, que vai pesar mais, é assim... a responsabilidade que eu vou criar.

R: Aham. Você me falou assim que você acha que você ainda tem algumas falhas, que tem momentos que você se acha um pouco criança. Em que momentos que você se acha assim?

K: É...ah, qué vê? Assim às vezes é, por mais que eu, que eu, eu tenho que cuidar dele, as vezes eu quero passar essa res, res, esse trabalho pra minha mãe sabe? Porque assim na hora de dormir, assim no acordar, no dormir, às vezes eu quero dormir mais que ele, sabe? E agora é igual a minha mãe fala, minha mãe vira pra mim e fala assim “Karla agora cê tem que vê que cê tem um menino pequeno e ele não qué dormi até o horário que cê qué”. Que igual, o Lucas acorda seis horas da manhã e eu acho que ele acordou cedo, “menino vai dormir” eu falo assim, sabe? Então é uma coisa assim que eu ainda quero que a minha mãe, que eu faço, que eu quero que a minha mãe faça, sabe? Porque por exemplo, se ele acorda de manhã, por exemplo, eu dou mamá nem que eu volte a dormir e ela vá olhar ele. Então é, é nessas horas que eu penso assim que às vezes a ficha ainda não caiu, sabe? Que aos poucos tá caindo, porque é igual a minha mãe fala “minha filha agora a responsabilidade, os meus já tão tudo criado, agora é você mesmo”. Porque assim a minha mãe... por mais que eu falo assim “ah, eu não vou ter filho mais”, né, mas é igual ela fala, se ela pegá essa responsabilidade pra ela com o Lucas, dela cuidar, dela, sabe? Aí ela acha assim que aí eu vou ficar mansa e vou e arrumo outro, entendeu? Porque assim a minha mãe ela me aconselhou muito, “não minha filha, toma remédio, não arruma não, não arruma não”. Mas assim então é, eu não tomava um pouco também porque eu fui num ginecologista e assim eu tinha que fazer tratamento pra fazer filho então eu não tomava remédio porque eu não me preocupava assim “ah, já que eu vou ter que fazer tratamento então eu não preciso tomar remédio agora” e... veio, entendeu? Então um pouco eu tento passar o Lucas pra ela.

R: E por que que você acha que sua mãe falava pra você tomar remédio e evitar?

K: Porque ela sabia que se eu arrumasse filho ele ia me largar, sabe? Ela, ela, sempre no começo, ela teve isso em mente. Até então quando eu fui morar com ele, a gente foi, foi casar mesmo ela falou assim “Karla, é isso mesmo que você quer pra sua vida? Não faz isso não, cê tá nova, acaba seus estudos, ele vai te prender muito”. Porque assim eu namorando ele era uma coisa, sabe? Depois que a gente foi morar junto assim, que a gente casou mesmo ele se transformou em outra pessoa, não era o Luís Felipe de quando a gente namorava. Porque quando a gente namorava ele freqüentava a minha casa, aqui em casa, ele freqüentava, por exemplo, tinha festa de família, ele freqüentava com a maior boa vontade. Depois que a gente casou tudo mudou. Pra mim vim aqui na minha mãe era um tormento, sabe? Eu tinha que pedir uma semana antes, ele... ele me prendeu, sabe? Eu tinha que andar da forma que ele queria. Então aí minha mãe mesmo falava “minha filha não arruma filho, não arruma filho, porque se sua vida já é desse jeito sem filho imagina com filho ele vai te largar, ele não vai querer, ele não quer e tal”, e eu acho que eu não ouvi um pouco ela, mas um pouco tempo eu acho que é porque eu pensava assim “ah, eu tenho que fazer tratamento, mãe, fica despreocupada que eu não vou arrumar filho”, mas mesmo eu é, assim ela sabendo que eu tinha que fazer tratamento ela falava pra eu me cuidar “oh, minha filha, toma remédio, né, porque assim cê num sabe né, direitinho, toma remédio, num deixa de se cuidar não”, mas eu não ouvia e aconteceu e foi que, o que ela disse pra mim foi dito e feito, que igual ela, assim, um mês, um mês antes eu já sabia que eu tava grávida sabe? Mas eu contei pra ela eu tava de cinco meses já, aí ela falou, falou assim, “oh, minha filha”, um mês antes dela, de eu falar pra ela que eu tava realmente grávida ela falou assim “minha filha, não arruma filho porque ele não vai ficar com você se você arrumar” e foi dito e feito, sabe? Aos pouquinhos ele foi largando, ele foi saindo de casa, é, aos pouquinhos. Então eu

acho assim se eu tivesse ouvido ela, hoje em dia, assim eu agradeço a Deus por ter meu filho, mas talvez seria diferente, sabe, a minha vida. Ou talvez seria assim da mesma forma que era antes assim, mas se eu tivesse ouvido ela, me cuidado talvez eu daria um outro rumo assim, né, na minha vida.

R: Aham. Se você pudesse, Karla, mudar alguma coisa no papel de mãe o que que você mudaria?

K: Oh, eu acho que... acho que é igual eu te falei, eu ainda tenho muitas falhas, sabe? No, no cuidar, eu ainda tô meia, meio lerda assim sabe? È, às vezes eu penso que, às vezes eu penso que eu tenho que cuidar melhor do que eu já cuido assim, sabe? Porque às vezes assim ele acorda, mas ah, eu tô com sono eu tô com preguiça e eu não quero levantá e ele quer acordá, ele quer levantá, porque ele já tá cansado de ficar deitado, sabe? E eu vô e falo “ah, mãe levanta aí, pega ele e tal” e volto a dormir. Então é nesse ponto assim que eu queria mudar, sabe? E já levantar cedo e falar “ah, meu filho vamo dar uma volta” porque assim, igual assim, ele gosta de ficar ali fora, sabe? De ver o movimento e eu já não gosto. Então, é igual a minha mãe fala “ah, minha filha cê tem que fazer não é pra você, fica um pouquinho com ele lá fora, não custa, sabe?”. Então nesse, é mais ou menos nesse ponto aí que eu preciso, deveria melhorar, sabe, no cuidar direitinho assim, de pegar ele e “ah, vamo dar uma volta” porque no começo até os, os dois meses ele gostava de ficar, ele num, num, ele ainda tava aprendendo, reconhecendo as coisas assim, então ele não se importava de ficar só preso aqui dentro de casa. Agora não, agora ele qué vê o movimento assim, por ele já tá enxergando assim mais direitinho, ele gosta de ir lá fora, ele gosta de brincar assim. Porque assim eu sou muito, eu sou muito calada, então quem briga com ele e é de ficar lá fazendo gracinha é a minha mãe, mas é igual eu falo eu tenho que mudar esse meu jeito, eu sou muito travada, eu... È igual cê tá aqui, eu to até me estranhando porque eu tô conversando muito, mas eu não sô de conversar. É igual a minha mãe fala, a minha mãe tá de férias, aí ela fala “nossa, Karla, é ruim demais ficá aqui com cê, cê num conversa”. Ela assim, ela puxa o assunto, eu respondo, se ela não puxar mais, eu fico calada, entendeu? É igual ela fala, “ah, Karla”, porque assim eu vim aqui pra minha mãe, mas eu não desfiz a casa, sabe? Eu ainda tenho a casa montada. É igual ela fala “ah, Karla se cê for com o Lucas pra lá, nossa senhora, ele com um ano não vai, não vai tá falando nem mamãe porque cê não é de conversar”. Então é nesse ponto aí que, sabe, que eu tenho que trabalhar, sabe? Porque eu não sou de conversa assim, eu sou mais, eu sou muito calada, então eu acho que nesse ponto aí que eu tenho que mudar também porque eu tenho que brincar com ele, e eu... é, uma, é, eu não dou conta, é...uma eu, eu, não sei, é uma trava que eu tenho, eu não dou conta de ficar “ah, cut cut ah, bebezinho”, não dou conta, ainda. Assim aos poucos eu tô começando a brincar, mas ainda eu não dou conta, quem brinca mais com ele, conversa mesmo, é de conversar pra ele conversá também é minha mãe e meu irmão. Eu, às vezes eu to com ele assim na cama deitada, eu fico mexendo com os bonequinhos, mas muda, sabe? Então é nesse ponto que eu também, que eu penso que eu tenho que mudar muito, é no conversar, porque agora eu que tenho que conversar pra ele, né? Então é nesse ponto que eu penso que eu tenho que mudar, é o meu jeito que eu tenho que mudar.

R: Se a gente fosse pensar um pouquinho assim, porque tem algumas características que a gente costuma atribuir à mãe, né, “ah, isso é coisa de mãe”... E se você pudesse modificar alguma dessas características que a gente fala que é de mãe, tirar alguma coisa, colocar, o que que você modificaria?

K: Ó, eu, olhando assim pela minha mãe, né? Espelhando pela minha mãe. Ah, eu acho que o carinho assim. É igual eu te falei assim, eu ainda tô aprendendo (pronuncia o aprendendo bem lentamente como: a-pren-den-do) a ter carinho assim, sabe? É, a minha mãe é daquelas mãe super mãe mesmo que ela deixa de comer pra dar pro filho, sabe? Eu ainda não sou desse jeito, sabe? Eu, eu, eu às vezes eu, eu tô aprendendo, deixar de fazer alguma coisa pra

mim pra fazer pro Lucas. Igual assim, eu sou apaixonada com sandália, então eu tenho que pensar assim “Não Karla, agora eu tenho... dá pra comprar pra mim também então eu vou comprar pro meu filho também” sabe? Então eu acho que é nesse ponto aí, eu tenho que parar de pensar só em mim mais pra pensar nele também, porque igual a minha mãe, minha mãe deixa de fazer tudo, se ela precisar, ela precisa de uma roupa, ela deixa de, pra, pra dar pra mim e pro meu irmão, até hoje, e olha que a gente tudo é de maior já, os dois trabalha e os dois dá conta de si próprio. Mas ela deixa de fazer as coisas pra ela, pro bem dela, pra fazer as coisas pra mim e pro meu irmão. Então eu acho que um pouco também eu tenho que, eu tenho que aprender, eu tenho que aprender a fazer isso também, sabe? Assim, sabe, um pouco, deixar de olhar só pra mim, olhar mais pra ele porque ele depende totalmente de mim, de tudo, de roupa, de, de tudo, então eu tenho que pensar mais nele agora. Então eu acho que é nesse ponto que eu ia olhar na minha mãe, espelhar na minha mãe, é nesse ponto.

R: Aham. E tem alguma coisa assim que você acha que você deve aprender mas que você não gostaria de aprender? Que você gostaria que mudasse, que não fosse preciso que você aprendesse?

K: Uai... ai, assim em mente agora, agora assim te falar nisso assim agora, eu acho que não. Por enquanto não, por enquanto eu tô tentando, né, aprender assim as coisas aos poucos. Mas é, falar assim ah, tem alguma coisa específica agora, eu acho que não, eu acho que não tenho não.

R: Aham, tá certo. E tem alguma coisa que eu não te perguntei, Karla, mas que você acha importante que eu saiba ou alguma coisa que você queira me contar?

K: Não (risos). Não, eu acho que não, eu acho que você perguntou tudo o que assim eu tava em mente também. Eu acho que não, acho que não. Não, não tem não.

R: E como que foi ter essa conversa?

K: Foi assim, foi legal, foi uma experiência boa, sabe? De falar o que eu tô sentindo depois que eu fui mãe ou como que foi antes de eu ter o Lucas e tal. Foi uma experiência legal, foi... e foi até uma base de, de... Foi bom conversar, sabe? Coisa que eu não faço muito igual eu falei pra você que eu não sou muito boa assim. Então foi legal falar assim porque igual assim parente esses trem nunca pergunta “ah, como que cê tá? Como que tá a experiência de ser mãe assim?” As pessoas não é muito de perguntar, só pergunta assim “Ou, o bebê como que tá? Cê tá cuidando bem? e tal. Então foi uma experiência boa, eu gostei, de, de, de falar o que eu sinto, sabe? O que que tá acontecendo tal, foi legal, foi uma experiência legal.

R: E o que que pra você foi assim o melhor de falar um pouco dessas coisas?

K: Eu acho que a maneira como eu tô... vendo a vida depois que ele nasceu assim. È eu falo assim da responsabilidade no trabalho, com ele próprio e tal, eu acho que foi isso. Foi isso assim... sabe? De, de ver como que as coisa, como que a minha vida mudou desses quatro, desses, né, um ano digamos assim, né; um ano e pouquinho, desde do, da gravidez em si. Porque assim é, é igual eu falo eu sou uma pessoa de duas, eu fui, quando eu engraidei eu fui uma pessoa de duas fases assim, de duas, de duas cara, né? Porque na minha gravidez no meu serviço, é, no meu trabalho eu tava aos prantos mas eu tentei ficar firme, né, que, por exemplo, eu ia pro meu serviço dum jeito aí quando eu chegava na minha casa eu era... eu, era outro. A Karla forte que tava no serviço dela já não era mais quando tava dentro de casa, na minha gravidez. Mas assim depois que eu vim pra minha mãe mesmo, que eu voltei pra casa assim que eu aceitei mesmo a gravidez, que eu aceitei poder falar assim “agora eu posso... vamo pensá no chá de bebê, vamo pensá no enxoval, vamo pensá”, foi só depois que eu voltei pra cá, depois que eu voltei e comecei a conversar com a minha mãe assim, que a minha mãe conversou, começou a falar o que é ser mãe pra mim “ah, Karla cê vai adorar, cê vai vê que a dor que cê tá passando agora num, não é, num, num vai, cê vai

vê que o Lucas vai, vai suprir todas as suas dores, é ele que vai te dar alegria”. E realmente, hoje eu vejo que o que eu sofri pelo pai dele foi aquele sofrimento em vão porque eu acho que eu num, eu num, eu não precisava, eu precisaria disso, sabe? Que eu acho que foi, eu acho que eu amava mais o pai dele do que eu mesma. Eu dava mais valor no pai dele do que eu dava na minha vida E hoje em dia eu vejo que, nossa, se eu pudesse voltar no tempo eu teria ele, mas sem sofrimento nenhum. Porque depois que ele nasceu o pai dele não fez falta nenhuma sabe? Então num é, é, é nesses pontinho que a gente vê o quanto a pessoa é importante ou num é, porque eu acho assim que se, é... Se eu desse mais valor assim, porque se eu tivesse aproveitado na gravidez; se eu falasse assim pra você que eu aproveitei a minha gravidez “ah, eu aproveitei a minha barriga, eu, eu falei de boca aberta pros outros que eu tava grávida”, eu não falei, sabe? Se assim, se você chegasse assim e falasse “ah, Karla, cê tá grávida?”, eu te respondia. Se não, eu não te falava. Eu deixava eles ficar com ponto de interrogação se eu tava ou não, sabe? Então eu não aproveitei assim, eu tinha meio que vergonha sabe, de tá... grávida, de tê... separado. Então foi um pouco disso. Então hoje em dia não, hoje em dia a, a presença, a vinda dele mudou isso em mim. E aos poucos tá me mudando também, o jeito de eu ser, sabe? De eu ser uma pessoa fechada já tô ficando mais aberta assim ao diálogo assim sabe? Então isso muda, ele tá me mudando aos poucos.

R: Aham. Você falou assim pra mim que você geralmente é calada e que você tá até estranhando, né?

K: É (rindo).

R: E o que que você acha que te fez assim falar muito durante a nossa conversa?

K: Ah, eu acho que assim... Eu gosto, hoje em dia eu gosto de falar dele, sabe, da experiência assim de mãe, de eu tá cuidando dele... (Dirigindo-se ao Lucas que acordou no carrinho com uma voz carinhosa, “Oh, tchu tchu, cê acordou?”). De, de conversar assim, dele assim sabe? De falar como que tá sendo a minha experiência porque eu, ah, eu tô adorando ser mãe assim, por mais que eu falo assim ah, eu não queria, não queria, não queria, hoje em dia eu tô adorando essa fase minha. Que se eu pudesse eu não parava, não, não, eu fixava numa idade dele só e parava sabe no tempo. Mas assim, ih, tá sendo muito boa. Porque assim, ele de ontem pra cá ele tá, já mudou um pouco sabe? Se, se for olhar pra ele desde o nascimento dele, nossa, meu filho tá crescendo assim num piscar de olho, assim dos olhos, sabe? Daqui uns dias eu não vou ter mais aquele nenê aquele bebezinho, ele vai tá um rapazinho, sabe? Então o que eu puder, o que eu, eu penso assim eu tento... suprir tudo assim, eu acho, tudo o que eu puder me apegar nele assim eu tento. De dar amor, carinho, sabe, de, de beijar. Eu acho assim eu acho que às vezes ele fica até meio fadigado de tanto que eu beijo ele, de tanto que eu aperto. Então é isso que eu penso. Ele me mudou muito.

R: E em que que você acha, Karla, que te ajuda a ter essa conversa? Porque você falou pra mim ah, os parentes não perguntam muito, né? E aí eu tô aqui te perguntando essas coisas. E no que que você acha que te ajuda?

K: Assim, eu acho que um pouco, é, por eu não ter muitas amizades porque eu fui casada, então eu tinha amizade só com pessoas casadas, então eu acho que é por causa disso, eu acho que eu fico muito tempo calada aí quando aparece alguém eu quero já puh, falar sabe (rindo), conversar demais. Então eu acho que é por causa disso, acho que por eu só conversar assim com pessoas mais velhas, e minha, igual assim a minha mãe, a minha mãe conversa muito comigo, mas é assunto assim de trabalho dela, é coisa que assim não tem muito a ver comigo sabe? Então eu acho que quando aparece uma pessoa que pergunta de mim ou pergunta do Lucas eu acho que eu empolgo mesmo e vô, vô falando tudo assim. Eu acho que é por causa disso mesmo.

R: Aham. Entendi. E aí eu queria saber assim, o que que falar de você e falar do Lucas te ajuda nessa experiência sua?

K: Ah, eu, eu acho assim que... é tipo que eu expor o que eu tô sentindo na hora assim, sabe? Porque... é assim, eu tive, igual eu te falei, eu tive dificuldade em aceitar, mas depois, agora que eu aceitei também, agora assim pra mim tá sendo maravilhoso essa experiência. Só que eu acho que, eu assim falando com alguém, parece que tira a, como se, se tirasse um peso, sabe? Como se eu falasse assim “nossa, eu tô conseguindo aos poucos me abrir com alguém, com as outras pessoas assim. Porque eu era assim, eu era uma pessoa assim depois, antes de eu ter ele, porque eu conversava com as pessoas só se eu tivesse muita intimidade, sabe? Se eu não tivesse eu não conversava não. Eu conversava assim o básico “ah, como foi no trabalho, tal, cê trabalha de que assim”. Mas assim depois que eu tive ele eu tô tentando ter um diálogo com as outras pessoas também, sabe? Porque eu acho que vai ser muito importante pra mim porque... eu falo assim no trabalho, por exemplo, se ele precisa de um remédio eu tenho que ligar e falar assim ó “meu filho tá precisando, ele tá com isso e isso isso”. Então eu vou ter que tê um diálogo com a pessoa que tá do outro lado pra ela sabê me receitar um remédio. Então eu acho que é isso. Igual, por exemplo, eu tiro também conta no pediatra. A minha mãe, por mais que a minha mãe vá comigo, ela deixa pra mim falar e eu tenho vergonha assim, eu, eu ainda tenho vergonha de falar com as pessoas, sabe? Pessoa que eu não conheço assim, eu tenho vergonha. Então, as vezes assim, eu falo assim “ah, não mãe, fala ocê”. Igual no pediatra assim, a gente vai todo mês e eu fico assim “ah, não mãe fala, cê tá convivendo cê sabe o que que ele tem, o que que tá sentindo o que num tá”. Só que a minha mãe ela fala assim “não, minha filha, o filho é seu, cê que tem que falar, ué. O pediatra vai olhar é pra você, não é pra mim”. Então é, é isso porque assim eu, eu no meu trabalho lá, eu lido com muitas pessoas só que eu não sou de conversar, eu converso o essencial, o básico mesmo. E eu acho que o que ele tá me ajudando é nisso, é ter diálogo com as pessoas assim, porque aos poucos eu tô me abrindo mais, eu tô conversando mais, sabe? Então eu acho que é, a minha gravidez, assim a maternidade ajudou eu isso, nisso, a ter diálogo mais com as pessoas, mais que eu já, assim, conversar além do que eu conversava, sabe? Não conversar o básico “oi, tchau, como cê tá”, mas conversar mais, sabe? Então eu acho que é isso um pouco que, que tá ajudando, que eu penso, tá me mudando, né?

R: Aham. Entendi. Tem mais alguma coisa que você queira compartilhar?

K: Não.

R: Que você esteja pensando?

K: Não, só isso mesmo. (risos)

R: Bem, eu te agradeço muito. Acho que você ficou à vontade na conversa e isso me deixou à vontade também.

K: Fiquei! (sorrindo)

R: Eu também.

K: Nossa, achei que eu te conhecia há muito tempo! (dá umas gargalhadas)

R: Aham. Foi gostosa a conversa. E é, eu te agradeço muito pela sua disponibilidade de contar coisas assim, da sua vida, né, da sua experiência. Muito obrigada.

K: Não, foi bom também pra mim, eu agradeço a sua presença aqui. Foi um, um, um assim, um momento de eu expor, né, o que eu sinto, de como, de, de falar também do meu filho, da experiência de como foi tê-lo e tal. Foi uma experiência legal assim a nossa conversa, foi, foi boa.

R: Que bom!

K: Aham. Foi legal!

(Eu desligo o mp3 e agradeço novamente, ajeito as minhas coisas e então me despeço. Ela me acompanha até a porta, agradece novamente e eu também. Então nos despedimos e eu vou embora).

Apêndice 4: Termo de Consentimento Livre e Informado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - CURSO DE MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA APLICADA

Bloco 2C – Sala 46 – Campus Umuarama – Uberlândia MG – CEP 38400-902 – CP 593 - Fone: (34) 32 18-2701
Site: www.pgpsi.ufu.br - E-mail: pgpsi@fapsi.ufu.br

Eu, _____,
aceito participar do estudo intitulado “Os sentidos de maternidade para mulheres que vivenciam o puerpério” realizado por Renata Leite Cândido de Aguiar Moreira sob a orientação do Prof. Emerson F. Rasera.

Declaro estar ciente que este estudo tem a finalidade de refletir sobre questões envolvendo a vivência inicial da maternidade e que minha aceitação significa que concordo em participar de uma entrevista individual, gravada, respondendo questões sobre ser mãe e ser mulher.

Fui assegurada de que esse trabalho será desenvolvido dentro de todas as condições éticas e técnicas conhecidas de modo a minimizar os riscos à minha saúde mental e que poderei me beneficiar dele, na dependência do meu envolvimento. Entre os possíveis benefícios deste trabalho estão a diminuição de medos e ansiedades e a possibilidade de se pensar em novas formas de se vivenciar a maternidade.

Declaro também que:

- a) Estou aceitando voluntariamente, e sem remuneração, a participação nesse estudo, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso;
- b) Posso deixar de participar do estudo, a qualquer momento, se eu desejar, sem que isso me cause qualquer prejuízo;
- c) Outras possibilidades de atendimento psicológico serão oferecidas, a critério da psicóloga, em qualquer momento da entrevista que eu venha a necessitar, bem como em caso de minha desistência na participação do referido estudo;
- d) Fui assegurada que minhas informações serão utilizadas somente para fins de pesquisa, cujos resultados serão sempre divulgados de forma a não me identificar;
- e) Fui assegurada de que as fitas resultantes da gravação das entrevistas serão destruídas após a transcrição das mesmas, sendo que o material transcrito consistirá um banco de dados para ser utilizado em futuras análises, garantindo, com a destruição das fitas, que eu não seja identificada;
- f) Poderei entrar em contato com a pesquisadora Renata Leite Cândido de Aguiar Moreira (*) e com o PROF. EMERSON F. RASERA (*) para tratar de qualquer situação relacionada à minha participação nesse estudo, caso eu julgue necessário.

Pesquisador: _____ Assinatura: _____

Participante: _____ Assinatura: _____

Araguari ____ de _____ de 2008

* Pesquisadora: Renata Leite Cândido de Aguiar Moreira – Instituto de Psicologia da UFU – Av. Pará, 1720, bloco 2C, Fone: 32182701.

*Prof. Emerson Rasera – Instituto de Psicologia da UFU – Av. Pará, 1720, bloco 2C, Fone: 32182235.

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia – Fone: 3239413

ANEXOS

Anexo 1: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



Universidade Federal de Uberlândia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP
Av. João Naves de Ávila, nº 2160 - Bloco J - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG -
CEP 38400-089 - FONE/FAX (34) 3239-4531

**ANÁLISE FINAL Nº 479/07 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO
REGISTRO CEP/UFU: 256/07**

Projeto Pesquisa: "OS SENTIDOS DE MATERNIDADE PARA MULHERES QUE VIVENCIAM O PUERPÉRIO"

Pesquisador Responsável: EMERSON FERNANDO RASERA

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

O CEP/UFU lembra que:

a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.

b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.

c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Data para entrega do Relatório Final: Fevereiro/2009

SITUAÇÃO: PROTOCOLO DE PESQUISA APROVADO.

Uberlândia, 07 de Dezembro de 2007.

Prof. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado
Coordenadora do CEP/UFU

Orientações ao pesquisador:

(Para parecer Aprovado ou Aprovado com Recomendações)

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 - Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.5) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e). O prazo para entrega de relatório é de 120 dias após o término da execução prevista no cronograma do projeto, conforme norma da Res. 196/96 CNS.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)